

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Ettore Stefani de Medeiros

**TEXTOS VERBO-VISUAIS DE HOMENS QUE SE RELACIONAM AFETIVO-
SEXUALMENTE COM HOMENS: TE(N)SÕES ENTRE MASCULINIDADES
NO APLICATIVO *GRINDR***

Belo Horizonte

2018

Ettore Stefani de Medeiros

**TEXTOS VERBO-VISUAIS DE HOMENS QUE SE RELACIONAM AFETIVO-
SEXUALMENTE COM HOMENS: TE(N)SÕES ENTRE MASCULINIDADES
NO APLICATIVO *GRINDR***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

Linha de Pesquisa: Textualidades Mediáticas

Orientador: Prof. Dr. Carlos Magno Camargos Mendonça

Belo Horizonte

2018

301.16 Medeiros, Ettore Stefani de
M488t Textos verbo-visuais de homens que se relacionam
2018 afetivo-sexualmente com homens [manuscrito] : te(n)sões
entre masculinidades no aplicativo Grindr / Ettore Stefani de
Medeiros. - 2018.
157 f.
Orientador: Carlos Magno Camargos Mendonça.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia

1.Comunicação – Teses. 2.Homossexualidade – Teses..
I. Mendonça, Carlos Magno Camargos. II. Universidade
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.

Ettore Stefani de Medeiros

**TEXTOS VERBO-VISUAIS DE HOMENS QUE SE RELACIONAM AFETIVO-
SEXUALMENTE COM HOMENS: TE(N)SÕES ENTRE MASCULINIDADES
NO APLICATIVO *GRINDR***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Prof. Dr. Carlos Magno Camargos Mendonça (Orientador) – UFMG

Prof. Dr. Bruno Souza Leal – UFMG

Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado – UFMG e UFOP

Prof. Dr. Juarez Guimarães Dias – UFMG

Belo Horizonte, 08 de fevereiro de 2018.

À criança viada que eu fui,
cujas força e coragem
me fizeram chegar até aqui.
A todas as demais crianças viadas,
que sobreviverão à homofobia
e serão adultos la-cra-do-res!

AGRADECIMENTOS

À mãe e ao pai, por serem o firme alicerce das minhas educação e dedicação.

À irmã de sangue e eternidade Alessandra, por me dar apoio e amor constantemente imensuráveis.

Às amigas de sempre, Débora, Mayara, Raíssa e Tamara, por segurarem minhas mãos ontem, hoje e sempre.

Ao Carlos, por despertar em mim inspiração e por me tratar com genuínos carinho, generosidade e confiança.

À Andhressa, o presente que Belo Horizonte me deu, por estar ao meu lado nos tornados e nas brisas.

Ao Neepec, principalmente ao Juarez, ao Mauro, ao Matheus e à Paulinha, pelos risos, choros e ricas reflexões.

Aos interlocutores desta pesquisa, por terem compartilhado seu tempo, suas opiniões, suas emoções e seus tesões comigo.

Aos professores do PPGCOM, à FAFICH e à UFMG, pelo acolhimento repleto de afetos positivos e pela grandiosa qualidade em ensino e pesquisa.

À Capes, pelo investimento nesta investigação, que foi essencial.

Ao André, por ter acompanhado com tanta paciência as delícias e os desafios desta dissertação.

Ao Phil, por ter acreditado em mim e por ter me sensibilizado a seguir este caminho.

Aos colegas do mestrado, por criarem uma rede de “academia do bem”, de que me orgulho.

À Juliana, à Laura e à Milena, professoras da graduação que fizeram a diferença em minha e muitas outras formações, em quem busco me espelhar.

“Ei, psiu, você aí, macho discreto,
Chega mais, cola aqui.
Vamo bater um papo reto.
Que eu não tô interessada no seu grande pau ereto.
Eu gosto mesmo é das bixas, das que são afeminada,
Das que mostram muita pele, rebolam, saem maquiada.
Eu vou falar mais devagar pra ver se consegue entender:
Se tu quiser ficar comigo, boy,
Vai ter que enviadescer.”

Linn da Quebrada, Enviadescer.

RESUMO

O *Grindr* é uma mídia digital e um aplicativo de encontros *gay*, cujos usuários investem em performances de si a fim de atraírem o olhar de possíveis parceiros. Tais performances, marcadas pela construção estratégica de personalidades alterdirigidas, aparecem como comportamentos restaurados e retomam ações de gênero-sexualidade. Ora condicionados por normas que se ligam ao dualismo de gênero, à homofobia e à masculinidade hegemônica, usuários apostam em textos verbo-visuais associados às inferiorização do feminino, virilidade, potência corporal-sexual e firmeza moral como atributos próprios e desejados no outro. Nesse sentido, o objetivo desta dissertação é categorizar os textos verbo-visuais presentes nas performances de si que reforçam a valorização da masculinidade hegemônica. A investigação delinea-se enquanto experimento metodológico, à medida que a minha inserção em campo se deu de forma afetiva, sensível, fluida e livre, orientando-me por certas personalidades e pelas dinâmicas recorrentes que fazem do aplicativo, como conexão em áreas em que práticas cotidianas se desenrolam e acesso em dias e horários despreziosos. A fim de situar metodologicamente o fenômeno em questão – a produção de textos verbo-visuais ligados a masculinidades no *Grindr* – vali-me da perspectiva de enquadramento de Butler, a qual defende que as molduras por que vemos o mundo estão saturadas de normas sociais e históricas. Elas são definidoras do que é aceitável ou não e, no contexto de masculinidades, evidenciam quais modos de ser homem valem mais ou menos ou, ainda, quais vidas são mais ou menos precárias. Já para o estudo do corpus, composto por conversas e perfis coletados na cidade de Belo Horizonte, foi utilizada a análise de textos verbo-visual proposta por Abril. Por meio dela, olhei de que maneira sistemas semióticos complexos, que abrangem elementos verbais e visuais, emergem no aplicativo, produzindo efeitos de sentido e determinada gramática específica da cultura digital de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens. A partir dos textos, emergiram 8 categorias que despontam como importantes questões na construção de si e escolha de um parceiro no *Grindr*, cujo grau de relevância está em ordem decrescente: expressão de gênero, corporeidade, posição sexual, faixa etária, orientação sexual, raça, status de relacionamento buscado/vivido, capitais financeiro e intelectual. Em praticamente todas as categorias, hierarquias entre masculinidades reforçam certas características e atribuem maior valor a um homem em detrimento de outras.

Palavras-chave: aplicativos de encontro *gay*; *Grindr*; masculinidade hegemônica; textos verbo-visuais; performance de si.

ABSTRACT

Grindr is a digital media and gay dating app, whose users develop self-performances to attract the attention of potential partners. These performances, marked by strategic construction of altered-directed personalities, appear as restored behaviors and repeat gender-sexuality's actions. Sometimes conditioned by norms related to gender dualism, homophobia and hegemonic masculinity, users rely on verbal-visual texts that are associated with femininity inferiority, virility, corporal-sexual power and moral firmness as aspired attributes in others and itself. In this sense, the main aim of this dissertation is to categorize the verbal-visual texts existent in self-performances that reinforce hegemonic masculinity's valorization. This research is also a methodological experiment, as my presence in the field happened in an affective, sensitive, fluid and free way, guiding me by my personal perspective and by the frequent app's dynamic, such as connection in areas where daily practices are developed and access at unpretending days and hours. In order to methodologically position the phenomenon – the production of verbal-visual texts related to masculinities in *Grindr* – I utilised Butler's perspective of frame, who states that the ways we see the world are full of social and historical norms. It defines what is acceptable or not and, in the context of masculinities, shows which manners are worth more or less, or which lives are more or less precarious. For the study of the corpus, composed by dialogues and profiles collected in the city of Belo Horizonte, the verbal-visual text analysis elaborated by Abril was used. Through it, I looked at how complex semiotic systems, composed by verbal and visual elements, emerge in the app, producing meaning effects and specific grammar in the digital culture of men who have affective-sexual relationship with men. Based on the texts, 8 categories emerged as important points in self-construction and partner choice on *Grindr*. These categories' degrees of relevance are in descending order: gender, body, sexual position, age group, sexual orientation, race, sought/lived relationship status, financial and intellectual capital. In nearly all categories, hierarchies amongst masculinities reinforce certain characteristics and emphasise greater value to one man over others.

Keywords: dating *gay* app; *Grindr*; hegemonic masculinity; verbal-visual texts; self-performance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tela inicial do <i>Grindr</i>	25
Figura 2: Tela do <i>chat</i> do <i>Grindr</i>	27
Figura 3: Tela de perfil do <i>Grindr</i>	28
Figura 4: <i>Print</i> do meu perfil no <i>Grindr</i>	33
Figura 5: Perfil 1.....	84
Figura 6: Perfil 2.....	85
Figura 7: Perfil 3.....	87
Figura 8: Perfil 4.....	88
Figura 9: Perfil 5.....	90
Figura 10: Perfil 6.....	92
Figura 11: atriz Leighton Meester interpretando a personagem Blair Waldorf.....	95
Figura 12: atriz Reese Witherspoon interpretando a personagem Elle Woods.....	95
Figura 13: Perfil 7.....	97
Figura 14: Perfil 8.....	98
Figura 15: Kim Kardashian à beira da piscina.....	99
Figura 16: Paris Hilton à beira da piscina.....	99
Figura 17: Perfil 9.....	101
Figura 18: Perfil 10.....	102
Figura 19: Perfil 11.....	105
Figura 20: Perfil 12.....	106
Figura 21: Perfil 13.....	107
Figura 22: Perfil 14.....	108
Figura 23: Perfil 15.....	109
Figura 24: Perfil 16.....	110
Figura 25: Perfil 17.....	113
Figura 26: Perfil 18.....	116
Figura 27: Perfil 19.....	118
Figura 28: Perfil 20.....	119
Figura 29: Perfil 21.....	120
Figura 30: Perfil 22.....	121
Figura 31: Anthony Varrecchia, modelo de 52 anos.....	122
Figura 32: Perfil 23.....	10

Figura 33: <i>Print</i> da publicação <i>Finalmente explicaram direitinho as gírias hétero para os gays</i> no portal de conteúdo <i>BuzzFeed</i>	125
Figura 34: Perfil 24.....	128
Figura 35: Perfil 25.....	129
Figura 36: Perfil 26.....	134
Figura 37: Perfil 27.....	135
Figura 38: Perfil 28.....	137
Figura 39: Perfil 29.....	140
Figura 40: Perfil 30.....	141
Figura 41: Perfil 31.....	143
Figura 42: Linha de categorias a partir do valor atribuído a elas no <i>Grindr</i>	147
Figura 43: Características por categoria e seu grau de associação às masculinidades subordinadas ou à masculinidade hegemônica.....	147

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 CAMINHOS E OLHARES METODOLÓGICOS.....	24
2.1 O <i>Grindr</i>	24
2.2 Pensando uma pesquisa em um aplicativo de encontro gay: percurso e experimento metodológicos.....	29
2.3 Pesquisador <i>online</i> no <i>Grindr</i> : percepções e afetos em campo.....	33
2.3.1 Sobre ser pesquisador no <i>Grindr</i>	35
2.3.2 Sobre ser comprometido e monogâmico no <i>Grindr</i>	37
2.3.3 Sobre algumas percepções do campo.....	38
2.4 Uma matriz teórica para situar metodologicamente o fenômeno: enquadramento pela perspectiva de Butler.....	40
2.5 Análise de textos verbo-visuais no <i>Grindr</i> : a emergência de uma textualidade pela perspectiva de Abril.....	44
3 GÊNERO-SEXUALIDADE E UM OLHAR SOBRE MASCULINIDADES DE HRH.....	49
3.1 Gênero(hífen)sexualidade: uma ponte entre dualismos, essencialismos e tecnologias.....	49
3.2 Masculinidades: hierarquias, sobreposições e negociações.....	56
3.3 Corpo e poder viril: o anseio pela onipotência e o medo da impotência.....	60
3.4 Homossexualidades masculinas, práticas homossexuais e homofobia: a escala que vai do viado ao <i>gay</i> -macho.....	63
4 PERFORMANCE, INTIMIDADE E AUTOEXIBIÇÃO: O CORPO EM AÇÃO NO GRINDR.....	73
4.1 Performances: comportamentos restaurados e sancionados socioculturalmente.....	73
4.2 Performance e gênero: corpo simbólico, material e tecnológico.....	75
4.3 Performances íntimas de si: personalidades alterdirigidas em telas digitais.....	78
4.4 Textos verbo-visuais e masculinidades: um fenômeno social no <i>Grindr</i>	80

5 ANÁLISE VERBO-VISUAL DE PERFIS E DIÁLOGOS VIA <i>CHAT</i>.....	82
5.1 Expressão de gênero.....	82
5.2 Corporeidade.....	101
5.3 Posição sexual.....	111
5.4 Faixa etária.....	117
5.5 Orientação sexual.....	122
5.6 Raça.....	130
5.7 <i>Status</i> de relacionamento buscado/vivido.....	132
5.8 Capitais financeiro e intelectual.....	138
6 ALGUMAS NOTAS À GUISA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS.....	152

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da internet, o sistema de transmissão de comunicação, ora concentrado em torno das mídias massivas, passa a ser mais descentralizado e interativo. *Blogs, Orkut, Facebook, Instagram* e muitas outras mídias digitais permitiram que cada usuário da *web* se tornasse um potencial produtor. A chegada de câmeras digitais, internet móvel e aparelhos *mobile* ampliaram as dimensões temporais e espaciais de criação de conteúdo, de modo que as práticas midiáticas tornaram-se totalmente imbricadas em práticas cotidianas. Os *smartphones*, diferentemente dos computadores, individualizaram a navegação na *web* e expandiram as formas de comunicação: a conexão é frequente e ininterrupta. Passou-se de uma sociedade cujas relações eram majoritariamente vividas face a face para uma cujas relações são grandemente mediadas por tecnologias digitais (MISKOLCI, 2017).

Nesse contexto, encontra-se a busca por parceiros afetivo-sexuais, que vem se servindo das mídias digitais e provocando renovadas formas de construir-se e relacionar-se. Diálogos em salas de bate-papo, conversas pelo *ICQ*, videoconferências pelo *Skype* geraram um acúmulo de mídias que hoje moldam as práticas comunicacionais e socioculturais que têm os aplicativos de encontro *gay* como palco. A modelagem também se dá pela influência de históricas sociabilidades face a face entre homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens, grupo de pessoas que, para fins de síntese, estará representado no decorrer deste trabalho pela sigla HRH. Optou-se por esta sigla do que pela já conhecida HSH (homens que fazem sexo com homens) porque a segunda teve seu uso firmado nas ciências da saúde no período em que o HIV apareceu, sendo fortemente associada às práticas homossexuais. Desse modo, a sigla HSH por décadas se estabeleceu (e ainda se estabelece) para caracterizar um grupo de risco, o que é já visto como defasado, uma vez que é mais prudente tratar de comportamentos de risco. A escolha de HRH visa, portanto, dar conta das relações afetivo-sexuais que se estabelecem entre homens sem lançar sobre este grupo um olhar medicalizador e por vezes moralista e preconceituoso.

Por décadas, as relações homossexuais foram construídas subterraneamente, distantes do olhar público, em espaços marginais da cidade e das casas (PERLONGHER, 2008). De tal maneira, muitos encontros ocorriam à deriva, entre desconhecidos e de modo ágil em banheiros, saunas, becos e praças escuras. Tais locais, embora ainda frequentados na contemporaneidade, ganham como concorrentes o *Grindr*, o *Hornet* e o *Scruff*, cuja lógica de encontro aparenta ainda operar de maneira subterrânea. Para ilustrar a relevância destes aplicativos entre homens com práticas gays, trago a fala de um interlocutor com quem conversei durante a pesquisa:

*Hoje considero o Grindr como a principal fonte para relacionamento
Melhor que Bar , Rua , Sauna , Boate , Bate Papo Uol , Festas
Grindr pra mim representa mais de 90% para conhecer novas pessoas
E dentre os Apps similares se destaca por sua objetividade
Quem tem Grindr nunca está sozinho*

Certamente os aplicativos de encontro *gay* não são a única forma de sociabilidade entre HRH. Diacrônica e sincronicamente, diferentes territórios e plataformas se firmaram e se firmam como espaços relacionais *gays*. Contudo, assim como o interlocutor citado, Miskolci (2017) defende que, no atual contexto digital, a busca de parceiros *on-line*, sobretudo pelos aplicativos de encontro, tem papel privilegiado. Para o sociólogo, os *apps*¹ aparecem como uma opção segura aos seus usuários, já que se evitaria que represálias, injúrias ou agressões se manifestassem direta e facilmente, como poderia ser em um bar, por exemplo. Em uma sociedade arraigada em valores heteronormativos, nem todo homem que se relaciona afetivo-sexualmente com homem se sente confortável em declarar publicamente suas práticas homossexuais ou autodenominar-se *gay*. Logo, utilizar um aplicativo de encontro que permite a ausência de informações pessoais pode representar certo alívio. A preservação da identidade é uma característica que incentiva a grande aderência ao *Grindr* e às tecnologias similares.

Apesar das diferenças, os *apps* possuem certa lógica comum. Há em todos eles a possibilidade de ter um perfil parcial ou integralmente incompleto, já que não é exigência que os usuários tenham fotos e descrições. Há, portanto, espaço para o anonimato ou para *fake*, termo que designa um usuário que se passa por outro nos *apps*. Prática também recorrente é a construção visual de si priorizando partes do corpo que não o rosto. Isso ocorre porque a face é visualidade que apresenta os traços pessoais, por meio da qual é possível identificar uma pessoa. A questão é que ainda poucos usuários desejam ser reconhecidos como homens que têm práticas homossexuais.

Além disso, inseridos em uma cultura, os usuários dos *apps* têm formas particulares de se comunicarem, o que passa por vocabulários, estéticas e símbolos. A expressão “c/l” evidencia que um usuário está com local disponível para um encontro sexual. Ao usar *emoji*, representação visual digital, de folha ou de raio, um usuário mostra ser adepto ao uso de

¹ Neste trabalho, aplicativos – cuja abreviação é *apps* – são ferramentas instaladas em aparelhos móveis, como o celular, que possibilitam a execução de diversas tarefas. Cada aplicativo oferece possibilidades de ação e tem finalidades específicas: acessar a calculadora permite a realização de cálculos, navegar pelo *app* do banco abre espaço para que transações financeiras sejam feitas, conectar-se ao *Grindr* gera a chance de conversar com possíveis parceiros afetivo-sexuais.

maconha e cocaína, respectivamente, durante o ato afetivo-sexual. O silêncio que se recebe depois de um cumprimento significa que o usuário não se interessou por quem o interpelou. Há, assim, no uso dos aplicativos a presença de certa gramática de textos verbo-visuais, sistemas semióticos complexos que abrangem elementos verbais e visuais para a produção de efeitos de sentido (ABRIL, 2013), os quais se ligam a um contexto cultural para serem desenvolvidos e compreendidos. Tal gramática, ora interpelada pelos ideais da masculinidade hegemônica, condiciona modos de ser homem.

Em um movimento diacrônico da citação de Miskolci (2017), em que os aplicativos de encontro *gay* são vistos como uma opção segura aos seus usuários, chega-se à consideração de que os *apps* podem também abrir possibilidades para violentos exercícios reguladores de masculinidades, inclusive entre os próprios HRH. Ainda que a discriminação contra homens *gays* tenha se atenuado nas últimas décadas, preconceitos à orientação/prática sexual continuam a ocorrer, sejam eles efetuados por pessoas com práticas heterossexuais e homossexuais. Vale ressaltar que a masculinidade hegemônica segue sendo estruturada sobre pilares heteronormativos e princípios de virilidade (CONNELL, 2003). Mesmo tendo como principal finalidade a formação de relações de afeto positivo, os aplicativos de encontro *gay* aparecem como possibilidade para regulações de masculinidade, as quais certamente não são novas, mas ganham novos contornos com o meio digital.

Em nível pessoal e social, investigar a cultura de HRH deu-se por estas razões: 1) como pesquisador homossexual masculino, meu lugar de fala me permite tratar das questões que atravessam o G de LGBTQI² com mais propriedade, parecendo-me mais apropriado pesquisar o grupo social de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens por sentir na pele as vicissitudes e os preconceitos que o atravessam; 2) ainda como pesquisador homossexual masculino, há uma dimensão afetiva que me cinge: já sofri preconceitos externos e internos por vivenciar masculinidades subordinadas, de maneira que lançar olhar sobre os modos transgressores e opressores de ser HRH se liga a um interesse político de questionar os ideais masculinos; 3) ainda que esteja lidando com um grupo politicamente minoritário, os HRH, eles também se associam diretamente a práticas misóginas, homofóbicas e heteronormativas, motivo pelo qual meu anseio é analisar como é mantida, negociada ou apagada a hegemonia do masculino, ou melhor, de certos tipos de masculino.

A justificativa acadêmica deste trabalho tem início na avaliação de que o número de investigações focadas em aplicativos de encontro *gay* ainda é pequeno no campo da

² Sigla que designa grupo de pessoas lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais, *queer* e intersexuais.

comunicação no Brasil. Em pesquisa nos repositórios das revistas³ da Intercom e dos anais da Intercom⁴ e da Compós⁵, busquei as expressões “aplicativo(s)”, “aplicativo(s) de encontro”, “aplicativo(s) de relacionamento”, “aplicativo(s) de pegação”, “*Grindr*”, “*Hornet*”, “*Scruff*”, “*Tinder*”. Como resultado, foi encontrado apenas um trabalho em que os *apps* são estudados, o qual aborda a produção de sentido em corpos visuais.

A razão de se estudar aplicativos de encontro *gay* masculino é que o uso de tais tecnologias é muito mais significativo entre HRH do que entre mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com mulheres. Para este último grupo, o aplicativo segmentado que mais se destaca no mercado é o *Her*. Enquanto o *Her* está presente em 55 países e conta com mais de 2 milhões de usuárias no total (LASHER, 2017), o *Grindr* é utilizado em 196 nações e reúne mais de 3 milhões de usuários ativos diariamente (GRINDR, 2017). Ademais, na *Play Store*, loja de aplicativos para tecnologias *Android*, o *Her* tem entre 100 e 500 mil instalações, já o *Grindr* possui entre 10 e 50 milhões. Com esses dados é possível ter dimensão da popularidade de *apps* de encontros entre HRH, que propõem novas configurações espaciais e relacionais e instauram renovadas formas de se autoconstruir e de encontrar parceiros. Já a opção de ter o *Grindr* como objeto, em vez de outro aplicativo do segmento como *Scruff* e *Hornet*, atrela-se ao fato de ele ser a maior rede social móvel do mundo focada em homens que se relacionam com homens, campo fértil para o estudo de masculinidades.

Sobre este aplicativo, ele é usado majoritariamente por homens que se relacionam com homens para fins afetivo-sexuais. Criado um perfil, que pode ter foto, nome e descrição, é possível ter acesso a um painel de usuários, dispostos em ordem de proximidade graças à tecnologia de geolocalização. Via *chat*, há ferramentas que permitem, além do envio de mensagens verbais, a troca de fotos e localizações. Uma descrição sociotécnica mais detalhada do aplicativo está formulada no capítulo a seguir.

A criação do perfil nesta mídia digital interativa é uma ação estratégica, à medida que é por ele que usuários apresentam-se enquanto um corpo potencial para interação. De tal maneira, performances de si são executadas diante de observadores por meio das interações que se dão via *chat* e da atualização verbo-visual do perfil, influenciando positiva ou negativamente. Textualmente homens constroem-se no *Grindr* a fim de atrair o olhar do outro e tornar o seu perfil apreciável. Em tal operação de ver e dar-se a ver, parece ser mister se destacar, o que estimula possíveis comunicações via *chat*, atos sexuais e/ou encontros face a

³ Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas>>. Acesso em 05 set. 2017.

⁴ Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/>>. Acesso em 05 set. 2017.

⁵ Disponível em: <http://www.compos.org.br/anais_encontros.php>. Acesso em 05 set. 2017.

face. A escolha de que palavras usar, de que parte do corpo mostrar, de que abordagem desenvolver orienta a visão que o outro terá, ao mesmo tempo em que elucida o que se espera do outro, quais são as expectativas afetivo-sexuais envolvidas.

Vistos enquanto performances, os textos verbo-visuais do *Grindr* são comportamentos restaurados, têm referências e retomam ações, de forma que são duplamente experienciados (SCHECHNER, 2006). Assim, há a construção, por parte dos usuários, de determinados parâmetros performáticos, os quais desencadeiam a encenação de certas personalidades. Os homens presentes no aplicativo testam fotos, ângulos, descrições e nomes, agindo a partir da reordenação e readaptação de elementos ligados a seu contexto sociocultural. Não é à toa que, ao ser aberto, o aplicativo exhibe fotos com semelhanças: aparecem repetidamente recortes de peitorais, texturas de cuecas, fotos na frente do espelho, corpos em camas, formas fálicas em evidência. Em suas conversas com outros homens, os usuários do *Grindr* também ativam certa gramática, ora marcada por uma dicção verbal oral, que influencia o modo de escrita. “E aí, beleza, cara?” e “Oiii, tudo bem, gato? =)” são duas formas de cumprimento que revisitam oralidades e diferentes masculinidades, sendo a primeira fala mais próxima da masculinidade hegemônica e a segunda, mais distante. O uso do vocativo “cara” remete a uma relação menos próxima entre homens, enquanto a escolha de “gato” evoca que um usuário achou o outro bonito. Ademais, o “e aí” pode ser lido como uma forma mais direta e fria de iniciar um diálogo, enquanto o “oiii”, com a repetição da letra “i”, demonstra certa empolgação. Os textos verbais que emergem no *Grindr* estão presentes tanto nos perfis quanto nas conversas, revelam modalidades escritas e também faladas, diferentes maneiras de expressão que também compõem as performances dos usuários.

Para cada situação vivenciada no *Grindr*, há a emergência de um eu social, o que faz com que cada usuário performe em sua vida cotidiana diversos eus, variantes a partir dos observadores e de suas intenções (SCHECHNER, 2006). Com o advento das mídias digitais interativas, a vida ordinária passou a servir de palco para uma audiência, onde opera a lógica da autoexibição e do voyeurismo íntimos, tão frequentes no aplicativo estudado. Interpelados pelas tecnologias informativas e sociais, somos constantemente convidados a compartilhar nossas vidas pessoais e assistir às alheias, de forma que as personalidades na atualidade estão cada vez mais alterdirigidas (SIBILIA, 2008). Nesse sentido, autoaprimoramentos são possíveis e necessários, à medida que é preciso atualizar-se para apresentar a melhor visão de si. Suplementos alimentares, aparelhos de academia, telefones celulares e aplicativos de edição de imagens aperfeiçoam os corpos e reciclam formas de ser e estar no mundo (BONFANTE, 2016). Ainda que nesse contexto haja uma considerável regulação de

subjetividades, pautadas por normas de gênero-sexualidade, estética, visibilidade e atratividade, corpos encontram espaços de resistência e transgressão (PRECIADO, 2014), discussões estas sobre performance, corpo e tecnologia que se apresentam no capítulo 3.

Quanto a tais normas, o que realmente torna alguns perfis mais atraentes que outros no *Grindr*? Que tipo de textos verbo-visuais, “autênticos” ou não, fazem com que um corpo seja mais apreciado e reconhecido que os demais? Acredito que essas respostas ligam-se às reflexões sobre masculinidades de Connell (2003), uma vez que modos de ser homem são socialmente hierarquizados: atribui-se maior valor a usuários que se aproximam de ideais dominantes. A masculinidade hegemônica – afinada à inferiorização do feminino, à virilidade, à potência corporal-sexual e à firmeza moral – parece condicionar em alguma medida as autoconstruções do *Grindr*, sendo performada verbo-visualmente como exercício de sedução. Tanto comportamentos másculos e discretos quanto corpos magros e musculosos mostram-se textualmente como características próprias e almejadas, como se a interação sexual só pudesse ser consumada caso a masculinidade hegemônica seja colocada em prática. Por outro lado, também se manifesta o inverso, quando homofobia, heteronormatividade e preconceitos são questionados e criticados em perfis. Há, assim, um campo de conflito entre masculinidades no *Grindr*, tensão que fica evidente nos textos verbo-visuais coletados e que, por vezes, é vivenciada por um usuário, intrapessoalmente.

Vislumbrando o aplicativo nessas particularidades, chego ao fenômeno social de interesse: textos verbo-visuais de masculinidades no *Grindr*, as quais são valorizadas, subjugadas, negociadas e/ou sobrepostas, num jogo entre hegemônica e subordinadas. A incorporação de masculinidades parece variar textualmente em um só usuário de situação para situação, além de estar atravessada por relações de poder que orientam os tipos de homem que têm autoridade e são dignos de provocar excitação nos demais. Nesse contexto, é perceptível certa pressão social para adequação às normas de gênero-sexualidade e aversão àqueles que não as seguem à risca, como os homossexuais masculinos que vivenciam masculinidades subordinadas.

Curiosamente, uma comunidade que poderia ser transgressora e apoiadora das diferenças é composta por membros que seguem lógicas hegemônicas, tão encrustada está a masculinidade hegemônica em corpos que realizam práticas não heterossexuais. Se já há dificuldade em lidar com preconceitos externos, os internos podem ser igualmente – senão ainda mais – agressivos, à medida que passam por outro tipo de exclusão: a afetivo-sexual, importante para a autoestima. É para resistir a essas formas internas de discriminação que surgem brechas, formas assumidamente subordinadas de vivenciar masculinidades que

colocam em xeque a heteronormatividade, a homofobia e o dualismo de gênero. Cria-se, portanto, uma tensão entre os próprios HRH e suas masculinidades.

Nesta dissertação, estudar tal contexto acadêmica e socialmente é um esforço para refletir sobre a violência de gênero entre os homens com práticas *gays*. Por meio da busca de indícios em um grupo específico, ainda que diverso, há a possibilidade de fazer inferências a respeito de fenômenos mais complexos e maiores, como a fricção entre masculinidades subordinadas e hegemônica. Neste trabalho, faço um movimento de ver o geral no singular, a fim de compreender como os textos verbo-visuais dos perfis do *Grindr* comunicam e (re)produzem masculinidades, hierarquizam homens e formas de ser homem. Com esta dissertação, busco deslocar a teoria a respeito de masculinidades partindo de um fenômeno específico que se manifesta na cultura de práticas afetivo-sexuais *gays*.

Sobre isso, como expressei, diferentes masculinidades atravessam as pessoas cuja identidade de gênero é masculina. Relações de poder que orientam e tensionam modos hegemônicos e subordinados de ser homem; influências socioculturais; determinadas situações que condicionam a performance de um tipo de masculinidade em detrimento de outros são exemplos que demonstram a pluralidade do conceito. Este não deve ser confundido com identidade masculina estável, já que se refere a práticas e modos de ser homem que são dinâmicos e envoltos por outras questões, como raça, idade, classe social e corporeidade.

Hierarquicamente, alguns corpos masculinos encontram-se mais próximos do topo de uma escala de privilégios, já que se enquadram em certos ideais dominantes: homens heterossexuais, brancos, jovens e /ou musculosos tendem a possuir vidas cuja precariedade é mais evidenciada do que homens que têm características consideradas negativas. Nesse sentido, a vida de alguns homens vale mais do que de outros (BUTLER, 2015), já que se afastam, em alguma instância, da vivência de masculinidades subordinadas, como os homossexuais masculinos afeminados, negros, idosos e gordos.

Isso ocorre porque, permeados por perspectivas científicas, religiosas, morais e políticas, os corpos e suas práticas têm sido controlados e interceptados por ideais hegemônicos, o que não impede que se criem espaços de resistência. Desde a Antiguidade, quando as mulheres não eram vistas como cidadãs e não tinham direito sobre seus corpos e sexualidade, já vemos traços que separam dicotomicamente o masculino do feminino (FONE, 2000). O imperativo biológico (WEEKS, 1998) e as tecnologias de gênero (PRECIADO, 2014) atribuem às genitais o sexo das pessoas: o pênis e os testículos definem que um homem é homem, bem como a vagina e os ovários, que uma mulher é uma mulher. O dualismo de gênero foi responsável pela associação entre sexo biológico, identidade de gênero e orientação

sexual. Logo, se alguém nasce com um pênis, espera-se que ele seja homem heterossexual. Curiosamente, mesmo que tantas semelhanças percorram a anatomia das pessoas, foram enaltecidas suas distinções: os órgãos chamados de sexuais. Tal contexto se torna ainda mais socialmente questionável quando pessoas intersexuais, que não se encaixam nos discursos hegemônicos de gênero-sexualidade, são interpeladas medicamente para a realização de cirurgias de designação.

Para além da sexualidade, a crença no imperativo biológico orienta os comportamentos e qualidades das pessoas, de forma que sejam naturalizadas as diferenças entre homens e mulheres. Elas: passivas, sensíveis, emocionais, macias, submissas, molhadas, apropriadas ao ambiente privado; eles: ativos, fortes, racionais, duros, dominadores, secos, apropriados ao ambiente público. Mais que guiar os jeitos de ser e estar no mundo a partir da lógica do sexo biológico, o dualismo de gênero hierarquiza pessoas e reproduz relações de hierarquia: homens heterossexuais possuem mais privilégios do que homens homossexuais e mulheres, o que ocasiona uma série de práticas de violência para com grupos socialmente minoritários.

Emergem no *Grindr* tanto masculinidades que sofrem preconceitos quanto as que se conformadoras com as normas. Ambas são autoperformadas por usuários em seus textos verbo-visuais, sejam através de seus nomes, fotos, descrições e diálogos. Como o uso principal do aplicativo é significativamente afetivo-sexual, a construção de uma imagem atrativa de si pauta as estratégias de criação dos perfis. Como retratar visualmente um corpo que desperte o interesse dos outros e represente um bom desempenho sexual? Como evidenciar na descrição os tipos de masculinidades e corpos almejados para interação?

Essas perguntas fazem sentido quando olhamos brevemente os perfis presentes no *Grindr*, sobretudo se atentarmos para a alta taxa de fotos cujos recortes mostram barrigas e peitorais musculosos e de descrições que contêm para pré-requisitos específicos, como: “busco caras discretos” e “então é não aos gordinhos e afeminados” (MEDEIROS; MENDONÇA, 2016). Tal trama textual verbo-visual parece apontar que, mesmo em um grupo subordinado, formado por homens que se relacionam com homens, a masculinidade hegemônica opera por meio de práticas estéticas e discursivas, condicionando algumas performances dos usuários. Não deixo de questionar, contudo, a força da masculinidade hegemônica no *Grindr*, espelhada em grande quantidade dos perfis do aplicativo. Há transgressões que escapam ao controle normativo e ressignificam os ideais dominantes, ainda que em ambiência microsociológica, traçando masculinidades subordinadas. “Não trabalhamos com discrição” e “Sou afeminado” (MEDEIROS; MENDONÇA, 2016) são

exemplos de descrições não conformadoras que mostram que, além de ser um campo sexual, o aplicativo também se configura como um espaço político de disputa e tensão intra e interpessoal. São tais discussões, em torno de gênero-sexualidade, masculinidades e práticas homossexuais, que estão explicitadas no capítulo 2.

Após explanações teóricas, chego ao seguinte problema de pesquisa: *Quais textos verbo-visuais presentes nas performances de si no Grindr reforçam a valorização da masculinidade hegemônica?* Ligado a este problema de pesquisa, delineou-se tal objetivo geral: categorizar os textos verbo-visuais presentes nas performances de si que reforçam a valorização da masculinidade hegemônica. Este objetivo vai em direção de entender a produção textual de si a partir da tensão entre masculinidades, pensando sobre de que maneira os modos hegemônicos e subordinados de ser homem tensionam-se, sobrepõem-se, divergem e hierarquizam-se nos perfis dos usuários.

Desdobrando o objetivo geral, apresento dois específicos:

1. Perceber de que modo masculinidades, hegemônica e subordinadas, emergem de modo conformista e/ou subversivo nos textos verbo-visuais do *Grindr*.
2. Analisar como há tensionamentos entre as masculinidades nas performances verbo-visuais no aplicativo.

O *Grindr*, por ser o mais popular entre os aplicativos, apareceu como norte para esta investigação, que se estrutura como um experimento metodológico. A partir de uma inserção fluida e livre em campo, procurei enquanto pesquisador alinhar-me a certas dinâmicas de uso da aplicação, como conectar-se em áreas em que minhas práticas cotidianas se desenrolavam, acessar a aplicação em dias e horários despreziosos, valer-me de *apps* que mudam a localização a fim de visualizar usuários de outras áreas. Nesse sentido, a partir de um dos aplicativos de encontro *gay*, busquei entender como essas mídias digitais podem reforçar e reconfigurar determinadas normas de masculinidade e formas de relacionar-se e construir-se, fazendo tal procedimento por meio da análise de textos verbo-visuais em perfis e conversas.

Por estarem atreladas a convenções que fazem com que algumas pessoas sejam mais reconhecidas que outras, masculinidades foram analisadas pela perspectiva butleriana de enquadramentos, que são como “molduras pelas quais apreendemos ou, na verdade, não conseguimos apreender a vida dos outros como perdida ou lesada” (BUTLER, 2015, p. 14). Os enquadramentos de masculinidade estão saturados de normas sociais e históricas delineadoras do que é aceitável ou não e, portanto, evidenciam quais homens valem mais ou menos ou, ainda, quais vidas são mais ou menos precárias.

O legado de enquadramentos de masculinidades mostra, assim, sua influência

atualmente, inclusive entre HRH. É o caso de certas masculinidades que, embora perpassadas pela relação afetivo-sexual entre dois homens, são viris, másculas, distantes da feminilidade, não quebrando a divisão que afasta o que é ser homem e do que é ser mulher. A recente emergência de expressões tais quais *bromance* e *straight acting* em aplicativos como o *Grindr* evidenciam quais masculinidades são hegemonicamente valorizadas. *Bromance* é a união de “*brother*” e “*romance*” e traz à tona um significado de relação afetiva entre dois homens mais pautada pela amizade do que pelo amor, mais pela afetividade discreta do que pela declarada. *Straight acting* significa agir como heterossexual, como se práticas homossexuais não deveriam ser vividas femininamente.

O enquadramento que reconhece uma maneira dominante de masculinidade tem sua vulnerabilidade: enquanto se reproduz no aplicativo, rompe-se e reconfigura-se. Usuários do *Grindr*, em um campo disputa, friccionam formas de ser homem em seus textos. Há perfis com fotos de usuários com maquiagem e descrições que assumem posturas afeminadas. Ao se reproduzirem, pois, os enquadramentos sofrem rachaduras e ressignificações. Nesse sentido, o conceito de enquadramento, por se conectar a questões hierárquicas, possibilita a compreensão macrosociológica de que masculinidades são mais valorizadas que outras no *Grindr*.

Já para a análise dos perfis e conversas, vali-me de da análise de textos verbo-visual proposta por Abril (2013). Por tal perspectiva, pensar cientificamente o texto a partir de uma visão exoimanentista é desviar-se de uma perspectiva verbocêntrica, usual em paradigmas de base linguística, e aperceber-se de outras linguagens além da verbal, entendendo-as como fenômenos culturais. Como o processo de significação no *Grindr* se dá pela união entre o visual (fotografia) e o verbal (nome, descrição e diálogos), o texto de Abril como “cualquier unidad de comunicación, generalmente mutisemiótica (...), sustentada por una práctica discursiva e inserta en una(s) rede(s) textual(es), que puede integrar o no elementos verbales” (2013, p. 46) dá sustentação a esta pesquisa. O texto, por isso, não é dado, tampouco estável, mas emerge dinamicamente em plurais condições, a contar o olhar do investigador e dimensões pragmáticas e semânticas. Quando afirmo que ele emerge, isso significa que o texto é mais um processo do que um produto, não sendo possível vislumbrá-lo em sua plenitude (ABRIL, 2013).

Quando o sentido etimológico de texto aparece, a noção de tessitura ganha forma, de maneira que o texto é visto enquanto trama, a qual remete a outros textos. Longe de ser um objeto isolado e unitário, o texto é comparado a relação ilha-arquipélago por Abril (2007): ver o texto a partir da parte pelo todo e do todo pela parte. Dessa forma, metodologicamente, há a

passagem do texto para a textualidade, o que culmina em analisar para a rede textual de determinado fenômeno complexamente, sem traçar definições apriorísticas: o fenômeno mais fala por si do que o pesquisador por ele. O *Grindr* está inserido em enquadramentos que determinam a hegemonia de masculinidades. Tal trama aparece em alguma medida nos textos verbo-visuais ali presentes, em forma de performances de masculinidades. Ao olhar para perfis e diálogos, deixo emergir sua textualidade e as redes de significação que as condicionam.

Os procedimentos metodológicos desta dissertação são dois: 1) coleta de textos verbo-visuais do *Grindr* por meio de cópias digitais de fotos e descrições dos perfis; 2) coleta de trechos de diálogos que tive com interlocutores. A investigação foi feita com usuários da cidade de Belo Horizonte nos meses de fevereiro e março de 2017. No capítulo 1, apresentam-se especificamente o percurso metodológico do estudo, de cunho exploratório e experimental.

Por fim, no capítulo 4 está a análise propriamente dita, em que constam 8 categorias presentes nos textos dos usuários. São elas: 1) Expressão de gênero, 2) Corporeidade, 3) Posição sexual, 4) Faixa etária, 5) Orientação sexual, 6) Raça, 7) Status de relacionamento buscado/vivido, 8) Capitais financeiro e intelectual. Certamente essas categorias não apareceram somente em nível empírico, de maneira que o entendimento de sua relevância ao estudo também tem apoio em teorias que discutem gênero, sexualidade e masculinidades. Logo, investigações já desenvolvidas serviram para guiar alguns elementos que constituem formas de ser homem. Em um processo de retroalimentação teórica e empírica, busquei compreender as particularidades das masculinidades de HRH e do *Grindr*, propondo alguns deslocamentos em nível de saber com a pesquisa.

2 CAMINHOS E OLHARES METODOLÓGICOS

2.1 O *Grindr*

Antes de explorar como minha experiência em campo construiu este trabalho como um experimento metodológico, peço licença para descrever o *Grindr*, foco deste estudo de caso. De tal forma será possível, em seguida, explicar de que maneira as dinâmicas de uso do aplicativo serviram para guiar meu percurso como pesquisador com um perfil *online*.

O *Grindr* é um aplicativo criado em 2009 nos Estados Unidos, restrito a aparelhos móveis e compatível apenas com tecnologias *iOS* e *Android*. Seu direcionamento majoritário é para HRH. Atualmente, mais de 3 milhões de usuários estão diariamente ativos no aplicativo, onde passam, em média, 54 minutos diários conectados. Entre os países com as maiores taxas de consumo do *Grindr* está o Brasil, que, na América Latina, divide o posto com o México e a Colômbia (GRINDR, 2017).

Durante minha presença em campo, a versão do *Grindr* que utilizei foi a 3.7.0 *build* 20376, de modo que há um recorte específico quanto à interface do aplicativo nesta dissertação. As descrições técnicas feitas a seguir são, portanto, ligadas à versão explicitada.

Assim que um usuário instala o *Grindr*, ele é convidado a criar seu perfil, formado por foto de perfil, nome de exibição, “sobre mim” (breve descrição sobre si) e campos com respostas pré-estabelecidas que podem ser completados: idade; altura; peso; etnia (asiático, branco, latino, mestiço, negro, outro, sul asiático, árabe, índio); porte físico (comum, grande, magro, musculoso, parrudo, torneado); posição (ativo⁶, versátil ativo⁷, versátil⁸, versátil passivo⁹, passivo¹⁰); *tribes*¹¹ (*barbie*¹², *cafuçu*¹³, *couro*¹⁴, *discreto*¹⁵, *elegante*, *garotos*, *malhadinho*, *nerd*, *papai*¹⁶, *soropositivo*, *trans*¹⁷, *urso*¹⁸); relacionamento atual (casado, caso,

⁶ Homens que, em práticas sexuais homossexuais, ocupam a posição de penetrador.

⁷ Homens que, em práticas sexuais homossexuais, usualmente ocupam a posição de penetrador, mas ocasionalmente ocupam a posição de penetrado.

⁸ Homens que, em práticas sexuais homossexuais, ocupam a posição de penetrador e também de penetrado.

⁹ Homens que, em práticas sexuais homossexuais, usualmente ocupam a posição de penetrado, mas ocasionalmente ocupam a posição de penetrador.

¹⁰ Homens que, em práticas sexuais homossexuais, ocupam a posição de penetrado.

¹¹ Do inglês, tribo. Indica com que grupo de pessoas com características similares o usuário se identifica.

¹² Homens que se relacionam com homens e são frequentadores assíduos de academia, possuem corpos musculosos e costumam ir a festas de música eletrônica.

¹³ Homens que se relacionam com homens e possuem corpos considerados esteticamente bonitos e rostos vistos como feios.

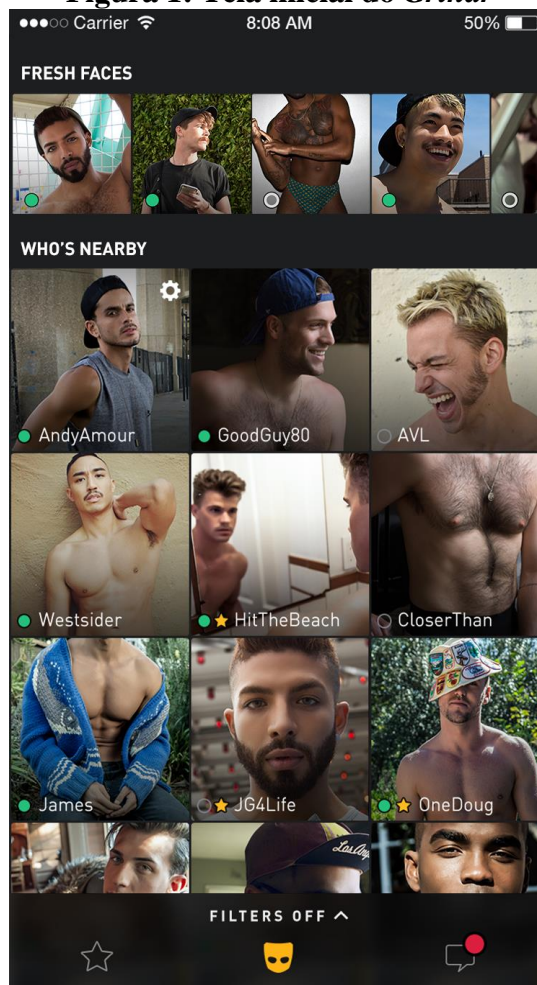
¹⁴ Homens que se relacionam com homens e são adeptos do uso de couro nas relações sexuais, seja em roupas ou acessórios. Também pode se relacionar a práticas de *bondage* (uso de cordas, algemas, mordanças, vendas e outros objetos durante o sexo), disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo (BDSM).

¹⁵ Homens que se relacionam com homens e possuem comportamentos que não permitem identificar suas práticas sexuais *gays* e/ou levam um estilo de vida dentro dos moldes heterossexuais, de maneira que suas relações com homens são pouco ou nada sabidas.

¹⁶ Homens maduros, usualmente corpulentos, que se relacionam com homens jovens e possuem ares parentais.

com parceiro, comprometido, exclusivo, noivo, relacionamento aberto, solteiro); em busca de (agora¹⁹, amigos, contatos, encontros, relacionamento); status *HIV*²⁰ (negativo; negativo, usando PrEP²¹; positivo; positivo não detectável²²); data do último teste (mês e ano). Para que um usuário fique visível e consiga interagir com os homens ali presentes, nenhum item citado precisa obrigatoriamente ser preenchido: basta ter uma conta. Também é possível, por meio de *plug-in* sociais, ligar um perfil do *Grindr* a perfis de *Instagram*, *Twitter* e *Facebook*.

Figura 1: Tela inicial do *Grindr*



Fonte: GRINDR, 2017

¹⁷ Pessoa cuja identidade sexual é diferente, a partir da expectativa normativa de gênero-sexualidade, de seu sexo biológico. Exemplo: pessoa que nasce com sistema reprodutor considerado feminino e não se reconhece como mulher. “Trans” é a abreviatura de transgênero.

¹⁸ Homens que se relacionam com homens e são, além de peludos, acima do peso esteticamente tido como ideal.

¹⁹ Usuários do *Grindr* que são adeptos de encontros instantâneos com outros usuários, sobretudo encontros sexuais.

²⁰ Do inglês, vírus da imunodeficiência humana, causador da síndrome da imunodeficiência adquirida (*Aids*).

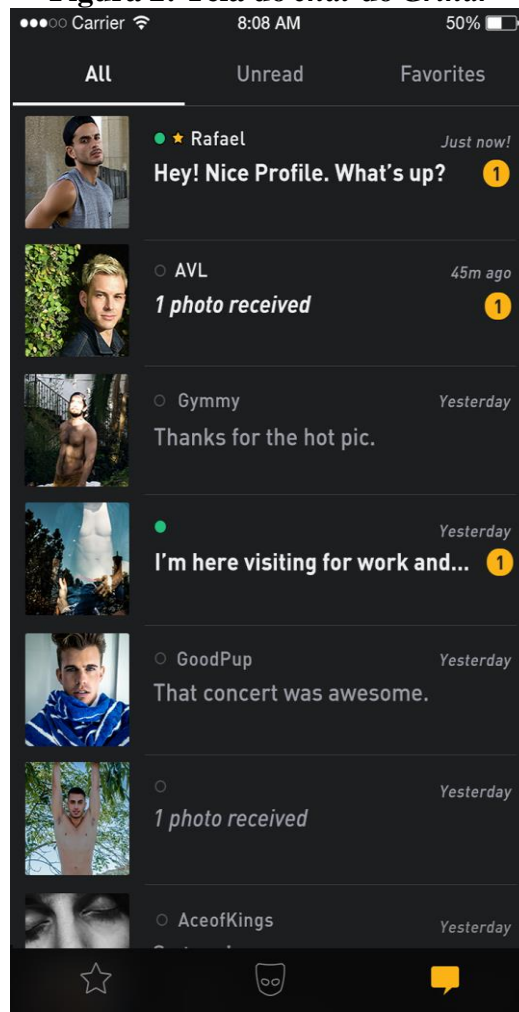
²¹ Abreviação de Profilaxia pré-exposição, medicamento para o tratamento do *HIV* como prevenção à infecção, utilizado antes de relações sexuais que não envolvem proteção com camisinha.

²² Pessoas diagnosticadas como portadoras de *HIV* que, por meio de tratamento antirretroviral, tiveram o vírus suprimido de seu organismo.

Criada a conta, o usuário tem acesso à primeira área da interface do aplicativo. No topo da tela, aparecem as “caras novas” (na versão em português), usuários que recentemente criaram suas contas e estão dispostos em ordem de proximidade. Logo abaixo, apresenta-se um painel de outros perfis chamado “quem está por perto” (na versão em português), também organizados por distância. Por ter como importante ferramenta a tecnologia de geolocalização, o aplicativo exibe, em metros ou quilômetros, quais são os perfis ativos nas redondezas, já facilitando que interações face a face ocorram. Na figura 1, por exemplo, *AndyAmour* seria o dono da conta e *GoodGuy80*, o usuário mais próximo dele. Já na base da tela há ícones que levam para dois outros espaços do aplicativo: a estrela leva ao quadro de usuários “favoritados” e o balão de fala, à área de *chat*.

A figura 1 evidencia que a dimensão mais enaltecida no serviço tecnológico é a visual: basta se conectar para ter acesso a dezenas de fotos de usuários que exibem recortes de seus peitorais, de seus braços, de seus rostos, de seus pênis demarcados sob cuecas, o que se destaca em detrimento dos textos verbais.

Figura 2: Tela do *chat* do *Grindr*



Fonte: GRINDR, 2017

Caso um usuário se interesse por outro, uma conversa diretamente via *chat* pode ser iniciada e fotos, localização e *gaymojis*²³ podem ser compartilhados, o que incentiva que um encontro seja marcado. Ou não, aliás, há usuários que se conectam ao *Grindr* com intenção de realizar atos sexuais virtuais e/ou trocar fotos sem roupa: o jogo erótico está longe de ser consumado apenas face a face. Na área de *chat* (figura 2), encontram-se todas as mensagens recebidas e enviadas, as quais podem ser filtradas por “não lidas” e “favoritos” (na versão em português).

²³ *Emojis* são pequenas ideias visuais que transmitem a noção de uma palavra, frase ou sentimento. A nomenclatura *gaymoji*, criada pelo *Grindr*, tem por intenção apresentar os *emojis* que a empresa criou para seus usuários, mais contextualizados com a estética e a cultura de homens que se relacionam com homens.

Figura 3: Tela de perfil do Grindr

Fonte: GRINDR, 2017

Ao clicar em um perfil, é possível notar, para além das características que o usuário escolheu preencher, seu status e sua distância (figura 3). O status mostra, por meio de um círculo, se o perfil está conectado ou não: caso o círculo estiver verde, o usuário está *online* naquele instante; caso o círculo estiver transparente, o usuário está *offline*, informação que é complementada pelo próprio aplicativo, que mostra quantos minutos ou horas atrás o usuário esteve conectado. Sobre a distância, ela é mostrada em metros ou quilômetros (na versão em português), relatando quão próximo ou não um possível parceiro pode estar. Para saber se há mais informações no perfil, é só rolar o dedo de baixo para cima, fazendo com que os demais dados do usuário fiquem visíveis. Por fim, o ícone superior direito permite que um perfil seja denunciado ou bloqueado, sendo a segunda prática mais comum, sobretudo quando usuários passam por divergências. Quando isso ocorre, bloqueado e bloqueador param de ver seus respectivos perfis e são impossibilitados de conversar pelo *chat*.

As construções verbo-visuais que se manifestam nos perfis estão sujeitas a algumas diretrizes firmadas pelo *Grindr*. Dentre as regras, não são permitidos: fotos de exibição que tenham nudez ou mostrem genitais marcadas na roupa (como pênis eretos sob sungas e cuecas); venda de produtos ou serviços (inclusive sexuais); demonstração de racismo ou qualquer outro tipo de intolerância; promoção de sexo sem camisinha; estímulo à pedofilia; presença de menores de idade; criação de perfis fictícios. A descoberta dessas práticas pela equipe do serviço tecnológico culmina em expulsão permanente do aplicativo. Alguns usuários, contudo, conseguem burlar os mecanismos de vigilância, agindo taticamente. De fato, jamais vi nudez durante minha presença em campo, mas presenciei garotos de programa, venda de drogas, pênis evidentemente duros escondidos embaixo de tecidos, descrições preconceituosas e nomes que incitam ao sexo *bareback*²⁴, o que revela as brechas institucionais e a astúcia dos usuários.

Ao criar uma conta no aplicativo, o usuário adere a esses e outros consentimentos, autorizando a utilização de seus dados pessoais pela empresa, desde as informações que são oferecidas via *chat* até a sua localização. Também lhe são oferecidas duas opções de consumo: a gratuita e a cobrada. Embora a maioria das ferramentas do *Grindr* seja de graça, ele conta com uma versão paga, o *Grindr Xtra*. Com diversos planos, tal versão pode custar entre \$9,99 e 3,99 dólares mensais, a depender do pacote adquirido. Enquanto na modalidade não paga o usuário tem acesso a somente os 100 perfis mais próximos, na paga isso aumenta em 6 vezes. Entre outras diferenças, o *Xtra* permite que vários filtros sejam acionados para encontrar usuários com determinadas características (como porte físico, posição e status de relacionamento) e possibilita salvar frases prontas no *chat*, de maneira que não é preciso reescrever respostas frequentes, como endereço, interesse afetivo-sexual ou motivação para estar presente no aplicativo.

2.2 Pensando uma pesquisa em um aplicativo de encontro gay: percurso e experimento metodológicos

Feita esta descrição do aplicativo, cabe elucidar como foi meu caminho metodológico a partir da minha inserção em campo, que tem um caráter fundamentalmente experimental. Levando em conta que a geolocalização é uma ferramenta fundamental para a dinâmica de funcionamento dos aplicativos de encontro gay, optei por desenvolver usos similares aos que os usuários fazem. Sobre isso, é costumeiro que os aplicativos sejam abertos em áreas de

²⁴ Práticas sexuais em que não há o uso de preservativos.

circulação frequentadas no dia a dia de seus usuários. Habitualmente, conecta-se em sua própria casa, na faculdade, no trabalho, na academia, em casa de amigos e/ou no trajeto entre esses locais, acessos em localizações diferentes que desenhavam linhas imaginárias pela cidade e demarcam certo perímetro de atuação de determinado perfil. Se boa parte das minhas práticas ordinárias se dá na macrorregião Centro-Sul de Belo Horizonte, por exemplo, raramente vou ver usuários do Norte e por eles ser visto.

Por isso, procurei fazer de minha presença em campo uma ação que fosse similar a que usuários fazem do *Grindr* em sua dimensão espacial. Logo, experimentei abrir diversas vezes o serviço tecnológico em locais em que eu passava muito tempo, onde se desenrolava o meu cotidiano: minha casa, universidade, academia, casa de amigos, restaurantes muito visitados por mim, que são áreas localizadas na macrorregião da Pampulha. De tal forma, estabeleci geograficamente certo raio dentro da cidade, de modo que me familiarizei com os perfis e os usuários que estavam mais próximos de mim.

Embora os usuários se conectem majoritariamente em pontos em que suas práticas cotidianas ocorrem, há brechas no cotidiano, o que gera o conhecimento de novas localidades e, logo, de novos perfis. É o que pode ocorrer quando se conhece um parque antes não visitado, se vai a um bar que fica fora do eixo conhecido ou, até mesmo, quando o usuário deseja explorar uma nova localização pelos aplicativos e desloca-se até ela com o intuito de encontrar possíveis novos parceiros. Também para experimentar esse tipo de uso, conectei-me ao aplicativo quando me dirigia a áreas em que eu não havia estado anteriormente, seja em casa de amigos ou em espaços públicos e semi-públicos de grande circulação na cidade, como praças, museus e restaurantes.

Durante conversa com um interlocutor, fui ensinado a usar aplicativos que falsificam a localização e burlam o GPS do celular. Esta tática, empregada por alguns usuários do *Grindr* com quem conversei, possibilita circular por qualquer local de Belo Horizonte e do mundo em apenas um clique. Eu pude, assim, estar acomodado em minha casa na macrorregião da Pampulha e interagir com os perfis da macrorregião Oeste, sem necessitar pegar qualquer condução. Este deslocamento virtual me permitiu desvendar e experimentar distintas localidades, por meio do qual pude livremente dialogar com interlocutores e coletar perfis diversos. Vale ressaltar, pois, que este estudo não possui intenção de ser geograficamente representativo, o que é justificado pelo caráter exploratório e experimental que possui.

A minha imersão no *Grindr* ocorreu durante os meses de fevereiro e março de 2017, em diferentes dias e horas, totalizando 60 dias de trabalho de campo. Escolho a palavra “imersão” porque fiz uso realmente intenso do aplicativo durante este período, quando o

acessei diária e constantemente em vários horários, seja no período matinal, vespertino ou noturno. Temporalmente, segui uma lógica livre. Logo, não selecionei horários e dias específicos pensando em maior ou menor movimento de usuários no aplicativo, ainda que tenha sido perceptível que o número de perfis conectados aumente nos fins de semana.

Realizar essa imersão no *Grindr* fez-me perceber como os aplicativos de encontro gay reconfiguram espacial e temporalmente a procura por parceiros *online*, de modo que é possível passear por diferentes áreas – nas redondezas ou não – em qualquer horário e em condições por vezes mais fluidas e descomplicadas que as do contexto face a face. A desnecessidade de sair de casa para flertar, a objetividade ao expressar preferências sexuais, a facilidade de encontrar alguém que tenha as mesmas intenções afetivo-sexuais, a possibilidade de selecionar um perfil que condiga com certas expectativas, a abertura para o anonimato e para a discrição: esses pontos são algumas das razões por que tais aplicativos têm se tornado tão populares e merecem atenção acadêmica comunicacional para serem entendidos. Contraditoriamente, embora modos de autoconstruir-se e de buscar possíveis parceiros sejam renovados, não se vê grande inovação nas performances de masculinidades e na negociação de formas do querer no *Grindr*. Estas se mostraram bastante vinculadas aos ideais de gênero e sexualidade, ancorados na valorização da virilidade e na heteronormatividade. Nesse sentido, a chegada de novas formas de sociabilidade, mediadas ou não pela tecnologia, não excluem forças de modelagem já existentes diacrônica e sincronicamente em certo contexto.

Acredito que o fazer metodológico é um processo criativo e artesanal que dispensa fórmulas prontas. Inserir-me no *Grindr* amplificou os adjetivos deste processo, já que há um baixo número de discussões acadêmicas focadas em aplicativos de encontro gay, sobretudo metodologicamente e/ou no campo da comunicação. Tal cenário mostrou-se uma oportunidade para que, em alguma instância, meu percurso metodológico se firmasse enquanto um experimento e que minha imersão em campo, tal como ocorreu, possuísse ligação com a própria dinâmica de uso dos aplicativos e tivesse uma dimensão afetiva despontada. Sendo assim, procurei, enquanto pesquisador, aproximar-se da experiência dos usuários a fim de trazer para esta dissertação não somente perfis e trechos de conversas, mas também uma compreensão e percepções das lógicas internas dos aplicativos, o que acabou por interferir diretamente na análise dos textos verbo-visuais que compõem este trabalho.

Sobre isso, o corpus desta pesquisa foi formado a partir de duas modalidades de coleta: perfis e conversas no *chat* do *Grindr*. Os perfis, em que performances verbo-visuais de si e de masculinidades tomam forma, são o primeiro elemento que usuários veem ao entrarem

no aplicativo, a principal forma de se comunicarem antes mesmo de um diálogo e o meio mais rápido e persuasivo de aqueles homens se construírem estrategicamente. Por agrupar foto, nome, autodescrição e categorias físicas e psicológicas oferecidas pelo próprio *Grindr*, ali estão as representações que usuários escolhem fazer de si, seus atributos, seus anseios sexuais, suas características, seu valores, as masculinidades a que se associam. Sempre que acessava o aplicativo, eu fazia a coleta dos 10 primeiros perfis que apareciam para mim, cuidando para não salvar novamente um perfil que já havia sido coletado anteriormente. Como minha inserção no aplicativo se deu fluida e experimentalmente, a coleta foi feita de forma livre, em horas, dias e locais diferentes, a depender das minhas condições de navegação. Foram cerca de 500 perfis coletados por meio de cópias digitais no celular.

Já o *chat* oferece a possibilidade de conhecer melhor outro usuário, de trocar fotos, saber mais informações sobre ele. Essa é uma ferramenta muito utilizada dialogicamente depois que dois usuários se interessaram um pelo outro e é através dela que ocorrem marcações de encontros, exposição de anseios e negociação de prazeres. A importância de trazer esta modalidade de coleta apareceu como necessidade ética, já que, como pesquisador, não desejo *falar por*, mas *falar com*. Durante minha presença em campo em diferentes dias, horas e locais, conversei com mais de 200 usuários, muitos dos quais direcionaram-se a mim por espontânea vontade, o que me surpreendeu: o número de pessoas e variedade de perfis que queriam papear foi imensamente maior do que eu esperava. Houve também alguns usuários que eu abordei primeiramente, seja por conta de proximidade em nível de localização ou por algum afeto – positivo ou negativo – que me causaram com suas autoconstruções. Com alguns desses usuários, cerca de 5, a conversa se estendeu para o *Whatsapp*, a pedido dos próprios interlocutores, que afirmaram preferir a interface deste aplicativo. Houve ali trocas de mensagens escritas e também de áudios. Todas as conversas foram digitalmente copiadas, com exceção dos áudios, que foram arquivados.

A partir de um roteiro semiestruturado, fiz perguntas mais amplas no início das interações, entre elas: Para que fins você usa o *Grindr*? Quais tipos de perfis chamam sua atenção no aplicativo? Quais características um perfil deve ter para que você interaja com ele? Como você escolhe a sua foto principal, seu nome e sua descrição? Você já passou por experiências boas ou ruins aqui? Cada conversa gerou respostas e contextos específicos, de forma que novas indagações e eixos de discussão surgiram com cada usuário.

Através dessas duas modalidades de coleta foi possível compreender quais textos verbo-visuais emergiam nas performances de si no *Grindr* e de que maneira eles eram ativados por seus usuários de modo que reforçavam ou não a valorização da masculinidade

hegemônica. No capítulo de análise, tais textos verbo-visuais foram agrupados em categorias, uma vez que se associam de modo mais significativo a algum aspecto latente da masculinidade hegemônica, seja por características corporais, viris, orientação sexual, entre outras, questões que serão discutidas detalhadamente na seção 4.

Entre as escolhas que firmaram este estudo como experimental e exploratório está a minha presença no aplicativo assumidamente enquanto pesquisador. Há, pois, certa dimensão sensível que guiou minha pesquisa em campo, em que o ato de afetar(-se) se fez presente.

2.3 Pesquisador *online* no *Grindr*: percepções e afetos em campo

Antes de ter uma conta no *Grindr* enquanto pesquisador, eu, com colaborações de meu orientador e professores do mestrado, refleti sobre como deveria ser a minha entrada em campo. Seria mais adequado eu me identificar como mestrando? Seria importante que eu usasse minhas próprias fotos? Seria ético que os usuários conversassem comigo sem saber que minha intenção era acadêmica? Já sabendo que o campo me afetaria assim como eu seria afetado por ele, criei um perfil com fotos minhas de rosto, fiz uma descrição que apresentava para que fins eu usava o aplicativo e preenchi alguns campos disponibilizados, como pode ser visto a seguir:

Figura 4: Cópia digital do meu perfil no *Grindr*



Fonte: Arquivo próprio

Os tempos modernos instauraram o primado racionalista, fortemente transferido para as práticas científicas. Em tal contexto, a ciência seria um fazer racional que controla as pulsões a fim de que conhecimento e imparcialidade andem juntos. Esta questão está sendo cada vez mais problematizada, à medida que é impossível separar sujeito sensível de pesquisador (SODRÉ, 2006). Longe de ser neutro, o cientista está inserido em malhas ideológicas, normativas e afetivas, o que faz com que investigações sejam atravessadas também pela experiência de quem investiga. Reconhecer que sentimentos e sensações me interpelariam na pesquisa foi um dos motivos por que resolvi colocar-me explicitamente no *Grindr*, menos como personagem ou anônimo e mais como usuário que realiza performances de si. Mais que isso, mostrar-me “como sou” pareceu ser uma maneira justa de apresentação, levando em conta que os interlocutores colaboraram para que esta dissertação fosse escrita e mereciam saber com quem estavam conversando. Com isso, não diria que os usuários com quem me comuniquei foram “contaminados” com as minhas performances, mas certamente foram afetados de algum modo, assim como eu por eles, o que compõe parte significativa da dissertação.

Procurei montar meu perfil e realizar algumas práticas no aplicativo como se eu fosse um usuário ordinário, ainda que pesquisador. Escolhi fotos de exibição que eu escolheria caso não fosse mestrandando e testei performances de mim a fim de ver quais agradavam mais. Inclusive, a pedido de homens com quem eu conversava, entrei na dinâmica de enviar fotos via *chat* para ganhar confiança na troca de mensagens: performar em textos visuais para além da foto de exibição é confirmar que você não é um *fake*. Apesar de ter enviado e colocado no perfil apenas fotos com recortes do rosto, percebi que aquelas em que eu aparecia sem óculos, sorrindo e sem camiseta geraram um maior número de interações via *chat*.

Em conversação, alguns interlocutores, além de perguntarem se era eu realmente na foto, disseram que ela os influenciava. Sobre isso, expressaram que, se eu não tivesse despertado neles certo interesse, não estariam se comunicando comigo. Em sentido oposto, houve usuários que não responderam às minhas mensagens, quiçá por não terem me considerado atraente, por eu ser pesquisador ou por exibir a face, ação que nem todos os perfis executam ou valorizam. Nesse contexto, realizar performances de mim demonstrou ser uma escolha que abriu e fechou portas.

Frequente indagação feita a mim era se eu era *gay*. Eu confirmava e questionava se haveria incômodo caso a pesquisa estivesse sendo feita por um heterossexual. Embora a maioria das respostas tenha sido negativa, ser homem *gay* pareceu ser uma vantagem no trabalho de campo. Além de já ter usado o *Grindr* e conhecer suas práticas, eu guardo

familiaridade com a cultura visual, verbal, afetiva e sexual em que se inserem HRH. Ainda que eu fosse um estrangeiro no aplicativo por ser pesquisador, era também nativo e raramente tive dificuldades em compreender o cenário que emergia diante de mim e pela minha presença.

Com o propósito de preservar a identidade dos perfis e conversas coletados, tomei determinados cuidados. Com relação aos perfis, optei por representá-los valendo-se do filtro “Bico de Pena” do *Photoshop*²⁵, que confere à fotografia um efeito de ilustração. Atentei-me para mudar ou retirar quaisquer elementos que permitissem reconhecimento do usuário, o que inclui os campos de preenchimento pré-estabelecidos pelo aplicativo. Visualmente, rostos foram embaçados e tatuagens foram retiradas. Verbalmente, nomes próprios ou iniciais de nomes, por mais fictícios que possam ser, foram substituídos por “[nome próprio]” e “[iniciais - nome]”. Quanto às conversas, sua contribuição diz respeito a apenas trechos, de maneira que não relaciono perfis com diálogos, a fim de que as personalidades e opiniões dadas não possam ser associadas a um usuário específico. O emprego de partes de conversações que aparecem na análise foi autorizado pelos interlocutores via *chat*, permissões de que tirei cópias digitais e atualmente encontram-se arquivadas. Além de pedir licença aos interlocutores, expliquei os procedimentos de confidencialidade envolvidos, o que em quase todos os casos gerou consentimento.

Entre afetos, meu trabalho em campo delineou-se. Durante todo este processo, busquei ser ético com os interlocutores ao me colocar como pesquisador e fazer performances de mim usando minha foto de rosto e meus dados “reais”. Meu esforço foi de manter o rigor científico, de modo que busquei lembrar constantemente dos meus objetivos de pesquisa, reforçar minha experiência como mestrando aos usuários e deixar de lado algumas personalidades e preconceitos, mostrando-me aberto a conversar com homens com que eu não falaria fora da experiência da dissertação. Mais que isso, fiz o possível para dissolver qualquer hierarquização entre mim e os interlocutores: usei gírias e abreviaturas, fui informal assim como os usuários o são, ri de trocadilhos e piadas, tentei ser próximo, ainda que objetivo.

2.3.1 Sobre ser pesquisador no *Grindr*

No decorrer dos dois meses que fiquei imerso em campo, inúmeros foram os usuários que viam com descrença a minha presença no *Grindr* como pesquisador. Perguntavam-me se era algum tipo de brincadeira, se era sério ou se eu me posicionava como mestrando apenas

²⁵ *Photoshop* é um software desenvolvido pela *Adobe Systems* e utilizado em tecnologias digitais, sobretudo computadores, para a edição de imagens.

como desculpa caso algum usuário tivesse interesse em mim e eu não nele. Neste último caso, é como se ao me colocar como alguém não disponível para interações afetivo-sexuais eu pudesse filtrar os homens ali presentes, sem ter que passar pelo constrangimento de dizer um “não”. Minha postura diante desse ceticismo foi sempre de reforçar que eu estava ali realizando uma investigação, oferecendo outros dados que tornavam a minha fala mais credível, como programa e instituição a que me filiava ou descrição breve sobre como a pesquisa funcionava. Na tentativa de minimizar tal descrença, incluí em meu perfil a expressão “[sim, é verdade!]”. O questionamento, no entanto, continuou existindo, impressão que aparentemente era desconstruída somente quando eu explanava sobre a pesquisa, o que dava vazão às conversas entre mim e os interlocutores.

Minha identificação como pesquisador ora pareceu favorecer que conversas se manifestassem, ora demonstrava impedir o diálogo, embora o primeiro cenário tenha prevalecido. Alguns usuários, ao perceberem que não me encontrariam face a face ou que não receberiam meus *nudes*²⁶, interrompiam a comunicação. Contrariamente, diversos vinham até mim pelo *chat* expressando sua curiosidade e vontade de participar da investigação. “Quero participar” foi uma frase bastante lida por mim, felizmente, o que me fez refletir sobre como os usuários gostavam de ter diálogos profundos. Isso se deu em oposição às denúncias constantes que recebi com relação aos papos no aplicativo, considerados demasiadamente superficiais.

Vivi algumas situações em que interlocutores fizeram indagações específicas sobre a pesquisa, questionando qual era minha metodologia, meu referencial teórico, meus métodos em campo, meu problema. Quando isso ocorria, intervenções que se deram poucas vezes, eu tentava não ser totalmente direto, porque as minhas respostas poderiam interferir no caminho das conversações e até mesmo nos pontos de vista dos usuários. Meu retorno mais frequente era que eu estudava os homens que se relacionavam com homens no *Grindr*, o que quase sempre contentou.

Recebi incontáveis trocadilhos sexuais relacionados ao fato de eu ser pesquisador. Em alguns desses casos, simplesmente ignorei; em outros, respondi sutil e polidamente, tentei enveredar para algumas perguntas iniciais da pesquisa ou, entre “hehehehe” e “hahahaha”, expus que meu interesse ali era outro. Raramente esse tipo de conversa se estendia e rendia uma longa discussão. Antes mesmo de entrar em campo, eu já esperava que abordagens como deste tipo fossem ocorrer, o que é muito evidente, uma vez que o aplicativo funciona por meio

²⁶ Fotos em que os usuários mostram-se sem roupa, usualmente tiradas por eles próprios com celulares e com a câmera reversa. Esta é uma expressão recorrente nos usos do *Grindr*.

de jogos verbais e visuais entre os usuários. Raramente me senti constrangido com mensagens assim, que, quando ocorriam no meio do diálogo, me demandavam jogo de cintura, paciência e criatividade para voltar ao foco da investigação.

Houve situações em que me senti vulnerável. Era corriqueiro que perguntassem meu nome, que é bastante incomum e fácil de ser encontrado nas mídias digitais interativas como *Facebook* e *Instagram*. Em conversa com um usuário específico, ele localizou meu perfil no *Instagram*, que na época era aberto, e fez alguns comentários pouco delicados sobre fotos que exibiam minha relação com meu namorado da época. Sem qualquer foto ou informação sobre tal usuário, tentei cautelosamente, ainda que incomodado por ele ter conhecimento de minha intimidade, retornar à discussão sobre o *Grindr*, o que não frutificou. Depois de fazer várias investidas sexuais e afetivas para que eu saísse com ele e perceber que isso não ocorreria, o interlocutor disse que estava conversando comigo porque desejava transar e, como isso não iria ocorrer, não era mais preciso continuar. Esse episódio me marcou consideravelmente, quando percebi que a vulnerabilidade que senti é compartilhada por outros usuários, os quais já passaram por experiências similares ou imensamente piores. Em um relato, um usuário contou que seu amigo, que apresentava nome verdadeiro e foto de si em seu perfil, foi alvo de homofobia e violência física por um homem que o identificou na rua. Mais que isso, o *Grindr* e outros aplicativos similares têm sido usados por agressores com finalidades homofóbicas, o que inclui roubo, abuso e até mesmo assassinato de HRH (GONÇALVES, 2017).

Também senti incômodo ao pesquisar um ambiente fortemente normativo, sobretudo heteronormativo. Como homem *gay* afeminado, sensibilizei-me ao ver perfis machistas, homofóbicos, gordofóbicos e, principalmente, ao desenvolver conversas com usuários que tinham falas preconceituosas. Sensação parecida se deu quando me comuniquéi com usuários monogamicamente comprometidos com mulheres ou homens que utilizavam o aplicativo para consumir uma traição. Embora tenha havido desconforto em ambas as situações citadas, tive de deixar certos juízos, pessoalidades, moralismos e valores de lado para seguir pesquisando. Evidentemente tais circunstâncias me afetaram negativamente, mas a responsabilidade de ser rigorosamente científico foi chamada para ação e executada, de maneira que não fiz qualquer tipo de julgamento ou censura durante a troca de mensagens com interlocutores.

2.3.2 Sobre ser comprometido e monogâmico no *Grindr*

Nos dois meses em que estive em campo, mantive um relacionamento monogâmico, informação que constava em meu perfil. Este foi um quesito que, assim como ser pesquisador, repercutiu na disponibilidade ou não que usuários tinham para dialogar comigo. Não foram

raros os interlocutores que não leram meu perfil e acabavam descobrindo que eu era pesquisador e/ou namorava apenas durante o conversa, o que reforça que os textos visuais ocupam um lugar de privilégio no *Grindr*. Ser comprometido tanto despertou o interesse dos usuários quanto o diminuiu, variando de caso para caso. Alguns homens viam meu estado civil como algo atrativo e insistiam que eu deveria ter algo casual com eles sigilosamente, insistência que por vezes desencadeou o final da troca de mensagens por minha parte. Quando a comunicação transcorria, meu esforço era de explicar que minha relação não era aberta e de procurar regressar discretamente para o assunto da investigação.

Pelo respeito pelo relacionamento monogâmico vivido no período, minha presença em campo se deu integralmente para fins investigativos, de forma que o envolvimento entre pesquisador e interlocutores se delineou em uma esfera estritamente acadêmica.

2.3.3 Sobre algumas percepções do campo

No período de imersão em campo pude notar algumas questões sobre o *Grindr* e perceber algumas práticas latentes que atravessam o uso do aplicativo. Embora não se liguem diretamente aos textos verbo-visuais que reforçam a masculinidade hegemônica, tais pontos merecem citação, já que dizem da dinâmica do aplicativo:

- Diversos usuários destacam em suas descrições a importância de que o outro tenha foto em seu perfil, requisito que normalmente diz respeito à foto de rosto. Contraditoriamente, muitos desses usuários não possuíam os próprios fotos de rosto ou qualquer foto, de modo que a exigência recaí sobre o outro, mas não sobre si.
- Ao iniciarem um diálogo, usuários que não tinham foto alguma em seu perfil mandavam-na via *chat* logo após um cumprimento. Este item e o anterior demonstram que o regime de invisibilidade se faz presente no *Grindr*, motivado sobretudo pelo o medo de exposição de si e pela possibilidade de sofrer discriminação por orientação ou prática sexual, conforme alguns interlocutores expuseram.
- Como um interlocutor explicou, “a base [do *Grindr*] é *nudes*”. Usada como moeda de troca para excitar e autoconstruir-se, o *nudes* funciona como uma performance pornificadora de si. Houve usuários que, após me abordarem e não terem resposta, fizeram envio de textos visuais de nudez como forma de me persuadir a interagir. Já outros iniciavam a conversa com o envio direto desse tipo de foto, sem depois acrescentar nenhuma mensagem verbal. O *nudes* permite que atributos íntimos sejam colocados para exibição e servem a um jogo de sedução.
- Muitos usuários com quem dialoguei opinaram que o uso primordial do *Grindr* é voltado ao sexo. Inúmeros interlocutores declararam que podem até existir usuários que procurem um

relacionamento sério, mas a demanda de sexo casual seria imensamente maior. Paradoxalmente, não poucos interlocutores me disseram que buscavam um amor, um namorado ou um parceiro para ter algo além de relações sexuais, o que li também em descrições de perfis. Isso parece apontar que há um desencontro entre a imagem do *Grindr* e as expectativas de determinados usuários.

- Frequente também foi a declaração de que o uso do aplicativo é, por vezes, “viciante”. Muitos usuários discorreram sobre sua dificuldade em ficar longe do serviço tecnológico, tendo que se conectar várias vezes ao dia ou não conseguindo desinstalar o aplicativo do celular. Seja por carência, pela busca do cara ideal, pela abundância de possibilidades e/ou para distração, interlocutores disseram fazer um movimento sucessivo de instalação, desinstalação e reinstalação, uma ação de afastar-se e render-se.

- Prática comum no aplicativo é ignorar e ser ignorado via *chat*, independentemente se isso ocorre no início da comunicação ou no meio da conversa. “Silêncio também é resposta” é um texto verbal visto em alguns perfis e demonstra que silêncio significa falta de interesse.

- Em momentos que mudei minha localização, seja por meio de deslocamento espacial ou através de aplicativos que falsificavam a localização, um número exorbitante de usuários vinha falar comigo pelo *chat*. Como um interlocutor expressou, eu era “carne nova no pedaço”. Já que os usuários do *Grindr* utilizam o aplicativo em áreas que estão acostumados a frequentar, não é de se estranhar que os perfis das redondezas sejam conhecidos em pouco tempo. Nesse sentido, quando um novo usuário aparece na região, uma nova chance de contato toma forma.

- Parte considerável das conversas no *Grindr* se dá de maneira direta e através de perguntas “formulaicas”, como chamou Bonfante (2016). “De onde fala?”, “O que procura no aplicativo?”, “O que curte [sexualmente]?” costumam ser as primeiras indagações que usuários trocam no *chat*, as quais já orientam em certo grau o que um usuário pode esperar do outro. Tais questões objetivas já esclarecem se há afinidades necessárias para que a conversa continue. Se um procura sexo e o outro, namoro, a probabilidade de o papo seguir em frente é menor. Por outro lado, se um for ativo, o outro passivo e ambos forem adeptos do sexo casual, um encontro face a face pode ocorrer. Alguns perfis criticam tais perguntas prontas e pedem por mais criatividade no primeiro contato.

- Há usuários que não têm interesse em encontros face a face, nem por isso deixam de manter relações afetivo-sexuais, as quais são mediadas integralmente pela tecnologia. O jogo da sedução, longe de só ocorrer quando há o contato pele a pele entre pessoas, ganha possibilidades de excitação, gozo e imaginação com os aplicativos de encontro gay, as

câmeras e os *nudes*.

2.4 Uma matriz teórica para situar metodologicamente o fenômeno: enquadramento pela perspectiva de Butler

Com o diálogo que esta dissertação faz com a sociologia construtiva de Butler, o intuito é compreender, em nível macrosociológico, as molduras normativas por meio das quais conseguimos ou não reconhecer alguns corpos em detrimento de outros, molduras estas que atravessam as autoconstruções e a busca por parceiros no *Grindr*. Apoiado no conceito de enquadramento, este trabalho investiga em primeira instância um cenário maior de gênero-sexualidade, que determina quais masculinidades têm vez ou não, quais são valorizadas em detrimento de outras. A partir desta perspectiva, chego aos perfis e conversas do *Grindr*, valendo-me de análise de textos verbo-visuais, proposta por Abril na seção seguinte. Desse modo, é possível apreender a textualidade que toma forma no aplicativo e reforça ideias de masculinidade hegemônica.

Butler, pela óptica do pós-estruturalismo e do construtivismo social, reconhece o real, não mais fora de seu processo de interpretação. A filósofa é antiessencialista e compreende que noções dicotômicas como feminino/masculino e mulher/homem são construções sociais, culturais e históricas formadas a partir da valorização do imperialismo biológico. Em obras mais recentes da pensadora, a incluir *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* (2015), em que discute o conceito de enquadramento, Butler se afasta de uma discussão essencialmente focada em gênero-sexualidade para fazer reflexões éticas e políticas mais amplas.

Na obra citada, a pensadora propõe pensar que algumas vidas não são qualificadas como tal, de forma que não são enlutadas ou vistas como valiosas, o que se deve pela influência de enquadramentos epistemológicos. Esses enquadramentos funcionam como “molduras pelas quais apreendemos ou, na verdade, não conseguimos apreender a vida dos outros como perdida ou lesada (suscetível de ser perdida ou lesada)” (BUTLER, 2015, p. 14), molduras que estão politicamente saturadas e, por isso, reforçam certos modos de reconhecimento e de precariedade. Portanto, a partir de certos enquadramentos, populações subalternas não teriam suas vidas enlutadas por estas serem entendidas como ameaças à reconhecida vida humana. Enquadramentos são, assim, hierarquizadores.

Segundo essa lógica, somos reconhecidos a partir de convenções e normas produzidas e repetidas, movimento constante que faz com que os graus de reconhecimentos estejam sempre em deslocamento. De tal forma, antes de reconhecermos alguém, somos interpelados

por condições de reconhecimento e de precariedade, as quais foram apreendidas, ensinadas e difundidas. Tais normas, oferecidas sobretudo por organizações e instituições, colocam-nos como dependentes das modelagem e força sociais, tornando-nos essencialmente precários. O que acontece é que não somos todos reconhecidos da mesma maneira, tampouco igualmente vistos como precários: há pessoas que possuem vidas mais precárias que outras, em detrimento de outras. Ao sermos corpos sociais, temos que contar com o que está fora, inclusive enquadramentos que permitem ou não que nossas vidas sejam percebidas como importantes e/ou enlutadas se perdidas. Embora toda vida seja vulnerável e precária, nem toda vida é reconhecida como tal, não à toa tantos grupos, por não receberem apoio social e econômico que outros recebem, vivem em situação de preconceito, violência (física, moral e psicológica), morte.

Ainda que na obra de Butler os casos abordados sejam majoritariamente relacionados à guerra tomada denotativamente, como casos de prisioneiros e refugiados, a pensadora também traz para debate a questão de gênero-sexualidade, sobretudo das homossexualidades. Já que a “guerra é precisamente um esforço para minimizar a precariedade para alguns e maximizá-la para outros” (BUTLER, 2015, p. 86), a homofobia e a ausência de reconhecimento por que muitas pessoas homossexuais passam, o que desemboca em diversas violações, é também concebível enquanto guerra, cenário que se manifesta no *Grindr*.

A partir de três casos, ilustro de que maneira o *Grindr* tem servido como ferramenta de controle de masculinidades por instituições e pessoas que não têm práticas homossexuais. O primeiro deles envolve o jornalista britânico Nico Hines, declaradamente heterossexual e casado, cuja reportagem no *The Daily Beast* causou grande debate ético. Durante a cobertura dos jogos olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, Hines criou um perfil no *Grindr* a fim de descobrir atletas *gays*, dando continuidade à obsessão midiática em publicizar a vida privada dos competidores. Além de não se apresentar como jornalista ou afirmar suas intenções ao criar seu perfil e interagir com os atletas, Hines fez de sua experiência no aplicativo uma matéria, posteriormente excluída, em que afirma que a Vila Olímpica seria “um viveiro de atletas em festa, pegação, e sexo, sexo, sexo” (CAPARICA, 2016). Embora as pessoas citadas na reportagem não tenham tido seus nomes divulgados, características como peso, altura e país de origem permitiram identificar de quais competidores Hines estava tratando, alguns vindos de países homofóbicos e um, específico, de uma nação da Ásia Central onde a homossexualidade é criminalizada (STERN, 2016).

No Egito, o *Grindr* tem sido usado pela polícia para encontrar e prender homens homossexuais. A facilidade de passar-se por outra pessoa e as brechas que o aplicativo

oferece para que a localização exata dos usuários seja descoberta tornam o aplicativo um espaço propício para a perseguição homofóbica: o controle das práticas sexuais privadas ganham novos contornos com as mídias digitais interativas. Ainda que a homossexualidade e as suas práticas não sejam criminalizadas no Egito, a população *gay* sofre grandes represálias institucionais. Caso um usuário compartilhe com a polícia, por meio do *Grindr*, fotos íntimas sem saber que é ela a destinatária, seu ato pode ser considerado criminoso por “incitar a devassidão” (QUEERFEED, 2016). Como medida preventiva, a própria equipe do aplicativo criou uma notificação para usuários no Egito com a finalidade de alertá-los sobre as armadilhas policiais, incentivando-os a não enviarem fotos e dados que pudessem desvendar sua identidade.

O controle de masculinidades realizado a partir do *Grindr* não é exclusividade heterossexual, de modo que os próprios usuários vigiam-se, desenvolvendo uma espécie de cumplicidade com a masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003). Entre os próprios HRH, inúmeras descrições de usuários apontam para relações e discursos que podem ser vistos enquanto guerra: expressões como “não aos afeminados” e “discreto em busca de sigilo” evidenciam que tipos de homens merecem o prazer e o interesse do outro.

Em estudo realizado no Rio de Janeiro, que investiga o *Grindr* e outros aplicativos afins, Bonfante retrata que vários usuários fazem “um contínuo esforço de ataque a estereótipos homoafetivos, apreço por valores heteronormativos e reprodutivos como um moralismo sexual, e reiteração muito direta de seu não pertencimento ao código-território em questão” (BONFANTE, 2016, p.161). A experiência acerca de práticas homossexuais, formada a partir de enquadramentos e vivências que constroem ideologicamente as práticas homossexuais masculinas como negativas, é tão forte até mesmo entre HRH, o que acaba por repercutir na sua autoconstrução e na produção de seus textos verbo-visuais, tão alinhadas à modos hegemônicos de ser homem. O *Grindr* se estrutura a partir de hierarquias, valorizações e exclusões, não à toa usuários com quem conversei durante a pesquisa relataram que já foram alvo de preconceito por serem considerados afeminados.

Tais contextos fazem notar que, hierarquicamente, alguns corpos masculinos são reconhecidos em detrimentos de outros, possuem vidas mais valiosas e mostram-se mais interessantes sexualmente. Há usuários no *Grindr* que parecem entender as condições de reconhecimento que atravessam as dinâmicas do aplicativo e performam na tentativa de que este reconhecimento ocorra: a escolha estratégica de um enquadramento visual que demonstre virilidade possui a intenção de afetar positivamente os demais usuários, um esforço de fazer-se interessante.

Nos apps [como o *Grindr*], indivíduos podem se reinventar: se nomeando e performando seus corpos. Quando suas performances são reconhecidas como ‘dignas de desejo’, eles ascendem à condição de sujeito do desejo de modo que o reconhecimento e a inteligibilidade dos corpos são altamente dependentes da performance da renomeação (no caso uma performance de auto-nomeação) (BONFANTE, 2016, p. 62).

Enquadramentos incluem e também excluem elementos normativamente e, com isso, buscam estabilidade, procuram conter e determinar o que é visto. Contudo, ao se reproduzirem, rompem com seu contexto, temporal e espacialmente, o que faz deles, no processo de reprodutibilidade, vulneráveis. Para Butler (2015), cada ideal normativo é acompanhado de seu imaginário de fracasso e tem como correspondente a sua oposição, que usualmente toma a forma de uma figura. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que o enquadramento quer dissipar esta figura opositiva, ela também a alimenta e reproduz: é algo que está vivo, mas não é vida, já que está fora do enquadramento. No caso de masculinidades no *Grindr*, o afeminado emerge como figura antagônica ao ideal normativo do macho, este ligado à masculinidade hegemônica e presente em diversos enquadramentos no aplicativo, o que é criticado e rompido a partir da ação de outros perfis. É através de rupturas que novas possibilidades de reconhecimento emergem, gerando brechas nos ideais normativos.

Com esta pesquisa, ao apresentar por meio de ilustrações e de descrições verbais os perfis do *Grindr*, estou fazendo um enquadramento do enquadramento. Logo, os enquadramentos do aplicativo passam aqui por rupturas espaciais e temporais (porque escrevo sobre eles e porque leitores leem sobre eles fora do ambiente do *Grindr* e em tempos futuros à coleta), recebem ressignificações e sua eficácia é colocada em xeque. Como pesquisador, não estou isento de fazer minha análise ideologicamente, o que não significa que não busque seguir com rigor procedimentos teóricos e metodológicos para que este trabalho cumpra com exigências, reflexões e práticas que o fazer científico demanda. Um grande cuidado (e desafio) por que me esforço, por exemplo, é de não tomar os enquadramentos do aplicativo por uma lógica integralmente heteronormativa e refletir sobre as negociações, sobreposições e contradições de masculinidades: esse é um exercício de enquadrar o enquadramento sem inflexibilidade, essencialismo ou determinismo.

2.5 Análise de textos verbo-visuais no *Grindr*: a emergência de uma textualidade pela

perspectiva de Abril

Para Abril (2013), texto se refere diz respeito não apenas ao texto verbal, concepção comumente encontrada em paradigmas de base linguística, mas a qualquer unidade de comunicação que repercute uma riqueza de sentidos e está imbricada em uma rede textual, a qual pode conter não só elementos verbais. Nesse sentido, o pensador afasta-se de uma perspectiva verbocêntrica para se aproximar de uma matriz pragmática de estudos, que se preocupa menos em saber o que significam os textos do que questionar o que fazem emissores ao produzi-los e os receptores ao interpretá-los. Em suma, é analisar efeitos de enunciações e entender de que modo pessoas, em comunicação, constroem sentidos quando atuam mutuamente por meio de textos.

Etimologicamente, a palavra texto traz consigo a noção de tessitura, composição de tecidos cujos fios se conectam. Dito isso, o texto não existe só, mas está inserido em uma trama textual, remetendo a outros textos: a textualidade. Levar esse pensamento adiante é posicionar-se em sentido inverso ao imanentismo, cuja análise não olha criticamente para elementos extratextuais. De forma metafórica, o imanentismo preocupa-se em estudar a ilha, enquanto o exoimanentismo, postura que Abril adota, investiga a ilha, a relação dela com outras ilhas e a macroestrutura do arquipélago. Seguir uma perspectiva que não vislumbra o texto como uma unidade, um objeto isolado, uma entidade dada, é reconhecer seu caráter heterogêneo, híbrido, mutante.

Teoricamente, o texto deixa de ser um objeto estável para se tornar um processo contínuo, que emerge a partir do olhar do pesquisador e em meio a dimensões pragmáticas e semânticas. É a este cenário que está ligada a textualidade: romper com uma visão cartesiana e perceber o texto para além de si, em conexões com e entre outros textos, cercado por um contexto de práticas sócio-discursivas e envolvido por um universo simbólico. Compreender o texto a partir da lógica da textualidade é complexificar o fazer científico e deixar sua rede textual emergir, investigar seus aspectos diacrônicos e sincrônicos.

Abril propõe a análise verbo-visual como uma metodologia transdisciplinar de análise sociocultural. Culturalmente, há convenções verbo-visuais que objetivam naturalizar ou amenizar ideais hegemônicos em detrimento de questionamentos sobre por que alguns grupos ou classes não são devidamente reconhecidos. Logo, textos verbo-visuais, sempre ligados a uma cultura, são mediados por sistemas de crenças, normas, valores e hierarquias. Ou seja, por enquadramentos.

Ainda que a dimensão cultural de que o pensador trate seja verbal e visual, há foco na segunda, posição aparentemente política que Abril adota para teorizar sobre algo que, para

vários teóricos, fica de lado. Não é à toa que “cultura visual” apresenta-se no título da obra de Abril, a qual floresce como concepção que vai do estético ao político no decorrer do livro.

La cultura visual es una forma de organización sociohistórica de la percepción visual, de la regulación de las funciones de la visión, y de sus usos epistémicos, estéticos, políticos y morales. Es también un modo socialmente organizado de crear, distribuir e inscribir textos visuales, proceso que implica siempre unas determinadas tecnologías del hacer-visible, técnicas de producción, de reproducción y de archivo (ABRIL, 2013, p. 35).

Por valorizar a dimensão visual, tal perspectiva é cara a esta dissertação, uma vez que as fotos do *Grindr* aparecem como textos privilegiados na interface do aplicativo, sendo os primeiros elementos que os usuários veem nas performances ali presentes. Não excluindo ainda assim o aspecto linguístico, textos verbais que aparecem nas descrições do aplicativo tendem a afunilar a polissemia que existe nos textos visuais dos usuários. No corpus deste trabalho, há um perfil cujo usuário escreveu em sua descrição que não era GP (Garoto de Programa), ainda que pensassem isso. Quando este usuário afirma que não é GP, ele especifica que sua performance visual não se liga ao sexo pago, mas o fato de expor isso verbalmente significa que há a possibilidade de tal interpretação. O texto verbal, nesse caso, tem por papel orientar os receptores para uma direção específica. De toda forma, quais seriam as semelhanças entre o perfil em questão e o dos GPs? A resposta está na cultura visual presente no *Grindr* e compartilhada entre HRH. No trabalho em campo, pude perceber que GPs tendem a se apresentar com corpos musculosos, pouco adiposos, estão de pernas abertas, vestem cuecas ou sungas, possuem nomes e descrições diretas que informam sua profissão, sua posição sexual e sua discricção. Tais características, hegemonicamente masculinas, são similares àquelas que Perlongher (2008) descreveu ao investigar o meio frequentado por michês na capital paulista em décadas passadas e são também performadas por garotos de programa em Belo Horizonte, o que parece ser rentável. O perfil em questão ilustra a importância do hífen que interliga textos verbo-visuais: juntos, os dois âmbitos desencadeiam interpretações.

Para elucidar as particularidades dos textos visuais, Abril apresenta três dimensões que os cingem: 1) *visualidad* (traduzida para visualidade); 2) *mirada* (traduzida para olhar) e 3) *imagen* (traduzida para imagem). A visualidade é um composto de elementos heterogêneos visuais que concebem a expressão do texto visual, dando-lhe coerência e permitindo significações. Abril afirma que o visual se relaciona a três vertentes: 1) o que se deseja ver: visão que é influenciada pelos anseios e interesses dos receptores; 2) o que se sabe ou se crê:

visão socializada que orienta simbólica e culturalmente as formas de ver dos receptores; 3) o que se faz: o que emissores fazem ao produzirem textos visuais e receptores, ao interpretá-los. Passando essa discussão para o *Grindr*, é como se determinado usuário, ao entrar em contato com o perfil de outro usuário: 1) desejasse encontrar qualidades de virilidade, força e discrição, assim como ele próprio constrói-se em seu perfil (o que se deseja ver); 2) entendesse que um usuário que se apresenta com uma foto de barriga sarada, não exibe seu rosto e tem como nome a palavra “macho” cumprisse com os requisitos desejados (o que se sabe ou se crê); 3) interpretasse que aquele usuário está aberto a conhecer homens como ele e, de tal forma, entrasse em contato por *chat* e enviasse várias fotos (o que se faz). Parece operar aqui o uso de certa “enciclopédia” de práticas *gays* masculinas que, pragmaticamente e a partir de um conjunto de conhecimentos e vivência dentro e fora do aplicativo, permite inferências, uso que não se vê livre do estereótipo.

Já sabendo, explícita ou implicitamente, das possibilidades de interpretação, emissores já tentam prever, em alguma instância, o modo como receptores agirão diante de seu texto. Conhecedores da cultura visual em que receptores se inserem, emissores escolhem elementos visuais com o intuito de afetar, seja de maneira positiva ou não, quem vê o que produziram. As performances (verbo-)visuais do *Grindr* funcionam em lógica semelhante: com o intuito de influenciar outros usuários, perfis são construídos estrategicamente e valendo-se da cultura visual que HRH vivenciam. Em conversa com um usuário, perguntei-lhe por que ele havia escolhido, dentre outras, a foto principal que estava em seu perfil, em que ele aparecia com utensílios culturalmente tidos como femininos, como brinco, batom, rímel, *blush* e turbante colorido, performance de si pouco usual em meu corpus. Ele respondeu que o *Grindr* era um ambiente heteronormativo e, por isso, quis colocar uma foto que provocasse e transgredisse algumas normas que ali se delinearam. Logo, ciente da cultura visual que cinge o aplicativo, tal usuário agiu em seu perfil com intenções subversivas em relação às expectativas de gênero: seu texto visual, propagado midiaticamente, tem caráter político.

Outra dimensão que Abril define é a do olhar, um lugar que os próprios textos visuais propõem; ou seja, o olhar já está, em certa medida, dentro dos textos. Ao termos acesso a um texto visual, nossa posição como observadores e/ou avaliadores está dada de alguma forma. Certas fotos do *Grindr* mostram usuários em suas camas ou em seus chuveiros, de modo que, se fôssemos a câmera do celular no momento do clique, estaríamos diante e próximos de corpos, sentiríamos seus cheiros e calor, estaríamos a poucos centímetros de tocá-los. Assim, além de olharmos os textos, também somos por eles olhados, já que preveem nossos papéis, posições e atitudes como espectadores.

Por já guiar o modo de ver do receptor, o olhar tem relação com o poder, uma vez que escolhe uma perspectiva em detrimento de outras. Os olhares selecionam, intencionalmente ou não, lugares de enunciação construídos e consagrados como posições sociais, de maneira que sugerem e sedimentam hierarquias. Por meio da inclusão ou exclusão de elementos, entre visibilizar ou invisibilizar, ao priorizar um ângulo em detrimento de outros, o olhar administra e monitora certos modos de ver, colocando como legítimo ou não um tipo específico de perspectiva.

De ordem política, os olhares são sustentados e expressos por regimes de visão, que gerem a visibilidade e a invisibilidade. Abril (2013) divide tais regimes em três: 1) invisibilidade: oculta algum aspecto visualmente, mesmo que, por meio do imaginário social ele esteja presente; 2) entrever: mostra algum aspecto em alguma medida, não integralmente, incitando o espectador a um exercício imaginativo; 3) visão total: expõe o máximo possível de forma direta. Fazendo um paralelo com os textos visuais do *Grindr*, podemos associar: 1) o regime de invisibilidade a um usuário que, por temer ser reconhecido no aplicativo e sofrer preconceitos em sua casa e em seu trabalho, opta por não preencher seu perfil com foto ou descrição; 2) o regime de entrever a um usuário que coloca uma foto de seu pênis ereto sob a cueca a fim de instigar, eroticamente, a curiosidade dos demais; 3) o regime de visão total a um usuário que usa apenas uma cueca e mostra seu corpo inteiro, da cabeça aos pés, com estrias e adiposidades, porque deseja apresentar-se de forma mais fidedigna possível.

Quando um usuário escolhe apresentar-se a partir de uma fotografia de seu rosto, de sua barriga ou de seu pênis ereto coberto por uma cueca, um olhar está contido naquele texto visual, o que acaba por conformar ou não certas expectativas sociais em relação às práticas homossexuais masculinas, aos homens que se relacionam com homens e à masculinidade hegemônica. São transmitidos, de tal maneira, elementos de discrição, afeminamento, virilidade, delicadeza, saúde e/ou descuido, que já oferecem formas de interpretação para o espectador.

Sobre a dimensão da imagem, Abril a diferencia da visualidade. Imagens não são necessariamente visuais e, no caso de textos visuais, grande parte do que é chamado de imagem é invisível. Em suma, não são somente os elementos “evidentes” em um texto visual que guiam nosso processo de significação, mas também as imagens. Estas não estão sós e vêm acompanhadas de redes textuais que compõem os imaginários sociais, produtores e reprodutores de imagens. Ao fazer análise de imagens, certo sentido comum emerge, sentido compartilhado e engajado historicamente com certa cultura visual e determinada experiência colateral. Logo, investigar textos visuais vai além de sua descrição plástica ou icônica e

encontra nos imaginários sociais um terreno fértil para compreender ordens políticas e ressonâncias narrativas, morais e filosóficas que cingem tais textos. Sem esta perspectiva seria impossível pesquisar o *Grindr* e sua relação com a heteronormatividade, a homofobia e o machismo, por exemplo, que por vezes não aparecem literalmente nos textos visuais do aplicativo, mas se fazem presentes por meio de imagens associadas à masculinidade hegemônica.

Tendo mostrado o percurso exploratório e experimental desenvolvido nesta investigação e apresentado o olhar metodológico por meio do qual analiso o fenômeno social aqui referenciado, gostaria de contextualizar nas próximas seções de que maneira esta pesquisa possui afinidade com dois eixos teóricos: gênero-sexualidade e performances de si em mídias sociais digitais. Ambos mostraram-se relevantes para o estudo do *Grindr*, já que neste aplicativo emergem modos de ser homem que reforçam e/ou subvertem a lógica normativa de gênero-sexualidade, bem como performances de si mediadas por mídias e aparatos digitais, as quais dizem das formas como a atual dimensão tecnológica interpela as práticas cotidianas, as interações e a autoconstrução.

3.1 Gênero(hífen)sexualidade: uma ponte entre dualismos, essencialismos e tecnologias

Os estudos de gênero, como disciplina formal e embalados pelo feminismo, tiveram seu início na década de 70. Além disso, foram impulsionados por pessoas historicamente tidas como diferentes do universal masculino, as quais passaram a reivindicarem politicamente seus direitos. Por essa razão houve a concretização do campo como “estudos de mulheres”, em que os homens e as masculinidades não ganharam o interesse de pesquisadores. Isso se deve a grande violência, opressão, exploração e dominação exercidas sobre elas em inúmeras dimensões, desde a política e a estatal até a doméstica e a trabalhista (ARILHA, 2010), o que culminou na necessidade de se falar essencialmente sobre o feminino.

As investigações sobre homens e masculinidades foram gradativamente introduzidas nos estudos de gênero, estimuladas não apenas pelas feministas, mas também pelos movimentos *gays* e *lésbicos*. A contribuição deste novo olhar é romper com a ideia de homem como unidade identitária unicamente opressora e reconhecer que há diferentes masculinidades, da hegemônica às subordinadas. Ou seja, há hierarquias, discriminações e violências entre os próprios homens. Por esta óptica, a intenção não é tirar as responsabilidades masculinas pelas tantas formas de misoginia e machismo que aconteceram e ainda acontecem no Ocidente, mas sublinhar o caráter relacional do conceito de gênero e colocar os homens como agentes importantes de mudança, rumo à equidade de gênero (ARILHA, 2010).

Já sobre os estudos de sexualidade, um marco moderno significativo é o apogeu da psicanálise em meados do século XX, que foi criticada em alguns pontos pela falta de rigor científico e/ou pela presença de ideias moralistas a respeito de práticas e identidades sexuais que não heterossexuais. É inegável, contudo, o crédito que a perspectiva possui por ter vislumbrado a sexualidade para além do determinismo biológico, pois vê o inconsciente como uma trama de questões complexas e sociais (WEEKS, 1998).

Nos anos 60, o pós-estruturalismo veio para modificar a visão sobre a sexualidade, colocando em xeque os ideais normativos modernos e deixando de lado uma perspectiva biologicista para ater-se a aspectos sociais e culturais. Este legado alimentou, não sem novas problematizações, os estudos *gays* e *lésbicos*, cujo *boom* marcou-se nos anos 80. De matriz construtivista social, esta vertente defende a diversidade sexual e reflete sobre identidades sociais a partir da sexualidade, o que nos anos 90 é desestabilizado pela teoria *queer*: as categorias modernas não dão conta da fluidez de sexualidade e de gênero, como expressou

Colling²⁷ (informação verbal).

Hoje parece difícil não usar o hífen em gênero-sexualidade, já que as questões se atravessam, como será dissertado no decorrer deste capítulo. Para discutir a relação entre gênero e sexualidade, esta pesquisa dialoga principalmente com dois pensadores: Paul Preciado (*Manifesto Contrassexual*, 2014) e Jeffrey Weeks (*Sexualidad*, 1998). Weeks, ativista *gay*, se alinha à perspectiva da sociologia construtivista e às teorias *gays* e lésbicas, lançando sobre o entorno social um olhar que não mais separa o real do processo de interpretação. Em suma, a óptica histórica com que o pensador analisa a sexualidade não é essencialista, à medida que crê que as categorias homem e mulher são culturalmente construídas, de modo que estão longe de serem naturais, estáveis e fixas. Preciado também demonstra discordâncias ao essencialismo – ponto-chave de convergência entre os dois pensadores – mas também ao construtivismo.

Enquanto Weeks trata criticamente da sexualidade a partir das polarizações modernas criadas em torno dela, o intuito de Preciado é fundamentar a contrassexualidade. Visa, assim, desconstruir as desigualdades de gênero e de sexualidade, as quais são formuladas a partir de um contrato social heterocentrado. O heterocentrismo é um sistema heterossexual que (re)produz feminilidades e masculinidades como se fossem naturezas biológicas. Mais que isso, para se afastar de verdades universais, Preciado renuncia à identidade sexual fechada e determinista, abrindo espaço para fluidez de práticas e performances de gênero-sexualidade, o que tem uma ligação direta com o *Grindr*.

Preciado critica o mesmo fundamento entre ambas as perspectivas essencialista e construtivista: a crença de que o corpo é uma massa orgânica dada, uma verdade última. Nesse sentido, o estudo do sexo (material) caberia às ciências biológicas e o gênero (imaterial), às ciências humanas e sociais. A obra de Weeks, por exemplo, não pontua com tanto vigor a importância da materialidade corporal e tampouco das técnicas, métodos e procedimentos cirúrgicos que fazem com que nossos corpos sejam também um produto tecnológico – ora controlado, ora subversivo. É exatamente isso que Preciado faz quando trata de tecnologias de sexo e de gênero, desconstruindo a oposição cartesiana entre corpo e máquina, como será explicado adiante.

Pertencente a uma corrente designada pós-feminista, Preciado tem forte base pós-estruturalista e busca resistir aos ideais normativos modernos. Por não defender identidades fixas e essencializadoras, por vezes construídas a partir de hierarquias sociais e dicotômicas

²⁷ Questão debatida pelo pesquisador Leandro Colling em palestra no 7º Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero, ocorrido na Universidade Federal de Juiz de Fora.

(mulher/homem, homossexual/heterossexual, transgênero/cisgênero²⁸), tal vertente considera noções de diferença, margem, heterogeneidade e diversos atravessamentos sociais que nos constroem, como classe, raça, gênero-sexualidade e nacionalidade.

Quando digo que estudo este aplicativo, diversas pessoas pressupõem que meus interlocutores de pesquisa são apenas homens homossexuais e vislumbram um grupo homogêneo, com características e práticas semelhantes. O trabalho de campo me mostrou exatamente o inverso, à medida que diferentes tipos de homens e distintas performances (por vezes acionadas por um só usuário) apareceram nos perfis e nas conversas: homens *gays*, bissexuais, heterossexuais, cis, trans, ativos, passivos, versáteis, *gouines*²⁹, afeminados, machos, casados, solteiros, adúlteros, poligâmicos, monogâmicos, curiosos³⁰, tradicionais, adeptos do *BDSM*³¹ e inúmeras outras categorias que se combinam ou excluem, criadas na tentativa de se dar conta da complexidade do prazer e das práticas afetivo-sexuais. É problemático, pois, falar sobre uma identidade homossexual masculina, ou melhor, uma identidade de homens que se relacionam com homens, uma vez que no *Grindr* não há apenas homens *gays*.

Também Preciado sustenta que todos nós passamos por uma mesa de operações quando nascemos, o que faz parte de um conjunto de mecanismos, estratégias, produtos, programas e técnicas que alimentam o sistema gênero-sexualidade a fim de torná-lo estável. Tal mesa é biologicamente determinista e responsável pela definição dos nossos corpos e de nossas práticas. “É um menino” ou “É uma menina” constroem-se a partir dos órgãos dos recém-nascidos: se possui um pênis considerado saudável, o bebê é um homem; se possui uma vagina vista como bem formada, uma mulher. Essas expressões vêm acompanhadas de uma série de expectativas que interpelam a criança (usualmente pelo resto de sua vida), sua família e a sociedade. A definição do sexo já estabelece uma promessa com relação ao gênero-sexualidade, uma constituição dos corpos normatizadora, naturalizada e já consagrada: se é homem, é também cis e heterossexual; se é mulher, é também cis e heterossexual.

O imperativo biológico acaba por associar sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual de tal forma que os órgãos chamados de sexuais, geradores da totalidade corporal, são não apenas reprodutores, mas também produtores, já que significam o corpo

²⁸ Pessoa cuja identidade sexual corresponde, a partir da expectativa normativa de gênero-sexualidade, ao seu sexo biológico. Exemplo: pessoa que nasce com sistema reprodutor considerado feminino e que se reconhece e se sente como mulher. Sua abreviatura é “cis”.

²⁹ Pessoas que são adeptas do sexo sem penetração.

³⁰ Homens que não vivenciaram práticas homossexuais, mas que possuem curiosidade de vivê-las.

³¹ Pessoas adeptas de práticas sexuais relacionadas a *bondage* (uso de cordas, algemas, mordanças, vendas e outros objetos durante o sexo), disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo.

com relação ao que é coerentemente humano. Reduzir o corpo erótico à vagina, ao pênis e aos órgãos do mesmo sistema é reforçar que o sexo tem finalidade puramente reprodutiva e negar que nosso prazer vai bem além do que nossas roupas íntimas cobrem.

A tecnologia sexual é uma espécie de “mesa de operações” abstrata na qual se leva a cabo o recorte de certas zonas corporais como “órgãos” (sexuais ou não, reprodutivos ou não, perceptivos ou não etc.): a boca e o ânus, por exemplo, são designados como o ponto de entrada e o ponto de saída sem os quais o aparelho digestivo não pode encontrar sua coerência como sistema; a boca e o ânus raramente são designados como partes do sistema sexual/reprodutivo. Sobre essa mesa de dupla entrada (masculino/feminino) se define a identidade sexual, sempre a cada vez, não a partir de dados biológicos, mas com relação a um determinado a priori anatômico política, uma espécie de imperativo que impõe a coerência do corpo como sexuado (PRECIADO, 2014, p. 127-128).

Sobre isso, ainda sobre o diálogo entre Preciado e Weeks, embora possuam diferenças, ambos têm pontos de proximidade. Os pensadores defendem que a atribuição do sexo não é natural, mas cultural, social e política. As ciências da saúde regulam os corpos e evitam ambiguidades, que precisam ser reparadas para que as pessoas se encaixem na lógica homem-mulher, como é o que ocorre com algumas crianças intersexuais que passam por processos operatórios. Neste sistema, funciona a “política do centímetro” (PRECIADO, 2014): quando o pênis do bebê não é considerado bem formado e/ou pequeno, atribui-se à criança o gênero feminino, o que pode incluir procedimentos cirúrgicos. Aqui fica evidente que o homem é homem por conta de seu pênis, o qual, se grande, é altamente valorizado até mesmo nas crianças.

A política do centímetro acaba por afetar diretamente a vida adulta, o que é visível no *Grindr*. A busca declarada por homens dotados e a autonegação a partir do tamanho do pênis são práticas recorrentes no aplicativo, o que desencadeou a criação de uma categoria específica de análise. Há, inclusive, perfis que apresentam expressões como “dot x dot” (dotado *versus* dotado), sinalizando que, além de ter um pênis grande, anseia-se que o outro possua a mesma característica. Durante meu trabalho de campo, algumas vezes usuários pediram-me foto do meu pênis, os quais abandonavam o diálogo ao não conseguirem o almejado. Uma vez que foram raros os textos verbo-visuais coletados que apresentavam pênis menores que 17 centímetros, parece que não é bem a necessidade de ver o pau que opera no *Grindr*, mas a importância de checar se seu comprimento e largura são apreciáveis e aceitáveis.

As tecnologias de sexo e de gênero estão marcadas por um sistema heterocentrado

(PRECIADO, 2014), em que a natureza e a normalidade são atribuídas diretamente à heterossexualidade. Logo, homens e mulheres teriam características próprias, específicas e opostas, mas seriam semelhantes em sua orientação sexual (a heterossexual) para, em pares, completarem-se. Um pouco diferente do heterocentrismo, em que o centro natural da sexualidade é a heterossexualidade, o conceito de heterossexismo (BORRILLO, 2010) aparece como um sistema segregacionista segundo orientação sexual. Nesse contexto, a heterossexualidade apresenta-se como padrão, como orientação sexual superior e ideal em relação às demais, vistas como desviantes, incompletas, imorais, pecaminosas e/ou patológicas. A heteronormatividade é outra palavra que se liga a essa rede semântica, sintetizada como um conjunto de normas diretas ou indiretas que perpassam o mundo social e as práticas sexuais, sempre tendo como apoio a heterossexualidade. Orientações sexuais não heterossexuais seriam, pois, marginais e desqualificadas: não seria natural a homossexualidade (WARNER, 1993). No contexto moderno, tais categorias sexuais não foram criadas inocentemente, mas objetiva(va)m classificar, operacionalizar, controlar e disciplinar práticas sexuais (BORRILLO, 2010).

Devemos reconhecer, de tal maneira, a força ideológica médico-biológica que naturaliza essas questões. Posicionar-se assim não é, no entanto, desacreditar na importância dessas ciências, muito menos excluir a dimensão material e química do corpo. A questão é notar como determinadas formas discursivas de saber são naturalizadas e interferem no modo como, desde a infância, vivenciamos nossa sexualidade, incorporamos nosso gênero e construímos nossa subjetividade. Mais que isso, é reconhecer que a sobreposição gênero-sexualidade está configurada por forças sociais e modelagens culturais, que são constantemente negociadas e performadas (WEEKS, 1998).

Ao imperativo biológico alia-se o dualismo de gênero, construção dicotômica dos sexos e, por consequência, dos gêneros e das sexualidades. Há uma marcada oposição entre homens e mulheres que os concebe como duas identidades fixas universais e antagônicas, cuja relação é constituída pela dominação e exploração masculinas. Eles seriam seres racionais, fortes, ativos, violentos, dados às coisas da rua e do sexo; elas seriam seres emocionais, frágeis, passivos, pacíficos, dados às coisas do lar e do amor, distinção vista como natureza animal. Ademais, homens e mulheres teriam vontades e capacidades sexuais diferentes, visão biológica que Weeks descreve:

Dado que los hombres tienen una cantidad casi infinita de espermatozoides (millones con cada eyaculación), mientras que las mujeres tienen una provisión muy restringida de óvulos (alrededor de 400 en una vida), se

deduce que los hombres tienen una propulsión evolutiva hacia la difusión de sus semillas para asegurar la diversidad y el éxito reproductivo y, por ende, hacia la promiscuidad; mientras que las mujeres tienen un interés equivalente en reservar la energía, un instinto de conservación y, por lo tanto, se inclinan hacia la monogamia. De ahí se puede deducir la explicación de todas las otras diferencias supuestamente fundamentales: mayor competencia entre los hombres que entre las mujeres, mayor tendencia de los hombres hacia la poligamia y los celos mientras las mujeres son “más maleables” y dóciles, y una mayor voluntad sexual y potencial de excitación en los hombres que en las mujeres (WEEKS, 1998, p. 51).

Este discurso que coloca os homens como pessoas naturalmente sexuais e incapazes de ser monogâmicas chegou algumas vezes ao meu trabalho, quando me disseram que o *Grindr* possui uma dimensão fortemente sexual porque tem homens como usuários (quando não afirmaram, indiretamente, que é porque tem homens *gays* como usuários). O que é relevante levantar é que homens não são naturalmente sexuais, e, sim, criados para explorarem (desde que em posição heterossexual e/ou ativa) seus prazeres livremente, o que é raramente estimulado na criação de mulheres. Logo, uma das causas, entre tantas outras, por que o aplicativo é mais voltado ao sexo pode ser seu uso por homens. Contrariamente a isso, em campo conversei com pessoas que disseram procurar no *Grindr* um parceiro para relacionamento estável nos moldes monogâmicos e, até mesmo, o amor de suas vidas. Universalizar a sexualidade masculina é, pois, deixar de lado aspectos subjetivos, individuais e culturais, uma vez que existem diferentes formas de viver masculinidades e relações afetivo-sexuais.

Problematizar a rigidez de identidades ligadas ao gênero-sexualidade, refletir sobre suas tecnologias, questionar o imperativo biológico, reconhecer o corpo erótico (incluindo o ânus) para além dos órgãos tidos como sexuais, discussões bastantes caras à contrassexualidade, contribuem para o desenvolvimento deste trabalho. Isso se dá pois o *Grindr* é palco de: 1) relações e práticas homossexuais masculinas historicamente vistas como erradas, anormais, perversas e/ou pecaminosas; 2) subversões e conformações de normas de gênero-sexualidade; 3) (re)construção constante de diferentes modos de ser e estar no mundo, em que as ideias de comunidade e identidade parecem não se sustentar.

É por essa razão que faz sentido para esta investigação o uso do hífen entre gênero-sexualidade, dimensões que se entrecruzam constantemente. Na coleta realizada, um perfil expõe que não “curte” afeminado porque seu “avião não sobe”. Enquanto o gênero aparece quando o usuário expressa seu desinteresse pelo afeminado, que é uma figura estereotipada atrelada ao feminino, a sexualidade se mostra ao afirmar sua falta de excitação por esse tipo de masculinidade, excitação que tem apoio na vivência da sexualidade. Já outro usuário se

apresenta como passivo, posição hegemonicamente associada ao gênero feminino, e expõe ser heterossexual “bem casado” com mulher, um dado sobre sua sexualidade. Vê-se, assim, que as fronteiras entre gênero e sexualidade diluem-se consideravelmente neste estudo do *Grindr*.

Quero frisar que o *Grindr* não opera por uma lógica de contrassexualidade, ao menos não majoritariamente. As categorias modernas de sexualidade que Preciado busca dismantellar são constantemente reforçadas quando se valoriza homens viris e másculos. É como se, enaltecida, houvesse a existência de uma identidade masculina natural e valiosa. A frequente linha divisória entre o afeminado e o macho presente nos perfis aponta para a hierarquização entre mulheres e homens, já que o afeminado, mais próximo da mulher, seria inferior. De tal forma, é a lógica da sexualidade de Weeks que predominantemente se instaura no *Grindr*, uma vez que, por mais diversos que sejam seus usuários, boa parte dos perfis apresentam-se a partir de construções de masculinidade hegemônica. É indispensável refletir que tal postura pode ser uma estratégia dos usuários para se enquadrarem em padrões prestigiados e receberem o interesse dos demais.

Não obstante, a ideia não é trabalhar com uma visão cartesiana, em que blocos monolíticos são sustentados, mas pensar em sobreposições, ambiguidades, deslocamentos e contradições nas masculinidades do *Grindr*. Atentando para isso, a desconstrução de Preciado é interessante para este trabalho mais pelo seu esforço de contestar as caixinhas em que colocamos nosso(s) gênero(s)-sexualidade(s) do que seu projeto de fluidez (sexual e metodológica) genuína, cuja adesão, lançando meu olhar sobre o *Grindr*, ainda ocorre em pequena escala.

Neste início de século no Brasil, multiplicam-se discursos, sobretudo políticos e religiosos, que proclamam a volta dos bons e velhos valores, da família tradicional, da educação que ensina meninos a serem homens valentes e meninas a serem mulheres recatadas. Tais discursos parecem advir de um desconforto social com relação às rachaduras no sistema de gênero-sexualidade. Bons seriam os tempos áureos em que mulheres não praticavam o feminismo, homens não se beijavam (ainda mais em público), não havia mulheres que “se vestiam e agiam” como homens e vice-versa. Devemos considerar que a manutenção de um sistema heterocentrado, heterossexista e heteronormativo aparece disfarçada de uma intenção de preservar a segurança nacional.

Y a medida que la sociedad se preocupa cada vez más por la vida de sus miembros, en beneficio de la uniformidad moral, el bienestar económico, la seguridad nacional o la higiene y la salud, también se preocupa cada vez más por la vida sexual de sus individuos, dando lugar a métodos complicados de administración y gerencia, y a una proliferación de ansiedades morales,

intervenciones médicas, higiénicas, legales y de asistencia social, o indagación científica, todas diseñadas para comprender el yo mediante la comprensión del sexo (WEEKS, 1998, p.40).

Aparentemente, grupos socialmente minoritários seriam uma ameaça à homeostase da sociedade, concepção que provoca confusão, apatia, aversão e violência para com eles, principalmente por parte de classes que, até então, tinham seus privilégios não questionados, como homens brancos cis heterossexuais. Os movimentos e teorias feministas, pós-feministas, *gays*, lésbicos e *queer*, juntos, ainda que nem sempre confluentes, tiveram e têm como papel desestabilizar as normas cristalizadas a respeito do sistema de gênero-sexualidade. Colocam em xeque a essencialização biológica das características masculinas e femininas, flexibilizam as práticas afetivo-sexuais e autorizam suas diversas ocorrências, tratam do sexo para além da procriação, associam o prazer não somente aos órgãos sexuais, entre tantas outras contribuições que intentam transformar intolerância em reconhecimento, seja institucional ou não (WEEKS, 1998).

De tal forma, esta ideia de que na atualidade vivemos uma devastadora ruptura com a normalidade e um desajuste na natureza humana é uma falácia, à medida que a mutabilidade e a renovação nos modos de pensar sobre, falar de, agir no e gerir o eixo gênero-sexualidade são contínuas. As mudanças por que temos passado desde o final do século XX estão longe de ser catastróficas e já começaram há alguns séculos. Weeks (1998) atribui tal cenário a três razões: 1) secularização do sexo, cujo início, em meados do século XIX, marcou a transferência do julgamento da sexualidade das igrejas para entidades de higiene moral e social, principalmente para aquelas estatais e médicas; 2) fortalecimento da relação do sexo com o mercado, desde a pornografia, passando pela segmentação de produtos sexuais até o aprimoramento de técnicas reprodutivas e estéticas corporais; 3) emergência de divórcios e aparecimento e legitimação de famílias com composições distintas da do modelo heterossexual monogâmico. Essas ocorrências possibilitaram que fosse tensionada a antiga crença ocidental de que uma vida verdadeira e saudável é atrelada à heterossexualidade, à monogamia e ao matrimônio. A instabilidade humana no eixo gênero-sexualidade, como em boa parte de outros eixos, é constante e histórica, felizmente, o que não será freado pelo saudosismo, pela segregação e pela violência.

3.2 Masculinidades: hierarquias, sobreposições e negociações

As desigualdades de gênero evidentemente têm como maiores vítimas as mulheres, o que abarca desde taxas altíssimas de feminicídio até violências cotidianas, como os abusos

que sofrem por simplesmente se locomoverem pelas ruas. Embora o saldo negativo seja maior para elas, homens também podem sofrer dentro do sistema de gênero-sexualidade. Isso se dá porque, além de hierarquizar homens e mulheres, tal sistema também classifica, internamente, quais homens têm menos ou mais valor. Os homens homossexuais, por exemplo, são constantemente alvos de injúrias, agressões e assassinatos por, supostamente, não se adequarem à masculinidade tida como certa e genuína.

Nos anos 70, o movimento de liberação *gay* teve um papel-chave nos estudos de gênero-sexualidade pois, além de analisar o homem como opressor, também olhou para o homem como oprimido, levando em conta também a violência homofóbica (CONNELL; MESSERSCHIMIDT, 2013). Longe de vitimizar os homens e não identificar seus privilégios, é relevante reconhecer que há uma escala de masculinidades, da dominante às subordinadas, as quais estabelecem relações de superioridade entre si. Não podemos deixar de refletir que até mesmo os homens que experienciam práticas associadas à masculinidade hegemônica podem ter vidas não satisfatórias: a necessidade de manter-se e mostrar-se incorrigivelmente racional, apresentar-se como corajoso e disposto ao risco ou ver-se como onipotente é um processo por vezes dolorido, psicológica e fisicamente.

Não há absolutamente dúvida de que os problemas sanitários aos quais muitos homens são confrontados são causados pelas tendências mais especificamente masculinas que favorecem a admissão de risco, a irresponsabilidade, o consumo de drogas e uma reticência em admitir uma vulnerabilidade que poderia conduzi-los a buscar assistência médica. Argumentos semelhantes poderiam ser desenvolvidos a propósito do declínio dos desempenhos escolares dos meninos ou do problema da violência criminosa (FORTH, 2013, p. 182).

É o que Arilha também demonstra em sua bibliografia quando cita estudos da área da saúde que explicam que “as principais causas de morte entre homens na população masculina estariam relacionadas a um modelo de identidade masculina que exalta a vida calcada em condições de risco, com exercício da violência, descuido ou abuso das capacidades corporais” (2010, p. 60). Homens, de tal forma, não estão isentos de sofrerem com o próprio privilégio masculino.

Estudar masculinidades é, necessariamente, estudar o sistema gênero-sexualidade e, portanto, também investigar as mulheres e as feminilidades, ainda que de modo indireto. Embora mulheres também possam performar masculinidades, o foco desta dissertação recai sobre masculinidades vividas por homens e suas hierarquias. Como citei anteriormente, no *Grindr* o número de perfis que manifestam aversão ao homem afeminado é muito alto, o que

diz respeito a duas questões: 1) há masculinidades construídas a partir da oposição com o feminino, como o caso do homem *gay*-macho; 2) feminilidades são inferiorizadas quando performadas por homens, o que também acaba por inferiorizar as mulheres, já que no Ocidente a associação entre mulher e feminilidade se dá retilineamente. Como Connell (2003) afirma, a masculinidade é sempre a masculinidade em relação a algo; não obstante, masculinidade e feminilidade são conceitos relacionais que ganham significação a partir de sua ligação mútua, conceitos construídos histórica e culturalmente como opostos, que, analiticamente, interligam-se em uma arena de tensão e de poder.

Em termos teóricos, os estudos de masculinidades possuem duas vertentes, a materialista e a pós-estruturalista. Enquanto a primeira entende de modo mais estável a produção de normas masculinas, buscando suas origens nos fundamentos institucionais e sociais, a segunda reflete sobre as ambiguidades e contradições desta produção (FORTH, 2013). Nos anos 80 e 90, a socióloga Connell deu um passo à frente em relação à teoria psicológica dos papéis sexuais, que concebia masculinidades e feminilidades de maneira mais rígida, e aproximou-se de ambas as perspectivas. Em comunhão com o pós-estruturalismo, Connell (2003) faz uso de masculinidades no plural porque acredita haver não apenas diversos modos de ser homem, mas também várias formas de uma só pessoa performar masculinidades.

A respeito do conceito de hegemonia de Gramsci, que embasa a masculinidade hegemônica de Connell, sua origem fundamental está nas relações de classe. Gramsci reflete sobre a mobilização ou não de classes inteiras para a reestruturação ou manutenção de dinâmicas sociais, o que envolve o controle da vida em sociedade por parte de um grupo. O que Connell fez foi estreitar tal discussão para o sistema gênero-sexualidade, com foco em masculinidades. Para a pensadora, a hegemonia aparece não como dominação, mas a partir de certas noções de consenso e participação de grupos subalternos (CONNELL; MESSERSCHIMIDT, 2013), dada por meio da correlação entre as normas e o poder institucional, o que pode passar por modificações. Logo, a hegemonia pode ser desestabilizada, é móvel e está constantemente sujeita a rupturas. Nesse sentido, masculinidade hegemônica delinea-se como um conceito que abarca modos dominantes de ser homem, relacionados a características globais tidas como masculinas, como autoridade, agressividade e racionalidade (FORTH, 2013), e conectados compulsoriamente com a heterossexualidade, tendo apoio em normas difundidas cultural e institucionalmente (MISKOLCI; PELÚCIO, 2008). Distantes de serem transnacionais, tais características globais são também atravessadas por influências regionais/locais e outras questões, como raça,

orientação sexual e classe social. Localizada espacial e temporalmente, uma dada masculinidade hegemônica ativa-se mais como um processo que como um produto, trança-se a outras masculinidades, sofre rachaduras e contradições, é vivenciada e performada a depender da situação, não se liga a um tipo de identidade masculina, tampouco é fixa, verdadeira ou natural (CONNELL, 2003).

Connell defende que não há uma masculinidade generalizada, intercultural e trans-histórica. Longe de serem identidades, masculinidades aparecem como práticas sociais e performances de gênero-sexualidade situadas temporal e espacialmente, as quais podem ser, inclusive, vividas por uma só pessoa de maneira contraditória. Pensando dialeticamente, refletimos sobre homens cis heterossexuais que são atores *pornô*s, atendem a um mercado *gay* masculino e não obrigatoriamente deixam de filiar-se, em várias situações, à masculinidade hegemônica, reinterpretando suas práticas sexuais homossexuais. No *Grindr*, isso é perceptível em perfis de garotos de programa. Bastante alinhados à masculinidade hegemônica, tais usuários explicitamente descrevem sua virilidade, corpo muscular, potência sexual e tamanho do pênis como atributos que fazem deles corpos atrativos.

A arena esportiva também é um ambiente fértil para exemplificação. Ambiguamente, esportes como o boxe e o *rugby*, ainda que se valham de agressividade, colocam homens em contato corporal, o que pode ser facilmente associado ao homoerotismo (TAMAGNE, 2013). Logo, masculinidades não são entidades ou personalidades masculinas (até porque elas podem ser experienciadas também por corpos femininos), tampouco se mostram estáveis, aliás, determinada masculinidade hegemônica, em um processo de luta e/ou renovação social, pode ganhar outros contornos ou, ainda ser substituída por outra masculinidade (CONNELL; MESSERSCHIMIDT. 2013).

Um ponto curioso sobre a masculinidade hegemônica é que ela pode ser construída sem que ao menos um homem real consiga praticá-la integralmente ou apenas uma minoria o faça. “Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero” (CONNELL; MESSERSCHIMIDT. 2013, p. 253). Nesse sentido, por vezes, a masculinidade hegemônica aparece mais como um projeto exemplar de como deve um homem ser do que sua conversão em práticas e performances contínuas, até porque a manutenção de comportamentos dominantes parece improvável frente à instabilidade e ao afrouxamento humano no cotidiano e à variedade de situações que rodeiam a vida social. Um homem pode, por exemplo, performar masculinidade hegemonicamente em um ambiente corporativo, mas adotar uma postura de masculinidade cúmplice quando chega à

sua casa e traça suas relações familiares.

É possível notar, pois, que há sobreposições e contradições entre masculinidades, as quais Connell (2003) classifica em quatro: hegemônica, cúmplice, subordinada e marginalizada, dentre as quais trabalharei essencialmente com as três primeiras. A hegemônica já foi comentada, a qual se liga à cúmplice: ambas têm uma relação de aliança. Ainda que a masculinidade cúmplice não desenvolva diretamente ações de dominação de gênero-sexualidade, ela ganha com a hegemonia, recebe privilégios pelas desigualdades, beneficia-se da subordinação feminina. Por outro lado, a subordinada denota deficiência com relação à norma de masculinidade, seja por motivo de orientação sexual, raça ou classe social não dominantes. Há, entre hegemônica e subordinada, uma relação de inferiorização, de modo que a primeira não raramente associa a segunda ao que é feminino, como é o caso de masculinidades subordinadas *gays*. Na ideologia homofóbica, bastante atrelada à masculinidade hegemônica, a comunidade de homens *gays* é personificada em uma só identidade: o homem afeminado. Como um campo de tensão e poder, as práticas e performances de masculinidades incluem, excluem, hierarquizam, classificam, privilegiam e/ou desfavorecem alguns homens em detrimento de outros.

A virilidade, nesta arena, aparece como valiosa, uma característica de masculinidades exemplares que politicamente estimulam o projeto de masculinidade hegemônica, até mesmo entre grupos de homens tradicionalmente tidos como subordinados. Ideal de força física, firmeza moral e potência sexual (COURTINE, 2013) são pontos que compõem o poder viril, antigos valores construídos como masculinos. Soma-se a isso a subordinação do feminino³² e a rejeição da homossexualidade masculina e/ou suas práticas, ora convertida em ódio, elemento-chave na construção de masculinidade hegemônica. Levando tal discussão para o *Grindr*, vê-se a emergência de perfis que negam e rejeitam a afeminação em homens, ostentam músculos, apresentam seus vigores e capacidades sexuais. Interpelados por masculinidades exemplares, usuários do aplicativo, mesmo sendo HRH, se constroem virilmente, o que, não poucas vezes, faz com o que seus perfis sejam requisitados.

3.3 Corpo e poder viril: o anseio pela onipotência e o medo da impotência

O poder viril também atinge o corpo e materializa-se na corporeidade, como relata Courtine (2013). Surge na década de 30, no estado estadunidense da Califórnia, o *Muscle*

³² Borrillo (2010) fala de negação do feminino, o que preferi substituir por subordinação, à medida que o feminino é aceito desde que sendo pertencente às mulheres. O feminino é ocidentalmente negado, pois, aos homens.

Beach, um local repleto de academias, onde corpos masculinos exercitam-se, tonificam-se e exibem-se. Ocorre, então, uma explosão visual de revistas inspiradas nesses corpos másculos, musculosos e iluminados pelo forte sol praieiro, influência que em duas décadas chega ao cinema hollywoodiano. Personagens guerreiros da antiguidade clássica desenham-se nas grandes telas com seus avantajados portes: está lançado o estereótipo do homem hiperviril, bem como sua valorização. Este é um legado que carregamos ainda hoje, também encontrado nas telas televisivas e interativas, nas quais o *Grindr* se inclui. De tal forma, os homens de *Muscle Beach* deixaram de ser exclusividade da Califórnia e, por meio de uma dominação cultural e de uma indústria cinematográfica cosmopolita, instalaram-se na cultura visual global, que tem Arnold Schwarzenegger, Vin Diesel e Hugh Jackman como apenas alguns de seus exemplos. Essa cultura visual frutificou-se em uma trama de peitorais delineados e sarados na publicidade, nos esportes, nos brinquedos infantis, nas histórias em quadrinhos, em revistas de estética, no meio homossexual masculino. O corpo musculoso, como símbolo de virilidade, aparece como indicativo do apagamento de idade, de garantida saúde, de boa e infalível performance sexual, elementos ligados ao anseio por onipotência masculina e, ao mesmo tempo, ao medo de impotência. Por mais anos que vigorem, os músculos de academia acabam sendo interpelados pela organicidade do corpo que, embora seja também tecnológico e sujeito ao uso e aplicação de suplementos e remédios, está sujeito ao envelhecimento.

Neste caso, o temor ao envelhecimento compõe apenas uma parte do medo da impotência masculina. Haroche (2013, p. 29) afirma que “a dominação masculina poderia também ser explicada como uma tentativa de dominação da impotência masculina”, uma maneira de apagar, por meio da subordinação das mulheres e de alguns homens, algo inerente a qualquer ser humano: vulnerabilidade. Isso, há séculos, tem incitado solidariedades viris e formação de grupos fechados de homens, como é o caso da maçonaria e até mesmo das sociedades nazistas e fascistas, cujos esforços têm por finalidade a preservação do privilégio masculino.

Toda esta discussão em volta da hipervirilidade e do medo da impotência giram em torno da valorização de algumas masculinidades (ou de talvez uma masculinidade, a hegemônica) em detrimento de outras. Por volta de 1960, a partir de constantes subversões às normas de gênero-sexualidade e da contestação dos privilégios masculinos, surge um mal-estar na masculinidade, como se houvesse sua crise. A conquista de novos direitos por parte das mulheres, a chegada de técnicas reprodutivas e contraceptivas que as permitiram um – discutível, mas ainda assim – controle sobre seus corpos, as manifestações feministas e

homossexuais colocavam em xeque a força da figura do pai, do marido, da masculinidade hegemônica. Instaura-se certa insegurança, sobretudo masculina: acreditava-se que o homem viril estaria com risco de extinção, que a natureza masculina estaria sendo perdida, que a masculinidade estaria em crise e entrando em colapso.

Estas questões apresentam-se como falaciosas e concebem a masculinidade de forma monolítica e essencialista, como um modelo trans-histórico e transnacional que precisa ser resgatado por meio da expurgação das influências rebeldes, já que isso desafiaria a dominação masculina branca, cis, heterossexual e de classe média. Como contraponto, Courtine (2013) defende que há uma série de momentos de crise nas masculinidades, ou melhor, períodos de transição nas suas construções. A própria valorização do corpo escultural no *Muscle Beach* demonstra uma época de transformação nas expectativas e ideais de masculinidade. Logo, a masculinidade viril não está em crise ou extinção. Aliás, é pouco produtivo falar deste homem viril ideal à medida que apenas uma minoria (ou ainda nenhum homem) vivencie integral e/ou constantemente a masculinidade hegemônica.

A virilidade se fundou pelo medo da impotência, o que inclui vulnerabilidade corporal, enfraquecimento sexual e falência moral, contexto em que emerge a possibilidade de uma crise causar insegurança: o fim da virilidade culminaria com a confirmação da fraqueza masculina. Curiosamente, ao mesmo tempo em que se teme ou se vive o luto da masculinidade viril, ela continua sendo hegemônica e performada intensamente, como ocorre no *Grindr*, um ambiente que poderia ter um forte caráter transgressor, mas que possui não poucos usuários que se conformam às normas de gênero-sexualidade, ainda que não sem tensões.

As masculinidades dizem respeito não somente à questão gênero-sexualidade, mas possuem múltiplos atravessamentos: classe, raça, idade, condição física e psicológica, entre muitas outras. Muitas das masculinidades dos homens negros, por exemplo, são construídas a partir do medo ao terrorismo, do controle e da colonização dos homens brancos, que historicamente têm estado em áreas privilegiadas dos sistemas político, jurídico e empresarial. Em sentido oposto, muitas das masculinidades dos homens brancos são construídas em relação à ideia social, cultural e colonialmente difundida de que homens negros são agressivos e violentos (CONNELL, 2003). Tais atravessamentos costuram os diversos pontos em que masculinidades, hegemônicas ou não, se interceptam, se relacionam, se afastam, se afetam e se hierarquizam.

3.4 Homossexualidades masculinas, práticas homossexuais e homofobia: a escala que vai do viado ao gay-macho

Cristalizou-se a ideia, por meio da cumulativa e histórica influência de discursos religiosos, estatais e médicos, que o grupo formado por homossexuais masculinos é homogêneo. Por essa perspectiva, todos os homens *gays* teriam a mesma unidade identitária e comportamental, enquanto o grupo dominante, os heterossexuais, precursores dessa ideia, seriam díspares entre si. Tal ideia heterocêntrica buscava (e por vezes ainda hoje busca) planificar a população homossexual masculina como para construir um inimigo comum: todo *gay*, independentemente de sua característica, teria a pré-disposição ao pecado, ao crime e/ou à perversão doentia (BORRILLO, 2010). Cabe, pois, falar em homossexualidades masculinas, no plural. Há diversas formas de ser homem *gay*, bem como inúmeras maneiras de se vivenciar masculinidades, que se sobrepõem, se contradizem, se somam e se excluem a depender da situação. Pode-se acionar um tipo de performance de masculinidade mais viril em um ambiente familiar opressor, e outro bem mais afrouxado e sensível em uma festa com amigos.

Há também diferentes modos de ter relações homossexuais, o que não é exclusividade dos homens *gays*. Homens bissexuais e heterossexuais podem, também, vivenciar momentos afetivo-sexuais com outros homens, sem que isso os torne homossexuais. Fazendo um paralelo com o *Grindr*, certos usuários afirmam ser heterossexuais, o que não é contradição para eles, mesmo que o aplicativo seja essencialmente homo-orientado. Contudo, este cenário, demarcado pela diferenciação entre práticas afetivo-sexuais e orientação sexual, está longe de ser simples. Alguns homens, mesmo que tendo atração apenas por outros homens e mantendo relações somente com eles, não se reconhecem como *gays* por conta do (auto)preconceito e da discriminação que acomete pessoas não heterossexuais, o que é homofobia.

A homofobia é um composto de técnicas que vigiam, por meio de apoio jurídico, científico, cultural e institucional, as fronteiras de gênero, atingindo não só homens e mulheres homossexuais (PRADO, 2010), mas sobretudo eles. Quando direcionada a homens, foco deste trabalho, ela é praticada por vingadores da masculinidade, que punem aqueles que traem o ideal viril (CONNELL, 2003). Nesse contexto, a homofobia masculina não é praticada apenas por pessoas heterossexuais e pode ser perpetuada até mesmo por LGBTQIs, assim como o alvo homofóbico pode ser uma pessoa não homossexual. O problema, por vezes, estaria menos na orientação sexual vista como desviante do que na ruptura da masculinidade hegemônica e seus ideais: homens, principalmente homossexuais (mas não apenas) que não fazem uma gestão considerada adequada de sua virilidade estão sujeitos às

hostilidade, inferiorização e desumanização homofóbicas.

Arrojadas, as práticas homofóbicas na atualidade aprimoram-se a fim de que a ideia de aceitação seja persuasivamente transmitida. Borrillo (2010) chama isso de homofobia liberal, tipo de homofobia que se apresenta como mais flexível e sutil, embora seu caráter violento e segregador se faça presente. Por esta óptica, a homossexualidade é tolerada (em vez de reconhecida) desde que as fronteiras do dualismo de gênero mantenham-se firmes. Nesse cenário, as transvestilidades, a efeminação masculina ou a masculinização feminina não teriam vez. Estaria, assim, preservada a hierarquia das sexualidades, de forma que a heterossexualidade seguiria disposta no topo da escala de privilégios. Além disso, a homofobia liberal condiciona que as práticas homossexuais devem ter como palco apenas o ambiente privado: elas podem existir, mas somente entre quatro paredes, de preferência sem que sejam exigidos direitos. Em tal lógica, quando casais heterossexuais se beijam em público, haveria demonstração de amor; por outro lado, quando casais homossexuais o fazem, haveria militância ou provocação. Confinadas em casas, quartos, hotéis, motéis, saunas, qualquer lugar fechado ou longe do olhar público, as homossexualidades masculinas e/ou suas práticas se construíram no armário, assim como as pessoas homossexuais. Não é por acaso que há diversos perfis no *Grindr* que se apresentam como discretos e sigilosos: não poucos homens vivenciam e buscam homossexualidades e modos de ser homem que se alinham aos ideais hegemônicos de masculinidade e de virilidade.

Uma forte precursora de diversas manifestações homofóbicas, como afirma Borrillo (2010), é a tradição religiosa judaico-cristã, que estimulou ocidentalmente a desigualdade de gênero e de orientação sexual, criando dicotomias: mulher/homem, homossexual/heterossexual. Um importante argumento que tornaria as práticas homossexuais pecaminosas liga-se ao fato de o coito entre pessoas do mesmo sexo biológico não ser reprodutivo, o que é visto com maus olhos. O risco de extinção da espécie seria, pois, real e temido, ainda que haja casais heterossexuais que escolhem não ter filhos, que não são férteis, que transam apenas por prazer. Sendo responsável há séculos pela discriminação, agressão e morte de pessoas homossexuais, a tradição judaico-cristã precisou renovar-se na atualidade, de tal forma que a homofobia ganhou articulações mais sutis, mas ainda assim hostis. O discurso católico hegemônico ilustra bem a questão: aceitam-se os/as homossexuais, mas se abomina a prática homossexual. Esta é uma aceitação contraditória que prega a abstinência como salvação e proíbe algo que, se heterossexual, seria visto com normalidade.

Criou-se, nesse contexto, a figura do sodomita, nomenclatura religiosa taxativa e julgadora dada àqueles pecadores que realizam o coito anal. O ânus seria um órgão impróprio

ao prazer por não estar ligado à procriação, por ganhar estímulo em muitas práticas homossexuais, por ser excretor, influência religiosa que também atingiu as modernas ciências da saúde. São chamados de órgãos sexuais apenas aqueles que compõem o sistema reprodutivo, como se não fizessem parte das práticas sexuais a boca, as mãos e - abandonando o moralismo acadêmico e deixando introduzir aqui o ânus como ele é realmente denominado no *Grindr* - o cu!

O ânus apresenta três características fundamentais que o transformam no centro transitório de um trabalho de desconstrução contrassexual. Um: o ânus é o centro erógeno universal situado além dos limites anatômicos impostos pela diferença sexual, onde os papéis e os registros aparecem como universalmente reversíveis (quem não tem um ânus?). Dois: o ânus é uma zona primordial de passividade, um centro produtor de excitação e de prazer que não figura na lista de pontos prescritos como orgásticos. Três: o ânus constitui um espaço de trabalho tecnológico; é uma fábrica de reelaboração do corpo contrassexual pós-humano. O trabalho do ânus não é destinado à reprodução nem está baseado numa relação romântica. Ele gera benefícios que não podem ser medidos dentro de uma economia heterocentrada. Pelo ânus, o sistema tradicional da representação sexo/gênero *vai à merda* (PRECIADO, 2014, p. 132).

No Ocidente, com a chegada de preceitos modernos, a tradicional representação sexo/gênero não foi mandada à merda, infelizmente: houve a passagem do controle da sociedade por parte das igrejas para os estados nacionais. Vista não mais exclusivamente como pecado, a homossexualidade passou a ser também crime e doença. As antigas influências da moral judaico-cristã, agora travestidas de autoridade e neutralidade dos saberes policiais e científicos, sobretudo o sexológico, mostraram-se e as proibições das práticas homossexuais, além de transmitidas pelos livros religiosos, eram também difundidas em obras científicas. Freud, por exemplo, cujas teorias determinaram consideravelmente a visão moderna de sexualidade, concebia como base normatizadora a heterossexualidade e o sexo masculino (WEEKS, 1998).

Os estudos científicos de sexualidade, ainda que não tenham criado a homossexualidade, já que práticas entre pessoas do mesmo sexo/gênero existem há séculos em diversas culturas ocidentais e orientais, deram a ela seu nome. Por volta de 1860 originou-se o vocábulo “homossexual”, palavra que veio para caracterizar uma pessoa com transtorno psicosssexual: um nome não meramente categórico, mas normatizar e patologizador (WEEKS, 1998). Nesse contexto, especificamente a homossexualidade masculina foi teorizada e suas causas e manifestações, buscadas: filho de mãe dominadora e pai fraco ou filho de pai autoritário e mãe submissa; possuidor de quadris largos e voz fina; usuário de roupas

apertadas; consumidor de perfumes doces e maquiagens compõem um conjunto de características que explicavam a orientação sexual considerada desviante. Curiosamente, as causas da homossexualidade não foram procuradas, uma vez que era vista como natural, nata à espécie e, assim, normal (BARRILLO, 2010).

Percebe-se como os discursos médicos, ancorados na legitimidade consagrada da ciência, tinham objetivos ideológicos e homofóbicos, em que a higienização da população, o que incluía tratamento, vigilância e interdito das práticas homossexuais, era vista como necessária para o bem da saúde sanitária. Quando este processo de controle passou por afrouxamentos na década de 60, marcada pela revolução sexual, a emergência do *HIV* na década de 80 trouxe uma segunda onda de patologização das práticas homossexuais. O vírus, altamente associado aos homens *gays*, foi caso de saúde pública e interpretado de modo que reforçou a ideia de que HRH são sexualmente perversos e promíscuos, os quais precisavam ser curados e mantidos sob o olhar médico (MISKOLCI; PELÚCIO, 2008).

A virada sexual dos anos 60 e sua futura repercussão, mesmo freada pela maneira homofóbica como o *HIV* foi visto na década de 80, fez com que novas ondas e manifestações, intelectuais ou não, científicas ou não, questionassem e subvertessem a patologização da homossexualidade. Os movimentos feministas e os movimentos *gays* e lésbicos, não sem conflitos, foram decisivos para visibilizar a discriminação contra os e as homossexuais, colocando em xeque os ideais dominantes de gênero-sexualidade e resistindo transgressivamente a eles, seja por meio de protestos públicos ou discussões acadêmicas (TAMAGNE, 2013). Nas últimas décadas, o interesse científico tem se voltado mais para o entendimento das causas da homofobia do que para as da homossexualidade (BARRILLO, 2010), concepção que marca um novo paradigma nos estudos das humanidades e das sociais.

Em pesquisa na década de 80, Perlongher (2008) estudou a prostituição viril em São Paulo, experienciada em praças, ruas, banheiros e saunas, lugares que, num jogo entre público e privado, conformavam e subvertiam ao mesmo tempo os ideais hegemônicos de gênero-sexualidade, o que ainda ocorre na atualidade. Em sua obra, o investigador apresenta a criação, por homens que se relacionam com homens, de códigos e geografias marginais, os quais rompiam diversas expectativas a respeito de práticas de sexo e valores familiares tidos como normais: relações de sexo pago, entre homens de diferentes etnias, idades, classes sociais e masculinidades. Para Perlongher, haveria nesses homens da capital paulista certo prazer na transgressão: suas sexualidades, atravessadas pela proibição histórica das práticas homossexuais, foram domesticadas para que exercidas invisivelmente, longe do olhar público. Isso não significa que não houvesse naquele meio a valorização de masculinidade hegemônica

ou manifestação do falocentrismo, o que aparece em diversos relatos do pesquisador em campo, em que a virilidade apresenta-se como um atributo fortemente usado como moeda de troca e capital simbólico. Ainda que em um cenário diferente e 30 anos mais tarde, as práticas do *Grindr* não são discrepantes. Os usuários do aplicativo rejeitam a lógica heteronormativa que higieniza o sexo *gay* masculino, mas ao mesmo tempo mantém alguns aspectos da lógica normatizadora do sistema gênero-sexualidade: fala-se em sexo a três entre homens, em *BDSM*, em *fisting*³³, mas também se enaltece homens musculosos, machos e pauzudos. Entre contradições, as homossexualidades masculinas e suas práticas não estão livres da homofobia e da heteronormatividade.

Pode parecer estranho que haja conformação às normas de gênero-sexualidades no meio de práticas homossexuais masculinas e, sobretudo, em ambientes como saunas, banheirões e aplicativos usados por HRH. Acontece que os grupos desviantes não são externos à sociedade e, por isso, também foram e são constituídos a partir da interpelação das normas.

Em uma sociedade em que os ideais de natureza sexual e afetiva são construídos com base na superioridade psicológica e cultural da heterossexualidade, parece difícil esquivar os conflitos interiores resultantes de uma não adequação a tais valores. Além disso, os gays e as lésbicas crescem em um ambiente que desenvolve abertamente sua hostilidade anti-homossexual. A interiorização dessa violência, sob a forma de insultos, injúrias, afirmações desdenhosas, condenações morais ou atitudes compassivas, impele um grande número de homossexuais a lutar contra seus desejos, provocando, às vezes, graves distúrbios psicológicos, tais como sentimento de culpa, ansiedade, vergonha e depressão (BORRILLO, 2010, p. 101).

Não é possível, pois, ser totalmente subversivo e coerente em transgressões: a ambiguidade demonstra ser inerente ao desenvolvimento de subjetividades e ao convívio social. Perlongher (2008) afirma, nesse sentido, que há culturas subterrâneas que não se opõem às culturas tradicionais, mas vivem em “*deriva*”, uma espécie de trânsito entre norma e subversão e, por vezes, de sobreposição entre ambas.

Em seu estudo, o pesquisador também trata da emergência do homem *gay*-macho, um homossexual não afeminado que se porta masculinamente e procura parceiros com as mesmas características que as suas. A macheza também se mostra presente entre os *michês*, homossexuais ou não, que viam o ideal viril como um padrão rentável. Parecendo mais másculos que o mais heterossexual dos homens, o que chegava a ser caricato, os *michês* de

³³ Prática sexual que envolve a colocação da mão ou do antebraço no ânus ou na vagina.

Perlongher teriam mais chances de conseguir clientes e faturar com seu corpo quando performassem a masculinidade hegemônica. Considerações parecidas foram citadas por Bonfante (2016) ao investigar usuários do *Grindr* e outros aplicativos afins na cidade do Rio de Janeiro: usuários criam seus perfis com vários elementos alinhados aos modos dominantes de ser homem porque, assim, têm mais chance de atraírem a atenção dos demais. Em ambos os contextos, textos ligados à virilidade seriam, pois, atributos valiosos no exercício de sedução e do sexo, à medida que representariam o “homem de verdade”, ainda que seja este um HRH. Existiria, assim, um paradoxo: o anseio sexual é homossexual, mas o ser que anseia e o objeto de anseio devem parecer heterossexuais. “O mais desejável seria, no limite, o perfeitamente ajustado na sociedade, aquele que permanece machista e dominador de mulheres, mas isto não vem sem o componente complicador: este ideal é hétero, tende à homofobia” (MISKOLCI; PELÚCIO, 2008, p. 13).

Não é de se estranhar que haja homofobia em relações homossexuais, por vezes marcadas pelo culto à masculinidade hegemônica. Em procedimento de vigilância de si e dos outros, muitos HRH, por temerem e/ou abominarem o afeminamento, agem para serem os mais masculinos possíveis: deixam os cabelos curtos, torneiam seus corpos, usam barba, gesticulam pouco, tornam suas vozes mais graves, características que os diferenciam das tradicionais ideias do que é ser mulher ou travesti. Isso tem como uma causa a grande estereotipação por que os homens homossexuais passaram, historicamente associados à “bicha louca”, imaginário que foi redefinido por militantes *gays* na segunda parte do século XX com a criação da “identidade *gay*”, em que se valorizou certo afastamento do “homem mulherzinha” (PERLONGHER, 2008), o que ainda hoje é bastante recorrente.

A difusão da concepção do homem *gay*-macho tem também apoio na origem dos “clones” nos anos 70, que surgiram em São Francisco e Nova York, cujos ideais se proliferaram posteriormente pelos países ocidentais por conta do imperialismo cultural dos Estados Unidos. Fisicamente, os clones, jovens brancos da classe média, vestiam-se com roupas da viril cultura da classe operária, de modo que usavam jeans, botas e camisetas grudadas ao corpo. Em nível comportamental, falavam alto, deixavam as pernas abertas e atenuavam quaisquer manifestações afetivas. Criou-se com este movimento, a exclusão interna, já que homens *gays* que fossem afeminados, gordos, muito magros ou não jovens não eram bem-vindos. Tamagne (2013) afirma que havia, sim, a adesão às ordens heteronormativas, mas não somente. Embora valorizassem a masculinidade hegemônica e viril, os clones eram conhecidos como *gays*, não se passavam por heterossexuais e, em um movimento ao mesmo tempo conformista e subversivo, apropriaram-se de valores masculinos

tradicionais e ressignificaram-os para uso em práticas homossexuais. Existe uma ambiguidade nesse contexto, o que acabou por gerar tensões e discriminações dentro do próprio meio *gay* masculino.

Formou-se nos anos 80, como resposta e contraponto aos clones, a cultura dos “*bears*”, conhecidos no Brasil como ursos. Adotando princípios mais flexíveis e contestando a masculinidade hegemônica, os ursos não concordavam com a ditadura da juventude, desvalorizavam o sexo despersonalizado e veneravam o corpo gordo e peludo (TAMAGNE, 2013), grupo que até hoje tem certa organização coletiva. Há também um cenário brasileiro bastante atual em que pessoas homossexuais masculinas enaltecem a afeminação e criticam o homem *gay*-macho. Em “Enviadecer”, música de Linn da Quebrada, o “grande pau ereto” do “macho discreto” é desinteressante perto das bichas afeminadas que “mostram muita pele, rebolam, saem maquiadas”. Por esta óptica, a expressão “viado” (ou outro nome pejorativo criado pelo sistema heterocentrado) é ressignificada quando falada por homens homossexuais, deixando de ser insulto para se transformar contestação (PRECIADO, 2014).

A influência da indústria pornográfica também permeia a vivência de subjetividades e masculinidades de homens que se relacionam com homens e suas práticas sexuais. O pornô *gay* masculino *mainstream* se constituiu a partir do sexo impessoal, pouco afetivo, viril e penetrativo, interpretado por homens musculosos, hipermasculinos e dotados de pênis enormes. Isso porque inicialmente muitos atores eram heterossexuais e atuavam em suas produções de maneira hegemonicamente masculina (TAMAGNE, 2013). Não é de estranhar que os grandes sites de material adulto *gay* masculino tenham categorias e títulos que contenham a palavra “heterossexual”, fetiche e modo de ser homem usualmente valorados.

O que surge no cenário de hoje é a proliferação de vídeos amadores que, juntos dos audiovisuais das grandes indústrias, entram em um processo de retroalimentação criativa que remodela os conteúdos pornográficos. De um lado, sexo higienizado, com homens brancos, jovens, musculosos, pauzudos; do outro, nichos e práticas ora vistas como devassas, com uma diversidade de homens, comuns e reais; entre si, uma mistura de interferências e apropriações. Nesse ambiente pornô, criaram-se classificações para as práticas sexuais e para os homens que as vivenciam, as quais também se encontram nas categorias oferecidas para os usuários do *Grindr* em seus perfis. Há a tribo do urso (homens gordos e peludos), da lontra (homens que não são magros, mas tampouco ursos), do discreto, do maduro, do lisinho, expressões que, quando traduzidas para o português, nem sempre fazem sentido para pessoas que não conhecem bem a cultura *gay* masculina. E talvez façam pouco sentido porque são categorias estadunidenses, utilizadas no mercado da indústria pornográfica estrangeira. Por isso, as

práticas sexuais brasileiras vividas por meio do *Grindr* sofrem regulações externas. Categorias como a de *Tribo* interpelam os usuários e os fazem refletir sobre como devem realizar as performances verbo-visuais de si.

A homofobia interna conecta-se também à polarização criada entre as práticas sexuais passivas e ativas. Ainda que haja homens que sejam versáteis, assexuados ou *gouinies*, a homossexualidade masculina foi social e historicamente construída no Ocidente como se as suas relações fossem sempre pautadas pelo sexo e pela penetração, em que o penetrado seria o passivo e o penetrador, o ativo. Influenciadas pela matriz da heteronormatividade e do dualismo de gênero, a figura do passivo seria do conjunto da mulher, da bicha e a figura do ativo, do homem, do bofe. Logo, o passivo seria inferior, sensível, feminino e dominado, enquanto o ativo seria superior, racional, masculino e dominador, características emprestadas do sistema heterossexual dominante. Obviamente a subordinação e a dominação podem aparecer como formas de jogos sexuais e não há nada de problemático nisso desde que tudo seja consensual e não fira a integridade física, psicológica e moral das partes envolvidas. Tampouco questiono que homens *gays* sejam somente passivos ou somente ativos: subjetividades são construídas por diversos fatores e o prazer deve(ria) ser vivenciado em sua forma mais autêntica e genuína. O que quero expor é que se criaram relações de poder e estereótipos entre muitos homens ativos e homens passivos, como se a prática da passividade fizesse com que um homem fosse *gay*, mais *gay*, menos homem ou menos masculino que um homem com práticas de atividade.

No meio de práticas *gays*, o homem que mantém relações sexuais com outros homens e ocupa a posição de ativo tem sido cotado como se fosse alguém que se aproxima do homem heterossexual; logo, estaria no topo da escala de privilégios (MISKOLCI; PELÚCIO, 2008). Inclusive desenvolveu-se a ideia de que homens passivos são *gays* e homens ativos, heterossexuais: a penetrabilidade aparece como critério para definição de orientação sexual (BORRILLO, 2010). Isso é, evidentemente, combinação falaciosa, uma vez que homens afeminados podem ser ativos, homens passivos podem não necessariamente ser *gays*, homens heterossexuais podem performar feminilidades. Não existe essa correlação determinista entre performance de gênero, práticas sexuais e orientação sexual. Nossa sexualidade é bem mais complexa que categorias.

Em linhas hegemônicas, enquanto que para o meio externo os homens *gays* parecem formar um grupo homogêneo em que a afeminação aparece como característica, para o meio interno há uma nítida divisão entre homens afeminados e homens *viris*, como se diferentes masculinidades não pudessem ser performadas por um só homem. O que une ambos os meios

é a ideia de que aquele que é afeminado falhou na gestão de sua nata capacidade viril.

O homossexual é ainda frequentemente percebido como um homem “fracassado”, aquele que falhou nos testes de virilidade. Importaria, portanto, para “ser um homem”, não parecer ou agir de modo a deixar pensar que se poderia ser homossexual. As injúrias tais como “bicha”, “sodomizado” (*enculé*), corretamente usado, funcionam assim como chamamentos à ordem de uma obrigação de virilidade, que é também uma obrigação de heterossexualidade (TAMAGNE, 2013, p. 425).

Nesse sentido, a afeminação estaria traindo o privilégio masculino e aproximaria um homem do feminino, o que é inconcebível, já que a mulher é ainda tida como o “sexo frágil”. No *Grindr*, o número de usuários que dizem não ser nem gostar de afeminados é muito grande, o que parece ser até mesmo uma gramática clichê do aplicativo. Em alguma medida, isso é estimulado pelo próprio *Grindr*. Sobre isso, no campo *Tribo*, em que o usuário pode selecionar dentre opções já dadas a que grupo ele melhor se adequa, consta a tribo do discreto, mas não a do afeminado. A inexistência dessa categoria demonstra que o afeminado não é legitimado, o inverso do que ocorre com o grupo do discreto, que pressupõe que um HRH pode agir com maneiras heterossexuais.

O fingimento de um estilo de vida heterossexual, adotado publicamente por conta da subordinação por que pessoas homossexuais historicamente têm passado, é praticada por HRH, ainda que em suas vidas privadas práticas *gays* se manifestem. Embora a liberação sexual dos anos 60 e 70 tenha permitido a alguns homens sair do armário, tal ação não é unânime, tampouco integral para todos: “[q]uer seja por prudência, pudor, oportunismo, gosto pela dissimulação ou amor pelo jogo, cada um negocia até um certo ponto a sua autoapresentação, em função dos lugares, dos ambientes e das situações” (TAMAGNE, 2013, p. 433). É possível notar que o enfrentamento da masculinidade hegemônica é difícil até mesmo para os homens homossexuais, que, por vezes, atacam outros *gays* masculinos que vivenciam sexualidades de formas distintas das suas. Tal postura é vista no *Grindr*, onde há tanto homens que abominam a afeminação quanto aqueles que rechaçam a hipervirilidade, posições aparentemente contraditórias que já encontrei em um só usuário. É, então, importante falarmos de práticas homossexuais no plural. Certamente há uma estrutura social que interpela os HRH, mas suas masculinidades e subjetividades são também construídas em níveis microssociológicos, nos âmbitos familiar, escolar, empresarial, etc.

Negociam-se frequentemente masculinidades ligadas às práticas homossexuais, masculinidades que podem sobrepor-se, completar-se ou excluir-se durante performances. Um dos interlocutores de pesquisa me mostrou por meio de cópias digitais um mesmo homem que

estava presente em dois aplicativos similares - *Grindr* e *Hornet*, desenvolvendo performances distintas em cada um deles e, em alguns pontos, contraditórias entre si. No *Grindr*, ele posicionava-se como adepto do sexo rápido, seu nome era “vamos agora” e não se caracterizava mostrando seu rosto na foto principal; no *Hornet*, ele exibia seu nome próprio, afirmava não estar desesperado por sexo e possuía foto principal em que seu rosto estava nítido. Cada aplicativo tem sua gramática e interface, o que interfere nos textos verbo-visuais que os usuários constroem sobre si, mas este exemplo evidencia que masculinidades são negociadas e performadas por um só homem em ambientes e situações diversas.

4 PERFORMANCE, INTIMIDADE E AUTOEXIBIÇÃO: O CORPO EM AÇÃO NO GRINDR

4.1 Performances: comportamentos restaurados e sancionados socioculturalmente

Os estudos de performance se firmaram na segunda metade do século XX e têm como base a pós-modernidade, de forma que buscam dissolver fronteiras e desconstruir categorias. Sua organização em métodos e teorias não é objetiva, tampouco linear, uma vez que há diversas apropriações, discussões e problematizações em torno do conceito, utilizado em várias áreas do conhecimento. Um nome de destaque neste campo de investigação é Richard Schechner, um dos fundadores do Departamento de Estudos de Performance. Embora tenha estreita relação com as artes, o pensador expressa que performance pode também estar em comunhão com a política, o esporte, a tecnologia ou a vida cotidiana, esfera esta última sobre que meu interesse recai. Nesse sentido, ações, interações e relações do mundo ordinário emergem como performance, enquanto performance, a partir do olhar do pesquisador (FÉRAL, 2009).

No cotidiano, realizar performance é exhibir-se, é fazer uma ação para que outras pessoas assistam, visando influenciar, positivamente ou não, uma audiência (SCHECHENER, 2006), o que requer certo entendimento comum entre as partes, uma gramática que ambos os lados entendam para que se compreendam. Tal conceituação ganha dimensões hiperbólicas quando refletimos sobre algumas utilizações de mídias digitais interativas, que despontam como palcos da vida ordinária. Por meio do *Instastories*, ferramenta do *Instagram* voltada para o compartilhamento de mensagens audiovisuais que se apagam dentro de horas, pessoas comuns tornam-se *webcelebridades* a partir da exibição de seus momentos mais rotineiros: diante da câmera de seus aparelhos móveis e do olhar de seus seguidores, escovam os dentes, cozinham, comem, vão para a academia, enfim, performam. Os resultados de desempenho aparecem com informações numéricas sobre os telespectadores, sendo possível analisar quantas e quais pessoas viram determinada publicação, o que chega a atingir a marca de milhões. Não à toa empresas passam a enviar seus produtos para essas *webcelebridades*, consideradas influenciadoras, como forma de estratégia de *marketing*.

Observando os perfis verbo-visuais do *Grindr* enquanto performances, considero que os usuários constroem-se no aplicativo a fim de causarem impressões e interesses nos demais usuários, ou seja, têm por finalidade influenciar e afetar corpos, prazeres e atenções. Tais práticas no *Grindr* se costuram de maneira restaurada, ou seja, retomam ações que já são conhecidas no sistema gênero-sexualidade. Por esta perspectiva, em suas práticas cotidianas, seja em casa, no trabalho, em bares ou nas faculdades, usuários conectam-se ao *Grindr*,

performam e veem performances motivados pelo anseio de estabelecerem relações afetivo-sexuais. Mas onde está a performance, no usuário que cria o seu perfil ou no usuário que vê tal perfil? Em nenhum dos dois. Para Schechner (2006), a performance não acontece em algum lugar, mas se manifesta no entre, em meio a quem performa e a quem assiste a performance.

Quando performamos, restauramos comportamentos ou a representação de comportamentos. Logo, performances são comportamentos revisitados, duas vezes experienciados, os quais são treinados, praticados e revisitados. Essa qualidade de restauração remete a diversos eus que cada um leva dentro de si, o que gera um modo de ação diferente a depender de cada situação vivida e pessoas envolvidas. Vale lembrar o caso relatado no capítulo anterior, em que uma mesma pessoa possuía diferentes performances de si em dois aplicativos distintos: no *Grindr* mostrava-se aberto à prática do sexo rápido, enquanto no *Hornet* afirmava não estar desesperado por sexo. Assim, performar é comportar-se a partir da situação vivida e do que se aprendeu, testou ou viu. Por mais que tentemos ser independentes em nossas ações, não somos inventores de nossas práticas, à medida que fomos ensinados a agir desta ou daquela forma nesta ou naquela ocasião: somos atravessados pelo ambiente em que nos inserimos.

O contexto sociocultural sanciona e baliza, portanto, comportamentos, os quais são sempre duplamente exercidos e transmissíveis devido a imposições dadas por convenções e tradições. Práticas cotidianas, embora pareçam naturais, são embasadas por modelos e heranças antigas, cujas origens são por vezes inacessíveis (MOSTAÇO, 2009). “Mesmo quando pensamos que estamos sendo espontâneos ou originais, a maior parte do que fazemos e falamos já foi feita e dita antes - ‘até mesmo por nós’” (SCHECHNER, 2012, p. 49). Estamos culturalmente atados a uma teia de significados conectados, o que guia nossas ações.

Trazendo tal reflexão para o *Grindr*, a noção de comportamento restaurado aparece quando os interlocutores de pesquisa me dizem que treinam poses e ângulos em suas fotos, examinam qual parte de seu corpo exposta em seus perfis provoca mais afetos, testam quais nomes e descrições possuem maior aceitação, escolhem quais textos visuais, dentre muitos, mais lhe proporcionam interações de outros usuários. O *Grindr* aparece como uma espécie de laboratório em que é possível experimentar performances e aferir quais delas são mais eficientes na captação de olhares, o que não está isento de regulações socioculturais.

Ainda que corpos musculosos não sejam maioria nos perfis coletados, performances visuais que deixam músculos avantajados não são pouco frequentes. Braços em posição de muque, peitorais forçados para que se demonstre força, coxas enrijecidas para que os

músculos saltem fazem parte das visualidades do *Grindr*. Um homem musculoso teria em seu corpo a marca da força, socialmente vista como não feminina, e performaria masculinidades mais ligadas à hegemônica. Ademais, afastar-se-ia da ideia de doença e, como um corpo modelar, se distanciaria do *HIV* e dos comportamentos indisciplinados ligados à visão estereotipada do homem homossexual (MISKOLCI, 2015).

Na década de 70 e 80, quando a *Aids*³⁴ virou uma epidemia e passou a ser ligada diretamente às práticas homossexuais, corpos *gays* adoeciam e tornavam-se magros. Como não havia um tratamento eficiente, a solução médica proposta foi a do uso de esteroides e estímulo à musculação, assim a aparência do soropositivo seria diferente. O corpo sarado *gay* remete a essa época e a esse discurso médico, o que reflete, talvez de modo implícito, as similitudes de performances no *Grindr*: os comportamentos restaurados dos usuários no aplicativo são atravessados por questões sociais, culturais e estéticas. Longe de serem originais, os perfis do *Grindr* guardam combinações de performances próprias e alheias. Repousa aqui um paradoxo: por mais revisitada que uma performance seja, ela é singular. Isso porque não é possível realizar uma réplica idêntica de outra performance, já que cada comportamento restaurado manifesta-se em um determinado contexto, com específicas condições de execução e recepção, gerando significações plurais.

4.2 Performance e gênero: corpo simbólico, material e tecnológico

O modo como vivenciamos nosso gênero é ensinado, ensaiado e performado, o que passa pela dimensão corporal (FÉRAL, 2009). Antes de me deter a essa questão, cabe fazer uma breve discussão a respeito do conceito de corpo. Retomando Connell (2003), o corpo não é essencialmente biológico, tampouco integralmente social. A fim de evitar determinismos de ambos os lados, a pensadora defende que a biologia não é definidora de uma masculinidade natural e verdadeira, o que não existe, do mesmo modo que a superfície corporal não é um espaço neutro em que o simbolismo social se imprime. Nossos corpos são interpelados por fatores genéticos, envelhecimento, doenças, mudanças corporais, uso de drogas legais e/ou ilegais, além de serem permeados por questões culturais, políticas e morais.

Nesse sentido, o corpo – simbólico e material – é um ponto determinante nas performances de gênero. Performar masculinidade é, como afirma Connell, uma maneira “de sentir na pele, certas formas e tensões musculares, certas posturas e formas de mover-se, certas possibilidades no sexo” (2003, p.83), modos de ser homem que se tornam memória no

³⁴ Do inglês, síndrome da imunodeficiência adquirida.

corpo a partir de experiências vividas, exemplos dados, textos verbo-visuais transmitidos midiática, educacional e culturalmente.

Na juventude, as habilidades corporais se tornam um indicador primeiro de masculinidade, conforme vemos no esporte. Essa é uma forma-chave de ligação entre a masculinidade e a heterossexualidade na cultura ocidental, com prestígio dado aos meninos com parcerias heterossexuais e o aprendizado sexual imaginado como exploração e conquista. Práticas corporais, tais como comer carne e assumir riscos na estrada, também se tornam ligadas às identidades masculinas. Logicamente isso resulta na promoção de estratégias de saúde (CONNELL; MESSERSCHIMIDT, 2013, p. 269).

A incorporação da masculinidade hegemônica (ou sua transgressão) vai ocorrendo, assim, por meio de diversos comportamentos restaurados por que homens vão passando. Não sem razão o afeminado é também reconhecido pela ação de seu corpo, o que pode ser expresso por sua voz anasalada, seu corte de cabelo, sua ausência de barba, seu jeito de dançar rebolando, exemplos coletados nos perfis analisados e em conversas desenvolvidas com usuários do *Grindr*, os quais ilustram como a figura do afeminado é concebida. Distante deste corpo estaria o do macho, cujas características se ligam às virilidade, atividade sexual, força.

Na atualidade, com o apoio de aparatos e serviços técnicos, digitais e interativos, nossas performances, inclusive as de gênero, são executadas também por meio do uso de tecnologias. Silva (2012), em estudo etnográfico realizado em áreas populares de Florianópolis, constatou que jovens do gênero masculino, ao ouvirem música em ambientes públicos, com seus celulares e sem fones de ouvido, tinham como motivação a ocupação do espaço sonoro em torno de si, o que os afirmava enquanto homens viris. Os celulares, na pesquisa de Silva, foram elementos importantes que contribuíram para a incorporação de masculinidade e a subjetivação de seus usuários.

Courtine (2013) descreve algo similar ao tratar da cultura de academias de ginástica na Costa Oeste dos Estados Unidos, o que acabou por se proliferar globalmente. Ligada à virilidade masculina, a relação máquina-corpo compõe um modo de ser homem por meio do fortalecimento do músculo, da valorização da massa corporal acumulada e enrijecida. Os aparelhos de musculação servem para esculpir um corpo ideal, indicativo de saúde e masculinidade hegemônica. Não sem esforços, suor, dietas e abstinências rígidas, corpos e máquinas se fundem, sendo difícil traçar suas fronteiras. Como expressa Preciado, está cada vez mais “impossível estabelecer onde terminam ‘os corpos naturais’ e onde começam as ‘tecnologias artificiais’: os ciberimplantes, os hormônios, os transplantes de órgãos, a gestão do sistema imunológico humano no *HIV*, a *web* etc. são apenas alguns exemplos entre outros”

(2014, p. 157-8).

Ancoradas em tecnologias e sua relação com os corpos, diversas performances na atualidade passam a depender de sistemas técnicos e comunicacionais para serem executadas. Em diálogo com o contexto do *Grindr*, usuários realizam performances de si e moldam seus corpos a partir de ingestão de *Whey Protein* e outros suplementos alimentares, de sua fundição persistente a máquinas de academia, do uso de celulares para sessões de *selfie*³⁵, do aprimoramento de fotos com aplicativos de edição e/ou da autoexibição em redes digitais de encontro. Para Preciado (2008), as pessoas se valem de tecnologias para se construir, estilizar seus corpos, existirem nos dias de hoje, incluindo desde o consumo de cirurgias plásticas e drogas até a utilização de aparelhos móveis, mídias sociais e aplicativos.

A interligação entre celular e *apps* está fortemente próxima do corpo de seus usuários. Ficar sem o celular aparece hoje como uma dificuldade, à medida que ele agrupa diversas funções sociais: fotos pessoais, *internet*, acesso ao banco, mídias sociais digitais, despertador, *e-mail*, bloco de anotações, mapas e tantos aplicativos com diversas propriedades e utilidades. Íntimo, o celular não é compartilhado como o computador, de forma que nele se cingem pessoalidade e privacidade, não à toa há aparelhos que só são desbloqueados a partir da autenticação digital de seu proprietário. Com a tecnologia de geolocalização, é possível transpor prédios, ruas e quartos da redondeza e, através da tela, aceder a restaurantes, salões, hotéis, faculdades e até mesmo intimidades. O corpo, conectado ao celular e ao *Grindr*, potencializa as chances de contatos afetivo-sexuais, amplia a visão orgânica e oferece uma dimensão tecnológica, que não por isso deixa de ser real. Não fiquei surpreso quando, durante conversa com um usuário do *Grindr*, recebi dele uma *nudes* instantânea para mostrar como ele estava naquele momento. A relação entre corpo e tecnologia é promíscua: somos interpelados pela tecnologia e ela é por nós interpelada (BONFANTE, 2016).

Uma das novas propriedades técnicas dos celulares é a presença da câmera reversa, que fica na frente do aparelho. Ao fazermos uso de nossos celulares, implicitamente somos convidados à exibição por esta câmera, que permite que nos vejamos em tempo real. É possível, de tal maneira, treinar poses, testar ângulos, experimentar autoperformances facilmente, já que, por meio da tela, fotografado e fotógrafo unem-se em um só. Desenvolve-se neste processo um exercício de performance de si, uma relação de ver-se para dar-se a ver: apreende-se a si mesmo, performa-se a si mesmo, utilizando estratégias visuais que definem o que deve ser mostrado, o que deve ser escondido ou o que deve ser camuflado. Algumas

³⁵ Espécie de autorretrato fotográfico, feito através da câmera de aparelhos tecnológicos móveis, normalmente destinado para exibição de si em mídias digitais interativas.

câmeras contêm, inclusive, ferramentas de autoembelezamento automático, espécie de filtro que deixa a pele dos fotografados mais lisa e rubra.

Esses textos visuais, quando publicados, sobretudo em mídias digitais interativas, circulam por diversas telas, afetam seus espectadores e alimentam uma cultura que é ao mesmo tempo adepta do voyeurismo e do exibicionismo íntimo. Em diálogo com um usuário do *Grindr*, perguntei se ele não sentia medo de que suas *nudes* fossem compartilhadas na *web*. Ele respondeu que não e afirmou que até gostaria que suas fotos íntimas circulassem, já que isso funcionaria como uma espécie de propaganda. Com a tecnologia, o corpo autoexposto ganha potências criativas, mutantes e estéticas.

4.3 Performances íntimas de si: personalidades alterdirigidas em telas digitais

Diferentemente de Preciado, Paula Sibilia (2008) tem uma visão mais distópica sobre o cenário tecnológico dos dias de hoje, a qual se distancia de certa maneira do otimismo. Ancorada nos estudos culturais e de mídia, a pesquisadora da comunicação e da antropologia mais problematiza as incoerências e tensionamentos por que as subjetividades na atualidade passam do que apresenta as potencialidades que elas ganham com a tecnologia, como Preciado o faz. Reconheço nas disparidades das falas dos pesquisadores um modo de dar conta das discrepâncias que percorrem os corpos no *Grindr*, que, entre conformações e transgressões, acabam ora por reforçar ora por romper exigências hegemônicas de gênero-sexualidade, de saúde e estética e de autoexibição. Como corpos tecnológicos, os usuários do *Grindr* traçam tanto subjetividades opressoras e reguladas quanto libertadoras e criativas.

Sibilia (2008) afirma que vivemos numa sociedade espetacular que tem apoio na cada vez mais intensa conexão com as mídias digitais, sociedade esta que estimula o esvaziamento da subjetividade interiorizada. Nesse sentido, na atualidade, as personalidades não seriam mais introdirigidas como antigamente, mas alterdirigidas, vivenciadas a partir da exibição de si para olhares alheios. As construções de si se dão, pois, para fora, criando um eu epidérmico que se mostra na superfície da pele e nas telas digitais. Os textos visuais, nesse âmbito, ganham força, pois se relevar visualmente nas mídias é existir. A emergência de vários serviços tecnológicos que privilegiam textos visuais elucida essa perspectiva, como é o caso do *Instagram*, do *Pinterest* e do próprio *Grindr*. Não é sem motivo que, durante o trabalho de campo, muitos usuários mandaram fotos suas no primeiro contato que tiveram comigo via *chat*, antes mesmo de que algum conteúdo verbal fosse enviado. Tornar-se visível, hoje, passa principalmente pelo compartilhamento de fotografias de si.

Menos introspectivos e mais exibicionistas, os membros dessa sociedade atual estão

sujeitos à aprovação, à afetação e/ou ao reconhecimento do outro para terem suas subjetividades formadas, diferentemente da época moderna, quando os modos de ser e estar no mundo partiam da complexa rede psíquica de cada um. O corpo, neste cenário, ocupa um lugar de visibilidade, uma vez que ele se torna um objeto de desenho, através do qual performances de si são realizadas e apresentadas. Por essa lógica, dar-se a ver é mister, pois quem não é visto não é lembrado, quiçá não exista.

Instaura-se, assim, a necessidade de ser singular, processo que deve ocorrer a partir da exibição de si. Paradoxalmente, mesmo que haja a constante cobrança social por originalidade, os corpos tornam-se cada vez mais parecidos. Ligados a ideais hegemônicos de beleza, saúde, gênero-sexualidade, entre tantos outros, os corpos devem ter algo de único e, ao mesmo tempo, se adequar a convenções e normas. É preciso autoperformar, principalmente nas mídias digitais interativas, seguindo enquadramentos específicos e aprimoramentos frequentes. Isso inclui mostrar-se alegre. Os usuários de redes digitais raramente compartilham seus medos, tristezas e frustrações, porque ali opera a implícita regra da felicidade e da superação. Bonfante (2016) também aponta para a importância de pornificação de si na *web*, o que significa apresentar-se através da lógica da sensualidade, da sedução, da atratividade. Tornar a intimidade uma ação interessantemente performática é um modo de autoconstrução, que pode trazer seguidores e *likes*.

Exponho novamente como há performances de si similares no *Grindr*. Interpeladas por sistemas de gênero-sexualidade, valorização de estéticas e comportamentos hegemônicos, necessidade de autoexibição e construção de subjetividades exteriorizadas, tais performances têm majoritariamente por intenção testar qual versão de si mais provoca o interesse alheio. É possível, assim, inventar intimidades, o que pude ver de perto quando, durante a pesquisa, conversei com *fakes*, usuários que afirmaram inventar um personagem ao estarem presentes nas mídias digitais interativas. Para isso, utilizavam normalmente fotos, nomes e características de outras pessoas.

Esse contexto explica, em algum grau, por que há tantos perfis com nomes parecidos, fotos com ângulos equivalentes, peitorais semelhantes esculpidos em academia. A flexibilidade das personalidades e a sucessiva exibição de si possibilitam converter-se em outra pessoa, alterar a aparência, mudar significativamente atitudes. Como comportamentos restaurados, as performances de si nas mídias digitais interativas orientam subjetividades visíveis e funcionam a partir do experimento de características. Essas ações não são, contudo, sempre conscientes ou estrategicamente pensadas, podendo ocorrer involuntariamente, tamanha é a espontaneidade com que o *show* do eu articula-se socialmente.

4.4 Performances de si e masculinidades: um fenômeno social no *Grindr*

A partir de teorias e pensadores acionados anteriormente, contextualizo o fenômeno social desta dissertação: textos verbo-visuais de masculinidades no *Grindr*, as quais são testadas, enaltecidas, amenizadas e/ou negociadas, num constante jogo entre hegemônicas e subordinadas. Tal jogo de masculinidades, perpassado por hierarquias de que homens têm autoridade e merecem a atração dos demais, é performado por usuários dependendo da situação vivida, das intenções em questão e dos envolvidos no processo de comunicação.

No *Grindr*, parece ser crucial construir-se a partir de textos verbo-visuais socialmente valorizados, agir nos perfis e no *chat* a partir de comportamentos restaurados que acionam elementos de masculinidade hegemônica. Esse contexto é reforçado pela lógica do imediatismo que se manifesta na mídia digital interativa: um usuário, além de poder aparecer e desaparecer facilmente na tela conforme se desloca, pode ser deixado de lado em suas interações caso um novo usuário, com atributos mais bem vistos que o seu, entre em cena. Neste ambiente de fruição visual e competição de corpos, diferenciar-se é preciso, ainda que, contraditoriamente, isso possa significar fazer uma performance que traz textos similares a outros existentes no aplicativo.

Tornar-se atraente para homens em um espaço formado por HRH liga-se diretamente à performance de masculinidades, sobretudo aquelas alinhadas à hegemônica. Consideradas desviantes e erradas, as práticas *gays* colocariam os homens em proximidade com o feminino e com as mulheres, o que hierarquicamente representa um rebaixamento. Em vista disso, há o cultivo de ideais masculinos dominantes que se manifestam por meio de estéticas e ações viris entre os HRH. Textos verbais como “sexo no sigilo”, “busco discreto”, “não sou nem curto afeminado”, “mas você é afeminado?” e “só tem que ser na descrição porque ninguém sabe de mim” agrupam-se em inúmeras descrições e conversas que tive no *Grindr*, as quais demonstram a dimensão que o processo de masculinização tomou, preservando como clandestinas as relações *gays* ou os comportamentos que desestabilizam o dualismo de gênero. Na mesma direção, textos visuais nas fotos dos perfis escondem os rostos dos usuários, de modo que suas identidades pessoais são resguardadas de discriminação. Fragmentos do corpo que não a face, em ação performática, não geram risco de identificação.

Pois é inegável que o conglomerado de signos colocados em ação por usuários dos aplicativos condecoram a gramática da virilidade, força, macheza e masculinidade como valor maior. Constrói também sujeitos submissos a uma certa estética corporal sarada, bombada e esportiva, típicas da cultura *fitness*. Recicla ainda uma episteme colonial e essencialista que associa corpos não-europeus (negros, latinos e árabes) a uma

hipersexualização exotizada (FABRÍCIO, 2016, p. 14).

De tal forma, performances de si mais alinhadas à masculinidade hegemônica têm mais chances de atraírem os olhares alheios, de obterem reconhecimento, o que nem sempre é garantido. Mesmo que ative textos viris e atributos masculinos majoritariamente valorizados, cada tentativa de reconhecimento se dá na constante remodelação de autoperformances e negociações de masculinidades, em nível intra e interpessoal. Há, assim, sempre a espera da autenticação do outro, que pode ignorar, bloquear, ofender e negar seu afeto e sua excitação a um corpo.

Entre brechas e rachaduras, performances de si transgressoras enfrentam os ditames da masculinidade hegemônica, conscientemente ou não. Através da aproximação com masculinidades subordinadas, usuários ocupam o *Grindr* de forma astuta e questionam tanto o sistema de gênero-sexualidade quanto a exaltação da macheza e da virilidade. Tais perfis, em ação, fissuram o muro do dualismo de gênero, do imperativo biológico, das normas estéticas musculares: o afeminado, o gordo, o transhomem apresentam-se textualmente à visão dos outros e, performando, criam espaços de resistência com seus corpos. Emerge o *Grindr* como campo de tesão e também de tensão.

5 ANÁLISE VERBO-VISUAL DE PERFIS E DIÁLOGOS VIA *CHAT*

Neste capítulo há a análise de 8 categorias presentes nos textos dos usuários: 1) Expressão de gênero, 2) Corporeidade, 3) Posição sexual, 4) Faixa etária, 5) Orientação sexual, 6) Raça, 7) Status de relacionamento buscado/vivido, 8) Capitais financeiro e intelectual. A emergência destas categorias se formulou a partir do grau de repetição e intensidade com que algumas questões apareceram nas construções textuais de si, sejam nos perfis ou nos diálogos que travei com interlocutores. Na análise de cada categoria, enquadramentos são investigados a fim de se compreenda em instância macrosociológica em que medida as masculinidades, desenhadas em textos verbo-visuais em nível microsociológico, estão conformadas ou não às noções hegemônicas de gênero-sexualidade.

5.1 Expressão de gênero

Os enquadramentos de masculinidade estão atrelados a normas de gênero-sexualidade e têm como ideal a performance da virilidade, interligada socioculturalmente à expressão do gênero masculino. Tais normas acabam por impactar formas de querer e, em alguma instância, interpelam os HRH a preferirem alguns tipos de parceiros em detrimento de outros. Há, portanto, a hierarquização entre masculinidades, encontrando-se no topo a hegemônica e as cúmplices e na base, as subordinadas. No *Grindr*, não posso falar que masculinidades subordinadas são invisíveis, já que, além de elas aparecerem como autoconstruções em alguns perfis, diversos são os textos verbo-visuais que as criticam ao mesmo tempo em que reforçam constantemente a sua existência. Parece-me mais adequado falar, pois, da falta de reconhecimento dado a esses tipos de masculinidades, que têm uma expressão de gênero mais próxima da feminilidade ou, ainda, mais distante de masculinidades viris. Isso faz com que os corpos afeminados sejam desqualificados afetiva e sexualmente: os enquadramentos definem quais vidas são dignas ou não de precariedade.

No aplicativo, a figura do macho aparenta emergir como expressão de gênero de masculinidade hegemônica, ainda que as práticas que ali tomam formam sejam homossexuais. Como extremo oposto, a figura do afeminado surge como ameaça à ilusória homeostase masculina, já que possui características que, no imaginário social, são femininas: delicadeza, sensibilidade, polidez, vaidade. Tais adjetivos seriam dados a partir de um conjunto de textos verbo-visuais vistos como femininos: indumentária curta, cabelo alisado/tingido, maquiagem no rosto, voz aguda, gestos expansivos com as mãos, uso do feminino para falar de si, entre outros elementos, alguns dos quais serão discutidos nesta seção. Embora esta polarização entre macho e afeminado no *Grindr* pareça tão marcada nos perfis, masculinidades e

performances são flexibilizadas via *chat* e/ou face a face. Durante o trabalho de campo conversei com um usuário que afirmava contundentemente em seu perfil não gostar de homens afeminados. Depois de ele fazer investidas sexuais em mim, eu lhe disse que caso eu fosse solteiro ele não aceitaria se envolver comigo porque eu era afeminado. Após minha fala, ele expressou que abriria uma exceção porque estava “com tesão”. Outro interlocutor me relatou que usuários, quando excitados, acabavam se relacionando com perfis de que diziam não gostar, embora depois do sexo eles se “recompusessem” e retornassem às preferências frequentes.

Nesse sentido, masculinidades são negociadas, de modo que seus enquadramentos estão sujeitos à ruptura. Mesmo assim, eles constantemente voltam a operar: entre textos verbo-visuais, usuários do *Grindr* sublinham hegemonicamente seu interesse por ser e querer macho, por mais que na prática isso possa mudar. A expressão de gênero do macho foi historicamente cotada como pertencente a um homem superior. O perfil 1 ilustra como os enquadramentos de masculinidade funcionam. Iniciando pelo texto verbal, o nome do usuário, “fora do jogo”, possibilita que a significação de “fora do meio” emerja. Expressão bastante recorrente no *Grindr*, “fora do meio” quer dizer que uma pessoa não está inserida no ambiente cultural de homens *gays*, tampouco frequenta os lugares que eles frequentam ou consome os bens que eles consomem. Esta significação se torna mais evidente com o texto visual do perfil, à medida que o usuário não faz uso de uma foto sua, mas de um desenho de lobo. Este é um animal visto como caçador, selvagem, peludo, bruto e a procura de uma presa, características tradicionalmente vinculadas ao masculino, não à toa são homens que se transformam em lobisomens. Nesse sentido, animais grandes e agressivos normativamente têm maior conexão com machos: o leão, o lobo, o gorila. Caso na visualidade deste perfil aparecesse uma borboleta ou um gato, outra significação transcorreria. Também tem papel importante nesse contexto o antigo conto de Chapeuzinho Vermelho que, publicado originalmente por Charles Perrault em meados do milênio passado, insere no imaginário social um vilão lobo. Apoiado no universo masculino e predador que assume conotações sexuais, ele faria de Chapeuzinho sua caça (PEREIRA; MATOS, 2009). Esta obra, readaptada e difundida incontáveis vezes, até hoje mostra seus reflexos quando o lobo é vinculado ao homem e às suas expressões viris.

Figura 5: Perfil 1



Fonte: Arquivo próprio

Outros textos verbais dizem deste perfil. Quando se constrói como macho e discreto e afirma não curtir afeminado, o usuário mostra qual masculinidade lhe expressa e lhe serve: uma mais alinhada à hegemônica. Logo, aponta uma dupla oposição com o feminino, já que ele não é e tampouco se interessa por homens afeminados. A prática sexual seria autorizada, assim, se realizada entre dois machos. Sobre isso, tive contato com mais de um perfil cujo nome era “macho x macho”, modelo de dupla que Bonfante (2016) também percebeu em seu estudo no *Grindr*. Sobre isso, um interlocutor sintetizou em uma frase a lógica do aplicativo: “gosto de homem mas sou macho então tá ok”, demonstrando que o enquadramento de masculinidade determina que um homem vale mais não tanto por sua orientação ou prática sexual, mas por sua expressão de gênero. Os perfis coletados e os usuários com quem dialoguei que caracterizaram esta figura apontam para uma definição por vezes hiperbólica, que beira à caricatura. Isso pode ser relacionado ao que Connell (2003) expressou a respeito das masculinidades exemplares como algo que poucos homens (ou talvez nenhum) performariam, tão grande a exigência viril é.

Figura 6: Perfil 2



Fonte: Arquivo próprio

A expressão de gênero ancorada na virilidade, para além de ser uma questão comportamental, é também vislumbrada como questão material. Homens trans fazem uso de hormônios para mudarem seus corpos, assim como homens cis para ganharem massa muscular. No perfil 2, este caráter material aparece no texto verbal quando o usuário expressa que quanto mais testosterona melhor. Atribui-se cientificamente a esse hormônio, encontrado em quantidade maior em corpos biologicamente masculinos, o aumento da força física e da potência sexual. No imaginário social, testosterona é sinônimo de masculinidade, o que em excesso seria convertido em virilidade. Ao valorizar o hormônio, ao mesmo tempo o usuário o faz com relação à masculinidade hegemônica, cuja proximidade com o feminino passa longe.

A conexão testosterona-masculinidade hegemônica se mostra também no texto visual do perfil. A iluminação que vem da esquerda oferece um efeito de luz e penumbra sobre o corpo, cujos músculos ficam evidenciados. A disposição dos braços do usuário e o seu ângulo próximo de 45 graus favorecem que seu peitoral e barriga sejam vistos, partes do corpo que possibilitam averiguar magreza ou não. Trata-se de uma pessoa com poucas adiposidades, provavelmente praticante de algum exercício físico. Músculos são atrelados à força física e à saúde, os quais se encontram enrijecidos na performance do usuário, de maneira que há uma veia que salta de seu braço esquerdo. A linha de sombra que há no músculo abdominal oblíquo, conhecido como “entradinha”, parece apontar para o que há dentro da bermuda, cujo

volume se nota na foto não editada. Em um regime de entrever, um pênis ereto apresenta-se sob a vestimenta, o que sugere preparação e potência sexual. É na ação de mostrar sem exhibir que se cria um jogo que provoca afeto alheio e incita a curiosidade: o que há debaixo daquela roupa? Com apoio do texto visual, “*Hunter*” e “na caça” podem ser compreendidos como expressão de virilidade, força e excitação, de que o usuário busca um homem para transar furtivamente. *Hunter* sem dificuldades receberia o *status* de macho no aplicativo por ter uma expressão de gênero atrelada à masculinidade hegemônica.

A apreciação do macho vem de uma história que divide os gêneros, suas características e modos de ser. Elas – e por consequência os homens afeminados – seriam submissas, afetuosas, inferiores e fêmeas; eles seriam dominadores, sexuais, superiores e machos (WEEKS, 1998). Logo, ter uma expressão de gênero que represente o que é tradicionalmente tido como masculino é, em alguma medida, promover-se, uma vez que acionar textos de masculinidade hegemônica é alinhar-se a um modo de ser homem enaltecido midiática e socialmente. Sobre isso, um interlocutor disse-me que o “cara perfeito” para os usuários do aplicativo seria “ másculo, macho, não afeminado, malhado, dotado”, fala similar a que outros interlocutores proferiram. Os michês que Perlongher (2008) cita em seu estudo agem a partir dessa lógica para atrair possíveis clientes, o que lhes é rentável. Bonfante (2016) aponta para a mesma direção ao perceber que usuários de aplicativos como o *Grindr* exacerbam-se de virilidade em suas autoconstruções. Comportar-se como um macho é estratégico.

Propondo um diálogo entre Schechner (2006) e Connell (2003), masculinidades estruturam-se mais como performances do que como identidades fixas. As autoconstruções no *Grindr* possibilitam que certos modos de ser homem sejam despertados em detrimento de outros, o que passa por uma escolha estratégica para que um perfil interessante emerja. Logo, performances de si não são sobre comportamentos coerentes e estáveis, mas sobre agir de determinados jeitos a depender da ocasião e dos envolvidos. Nesse contexto, interlocutores expuseram que alguns usuários se passam por machos no aplicativo, mas face a face isso suas expressões de gênero são afeminadas. O perfil 3 contém um elemento em seu texto verbal que trata do assunto, especificamente no terceiro item citado: “Não tente convencer a você e aos outros que é ‘macho’, se está buscando outro ‘macho’.”. O usuário faz uma crítica ao imperativo do macho no *Grindr*, que desencadeia performances viris nem sempre semelhantes às acionadas face a face, postura por vezes vista como falta de autenticidade. Atravessados por mecanismos que controlam modos de ser homem e restringem formas do querer, usuários do aplicativo valem-se de estratégias hegemônicas de masculinidade e alinham suas

autoconstruções a enquadramentos.

Figura 7: Perfil³⁶ 3



Fonte: Arquivo próprio

Nesta investigação, determinados elementos verbo-visuais despontam como textos que pertencem à gramática de expressão do gênero masculino, como o uso do aumentativo e de certas vestimentas, gírias e poses. No perfil 4, o olhar que posiciona o espectador diante do corpo representado está na altura do pênis, de maneira que a ideia de sexo oral pode formar-se. De pernas abertas e sem camiseta, o homem excluiu seu rosto do recorte da foto e centralizou a região da virilha no texto visual como se a audiência estivesse ajoelhada em sua frente. Ele demonstra, assim, ter intenções sexuais e estabelece alguns lugares de poder: seria ele sendo chupado, não o inverso. Ademais, esta postura de manter os membros inferiores afastados se vincula ao repertório de ações corporais masculinas. Aos homens estaria autorizada a ocupação dos espaços e o relaxamento do corpo, enquanto às mulheres caberiam posições mais contidas e pouco expansivas. Em ambientes de convívio, como bancos de metrô e mesas de refeição, há homens que excessivamente abrangem áreas com seus corpos, tomando superfícies de mobilidade de outros homens e, principalmente, de mulheres. A prática foi inclusive dicionarizada: *manspreading*, que em português equivaleria a homem-

³⁶ O texto visual deste usuário é uma foto de peitoral nu em posição vertical, o que não foi analisado, pois a relevância do perfil mostrou-se no texto verbal.

espalhamento. Logo, o ato de abrir as pernas marca-se como um movimento tido como masculino, que se exprime em outras autoconstruções do *Grindr*.

Figura 8: Perfil 4



Fonte: Arquivo próprio

A indumentária que o homem do perfil utiliza pode ser identificada como esportiva. Ele usa bermudas aparentemente de poliéster ou nylon, tênis e meias até a altura da panturrilha, a qual está em posição flexionada que evidencia músculos. Essas peças e códigos tipicamente associados a jogos de futebol dizem do corpo que está ali: praticante de atividade física e atlético. Sem camiseta, é possível notar que há pouca gordura na região do abdômen. Atando-se ao texto verbal, a visualidade viril é reforçada pelos textos verbais “macho”, “sigilo”, “*brother*”, “discreto”, “não afeminado”, “não assumido”, cuja união chega a ser redundante, tamanha a necessidade de autoafirmação máscula e de afastamento do universo de expressões femininas.

Atentando para a palavra *brother*, uma rede de significação se delinea. Esta é uma palavra em inglês que designa parceria masculina e tem a ver com relação de grande amizade estabelecida entre dois homens, utilizada usualmente no meio heterossexual. A escolha deste signo verbal aparenta ter a intenção de suavizar os anseios sexuais *gays*: embora o usuário procure um parceiro sexual homem, ele se posiciona enquanto “irmão”, como se buscasse um “grande amigo”. Logo, mais pautada pela parceria que pelo afeto, não haveria choque com a masculinidade hegemônica.

O aumentativo é outro componente da expressão de gênero da masculinidade hegemônica. No perfil 5, os signos “ativação”, “discretão” e “roludão” manifestam-se para comprovar quão hegemonicamente masculino este perfil é. O aumentativo tem por ordem morfológica caracterizar algo como maior em tamanho, grandeza, intensidade ou força, o que pode se ligar ao que é superior, melhor ou mais qualificado. No imaginário social e fazendo referência às questões de gênero, mulheres seriam mais baixas, delicadas e sutis que homens, de forma que seriam vinculadas ao diminutivo. Se o usuário se descrevesse como “ativinho”, “discretinho” ou “roludinho”, outra significação seria desencadeada: este homem seria pouco ativo, pouco discreto e pouco dotado, características recorrentemente desmerecidas no *Grindr*. No mesmo sentido, a aplicação do superlativo em “mais que Macho” sublinha qual é a masculinidade do usuário e atenua sua prática sexual *gay*: não importa o que ele faça na cama, seu estatuto de macho é maximamente alto. O excesso de virilidade que o texto verbal constrói sugere um ideal de masculinidade inatingível.

Figura 9: Perfil³⁷ 5

Fonte: Arquivo próprio

O nome de exibição e a visualidade do perfil convergem também para uma expressão dominante do gênero masculino. A palavra “grego” remete à cultura grega antiga, cujos cidadãos eram fortes, másculos, rijos e intelectualmente distintos. Mais que isso, a expressão “deus grego” na atualidade alude a um homem esteticamente bonito e atraente. Embora o rosto não apareça no texto visual, a foto mostra um corpo sem camiseta, com baixa taxa de adiposidade e em um ângulo que possibilita ver os músculos desenhados, provavelmente

³⁷ O texto visual deste usuário era dificilmente identificável no formato retangular vertical. Por essa razão, preferi clicar na foto de perfil, salvá-la em seu tamanho real (não moldado pelas medidas que o *Grindr* define para os perfis), fazer a edição no *Photoshop* e acrescentá-la nesta figura. A foto de cima é, assim, a foto de cima ampliada.

exercitados para tomarem essa forma. Em movimento, uma das mãos do homem puxa o fio que ata a bermuda, produzindo um possível entendimento de que ele tirará a roupa e incentivando a imaginação sexual.

A utilização de elementos do futebol também guarda certa relação com a expressão de gênero masculino, como foi brevemente comentado no perfil 4. Durante conversa com um interlocutor, que usava trajes de futebol em sua foto principal, um trecho chamou minha atenção:

*Acho que os homens já ligam o futebol a algo de macho [...]
Outros [usuários com quem este interlocutor conversa no Grindr] falam que
sonham em dar para um cara com a camisa do galo
Eu gosto de realizar fantasia dos outros
O primeiro que fiquei esse ano [2017] me pediu para vestir exatamente como
vou ao campo, inclusive com gorro*

A fala deste usuário elucidada que o imaginário social associa futebol a masculinidade hegemônica, sobretudo no Brasil, o país do futebol, onde os meninos desde muito pequenos são estimulados a este esporte. O futebol é assimilado como “coisa de homem” heterossexual (REIS, 2016), como uma expressão de gênero masculina. Por esse motivo, é estratégico o ato de colocar uma foto de perfil em que veste a camiseta do Clube Atlético Mineiro, vulgo Galo. Como explica o interlocutor, esta performance, mais que outras, rende interações e investidas sexuais movidas por trocadilhos e anseios por jogos de dominação.

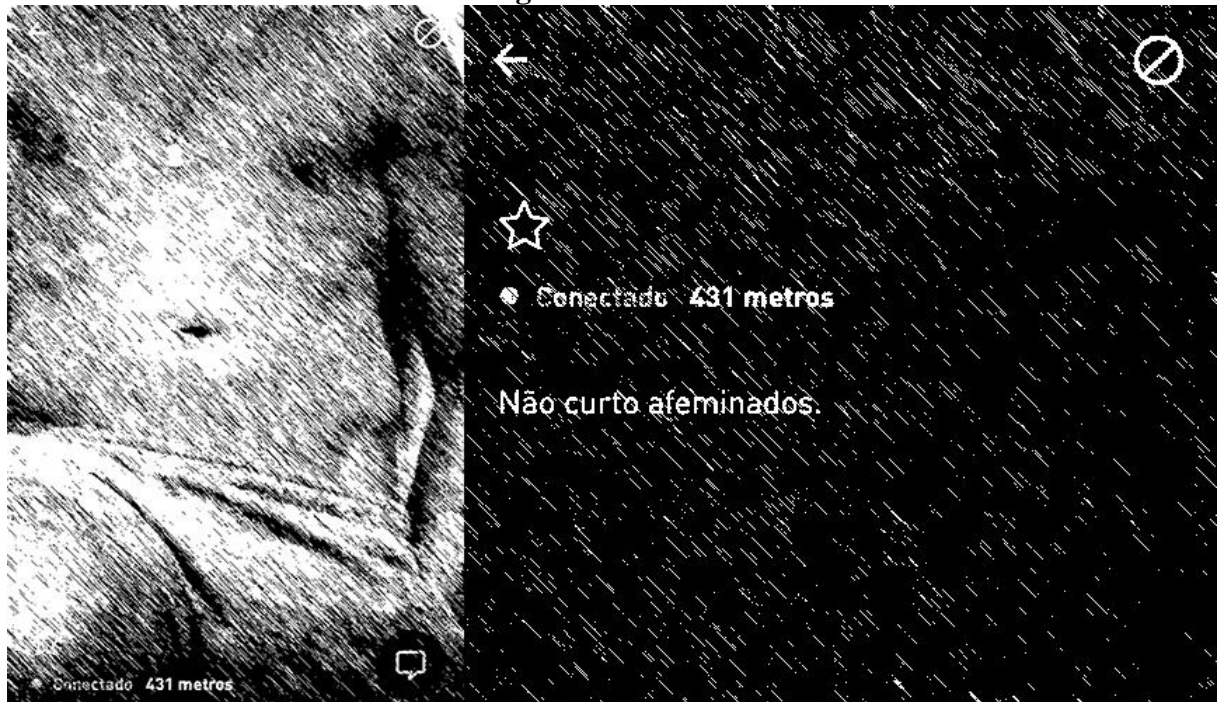
Já em outros perfis, a valorização de um tipo de expressão de gênero se torna ainda mais nítida. É o que pode ser visto em descrições que encontrei, como “Sou Homem e procuro o mesmo” e “Se tivesse aqui para man afeminado teria que ser man with woman³⁸. Curto macho de verdade”. O primeiro ressalta que é e procura homem com H maiúsculo, reconhecendo que, dentre os diferentes tipos de homens que existem, um têm uma expressão de gênero que ocupa lugar privilegiado a ponto de ser referenciado com inicial em caixa alta. O segundo, cujo nome era “man with man³⁹”, concatena expressão de gênero com identidade de gênero, como se um homem afeminado fosse uma mulher, à medida que seria realmente homem apenas o “macho de verdade”. De tal forma, expor, em uma rede utilizada quase exclusivamente por usuários do gênero masculino, que se procura um homem não é ser redundante, mas restringir o conceito de homem. Assim, seriam dignos de receber esta nomenclatura somente alguns corpos, os que desenvolvem expressões de gênero próximas à do macho.

³⁸ Em inglês, *man with woman* significa homem com mulher.

³⁹ Em inglês, *man with man* significa homem com homem.

Como comentado anteriormente, a noção de Homem teria seu contrário no homem afeminado, que constantemente é rechaçado no *Grindr*, como vários interlocutores expressaram. A falta de interesse a esse tipo de masculinidade chega a ser tão agudo que há homens que se constroem verbalmente por meio deste desgosto. É o caso do perfil 6, cuja descrição contém exclusivamente a sentença “não curto afeminados”. Sem nome, este usuário parece afirmar que qualquer homem que não seja afeminado é potencial para interação. A visualidade de sua foto atrela-se a elementos de masculinidade hegemônica e demonstra que a negativa em sua descrição também acompanha sua personalidade. Similar ao do perfil 4, o olhar do perfil 6 posiciona o espectador na altura de seu pênis, o que é reforçado pelo posicionamento da pélvis do usuário, a qual se encontra disposta para frente.

Figura 10: Perfil 6



Fonte: Arquivo próprio

O rechaço ao homem afeminado aparenta ter apoio não na negação do feminino, mas na negação da expressão de gênero feminina em homens, já que isso quebraria o dualismo de gênero. Apresentam-se, pois, hierarquias entre masculinidades hegemônica e subordinadas, entre usuário macho e usuário delicado.

Mas por que seria o homem afeminado tão criticado? Em seus perfis e em diálogos, muitos usuários respondem tal indagação expressando que é uma “questão de gosto”. É o que um interlocutor me disse quando lhe perguntei que tipo de perfil despertava seu interesse: “Me chama a atenção caras [...] que não sejam afeminados. Eu não discrimino, claro. É só

questão de atração sexual mesmo”. Certamente há o atravessamento de preferência pessoal na maneira como nos atraímos por alguém, mas se esse desprazer pelo homem afeminado é tão recorrente é porque guarda relação com a norma. Nesse sentido, a justificativa “é só questão de atração sexual mesmo” não é totalitária, uma vez que nossos gostos são culturalmente moldados, o que inclui a ação do sistema gênero-sexualidade, que valoriza o macho. Resistir integralmente às forças normativas é impossível e a crítica que faço não visa desconsiderar que a excitação é complexa e, por vezes, espontânea. Meu intuito é mais apontar que preferências podem ser social e conscientemente entendidas e, quiçá, desconstruídas, o que colabora(ria) para modificar as condições de precariedade e reconhecimento de certos grupos discriminados. Como afirmavam as feministas da segunda onda, o pessoal também é político.

Em conversa com outro usuário, ao perguntar por que perfis ele costumava se interessar, obtive esta resposta: “eu por exemplo não gosto de afeminados (para relacionamento)”. É interessante questionar por que há a restrição de não se engajar com um homem com expressões femininas para “relacionamento” ou “algo sério”, ou seja, em nível mais afetivo, como em um namoro. Inversamente nesses casos, parece ser até razoável manter relações sexuais e/ou esporádicas com este tipo de homem. Uma explicação possível a essa “preferência” é que relacionamentos sérios usualmente são públicos e ser visto comprometido com alguém afeminado pode colocar em xeque a virilidade e/ou a heterossexualidade do acompanhante, acarretando a crítica da família, dos amigos, do pessoal do trabalho, da sociedade como um todo. Sem a necessidade de aprovação alheia e convívio explícito, o contato privado e pontual com um homem afeminado não traria constrangimentos. Os trechos de conversas a seguir corroboram com esta explicação:

*Não sou assumido
E para sairmos tenho que ter tranquilidade que se alguma pessoa do meu
convívio encontrar comigo, eu possa ter a tranquilidade de apresentar sem
constrangimentos
[Já no ambiente privado o homem] Pode virar uma puta
Gemer gritar
Kkkk*

*Meus amigos ate zoam qdo pego alguem afeminado mas nao ligo
Mas me zoam e nao zoam o cara, sempre respeitam*

As duas falas, de diferentes interlocutores, mostram que estar acompanhado de um homem com expressão de gênero feminina pode gerar julgamentos sociais e ferir a masculinidade. No primeiro exemplo, fica evidente que em ambiente privado, longe de olhares alheios, a afeminação pode ser até aceita, mas não publicamente, já que as práticas

homossexuais seriam percebidas. Em sentido contrário, andar com um homem viril remeteria a um contato amigável do que afetivo-sexual, o que ainda é visto com preconceito. No segundo exemplo, embora o interlocutor afirme não se importar, relacionar-se com um homem afeminado é motivo de chacota por parte de seus amigos, à medida que um homem assim não segue a gramática da virilidade.

Certas materialidades e performances corporais assinalam a expressão de feminilidade ou não de um homem, sendo a voz, a sobrancelha e o cabelo os índices mais encontrados durante o trabalho em campo. Dois fragmentos de textos verbais coletados de diálogos com interlocutores elucidam a dimensão corporal da expressão afeminada:

*não preciso falar fino desmunhecar pra ser gay.
 Posso ser gay e ser e portar como homem.
 Talvez seja preconceito.
 Mas quem não tem?
 Tdos temos e marcamos isso de alguma forma.
 [A preferência é por] Estilo mais “rústico” digo não faz sobrancelha não tem cabelo grande e franja..Rs
 [Um homem afeminado se comportaria deste modo:] Falar fino. Jeito de andar com punhos pra fora... Gírias no feminino.. entre outras..rs
 O pau não ia subir.*

*E isso [a afeminação de um homem com quem ele saiu] ficou evidente no sexo... rs
 Ah, pra mim não foi tão legal
 Eu não discrimino, claro
 É só questão de atração sexual mesmo
 Principalmente na hora de gemer, das “falas”
 Rsrss
 Gemer com voz fina*

Na primeira fala, o conceito restrito de homem aparece novamente. Seria, pois, considerado homem aquele que, independentemente de sua orientação sexual, não desmunhecaria, ou seja, não performaria gestos tidos como femininas, como “andar com punhos para fora”. Esta expressão corporal é relacionada à delicadeza e chega a ser utilizada para caracterização de personagens femininas, por vezes estereotipadas, em produtos audiovisuais massivos. É o caso de Blair Waldorf (Leighton Meester) no seriado *Gossip Girl* e Elle Woods (Reese Witherspoon) nos dois filmes de *Legalmente Loira*, mulheres alinhadas à feminilidade enfatizada (CONNELL, 2003) que em várias cenas dispõem seus punhos para fora, como pode ser percebido nas figuras a seguir. Como negação a isso, aparece o estilo rústico citado no perfil, o que inclui não fazer sobrancelha ou não ter cabelos compridos ou com franja. Nesse sentido, as expressões do gênero masculinas não estariam autorizadas aos cuidados e procedimentos estéticos. Como revela Barreiros, tradicionalmente o homem é

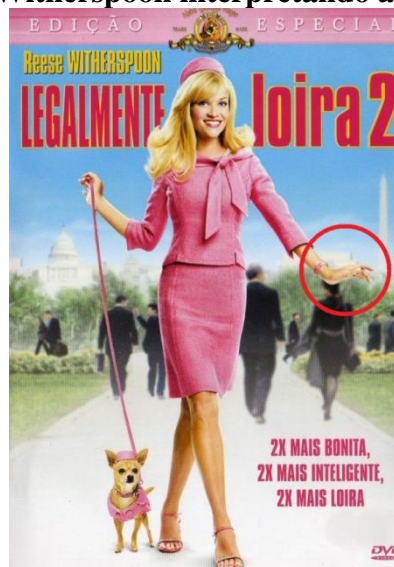
“visto como um ser sem muitos hábitos de consumo. Suas aquisições não ultrapassavam os limites de suas necessidades básicas e os mais ousados chegavam no máximo a escolher objetos de maior valor, tais como carros, relógios, charutos, bebidas” (2012, p. 3). Tal ideia, ainda incrustada no Ocidente, tem apoio na associação de homens com aparência básica, simples, rudimentar e até mal-acabada.

Figura 11: atriz Leighton Meester interpretando a personagem Blair Waldorf



Fonte: J'ADORE FASHION, 2011

Figura 12: atriz Reese Witherspoon interpretando a personagem Elle Woods



Fonte: ADORO CINEMA, 2017

Tanto no primeiro trecho quanto no segundo, a voz “fina” aparece como indicador de expressão de feminilidade. Ancorada no dualismo de gênero, proliferou-se a ideia de que

homens possuem vozes graves e mulheres, agudas.

Podemos refletir em que medida o estereótipo do afeminado possui afinidade com o da bicha. Pouco recatados e chamando a atenção por onde passam, ambos provocam uma ruptura no enquadramento de masculinidade e transgridem a linha que separa os gêneros. Em um ambiente onde discrição e sigilo são recorrentes demandas, não ser viril desperta afeto, raramente positivo. Entre aversão e o desgosto alheio, pouco reconhecimento é dado aos homens afeminados no *Grindr*.

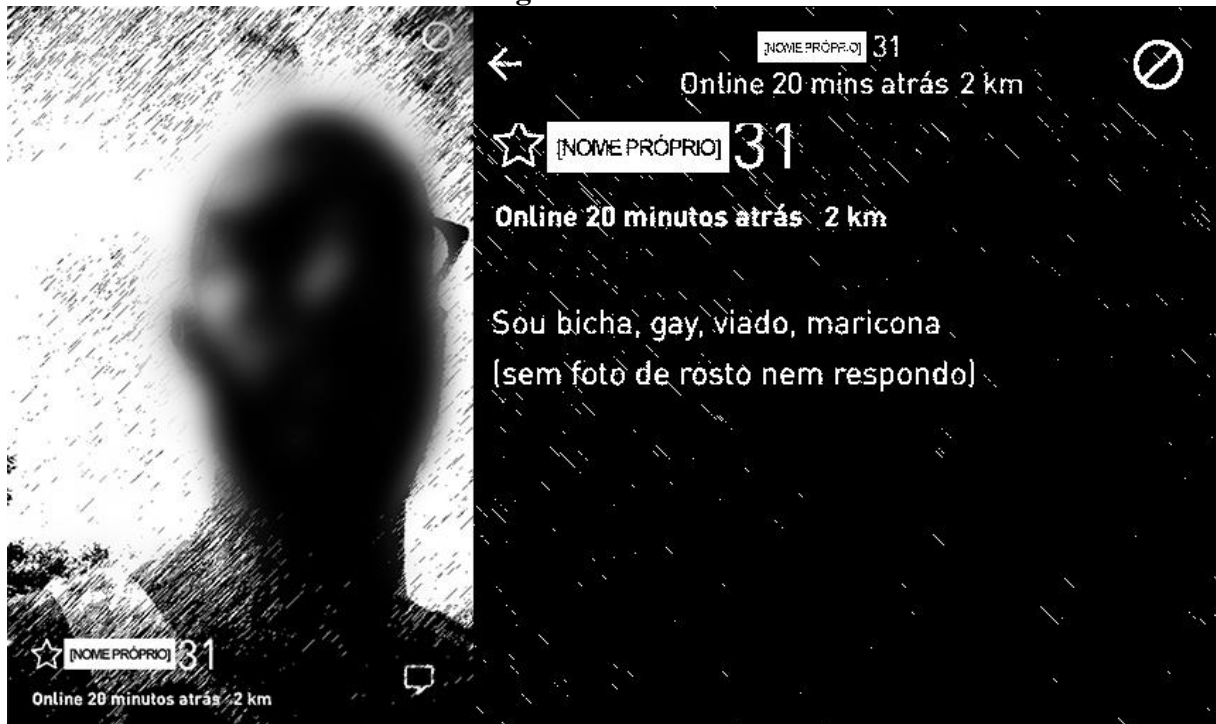
*Outro dia um saradao negao me chamou [no Grindr]
E tinha o link pro insta dele que era aberto
E ele era muito bixa bixerrima afetadaça. Escandaloso e tals. E se achava
um Apolo de tao bonito
[Ele tinha no Instagram] Muitos vídeos
Ele com amigos. Ele dançando igual mulher. Dele afetado na academia*

O interlocutor desta fala, apesar de afirmar que a pessoa em questão era bonita e sarada, declara que a expressão afeminada coloca o homem em patamares inferiores de masculinidade. A adjetivação pejorativa “bixerrima afetadaça” dada à palavra “bixa” caracteriza hiperbolicamente o usuário de quem se fala, como se isso o impedisse de ser considerado um Apolo, deus grego da beleza. Personificando o antônimo da discrição, ele foi visto como escandaloso por dançar como mulher e realizar ações afetadas na academia, ou seja, comportou-se de modo feminino, não natural e pouco reservado.

Como pode ser percebido na análise de perfis e conversas anteriores, pela lógica hegemônica, homens que performam masculinidades subordinadas não seriam homens, já que não possuem expressões de gênero consideradas predominantemente masculinas. O enquadramento de masculinidade define quais usuários podem ou não ser caracterizados como Homem, como corpos apreciáveis, como pessoas dignas de excitação. Assim como o enquadramento de masculinidade, a política do espelho pode estilhaçar-se e o imperativo do macho como exigência a si e aos outros, dissolver-se. Logo, há múltiplas formas de ser homem, inclusive femininas.

Entre vozes finas, cabelos com franja, sobrancelhas feitas e/ou comportamentos afetados, os homens afeminados nem sempre são rejeitados. As rupturas nos enquadramentos do *Grindr* e autoconstruções alinhadas às masculinidades subordinadas, embora ainda tímidas, recontextualizam as dinâmicas do aplicativo e colocam em xeque as expressões de gênero hegemônicas de ser homem. Performances de si, assim, transitam entre a aceitação a qualquer corpo masculino e o orgulho *gay*.

Figura 13: Perfil 7



Fonte: Arquivo próprio

Uma postura transgressora se apresenta no perfil 7, cuja descrição define o usuário com vários nomes pejorativos dados aos homens homossexuais. Ao fazer isso, este homem ressignifica xingamentos homofóbicos e firma um lugar de fala política e contestatória, sobretudo no *Grindr*, onde ser bicha não é valorizado. Além de expressar-se com um apelido que permite identificar seu nome próprio, o usuário tem como texto visual seu rosto, integralmente mostrado. Levando em conta que o aplicativo possui muitas performances que exibem o corpo apenas para baixo do pescoço, prática atrelada ao sigilo das relações *gays*, perfis que revelam a face inscrevem-se no regime de visão total. Subvertendo em alguma instância a lógica dominante de discrição no *Grindr*, o perfil 7 apresenta não só o rosto, mas também um requisito: ele só interage com homens com expressões de gênero semelhantes à sua. Autoconstruções como esta parecem ser acionadas por usuários que não têm problema em assumir suas orientação sexual ou práticas homossexuais, colocando em atrito a união macho-macho tão consagrada no aplicativo e incentivando duplas *gay-gay* ou, ainda, a viado-viado.

Figura 14: Perfil 8



Fonte: Arquivo próprio

Similarmente, o texto visual do perfil 8 conta com um usuário em momento de lazer, à beira da piscina. A visualidade que cinge seu corpo evidencia uma postura delicada tanto nas mãos, que repousam sutilmente na coxa e no quadril, quanto no pé direito, que se encontra na ponta dos dedos. O arqueamento da coluna deixa o volume das nádegas maior, o que realça os glúteos, parte do corpo culturalmente atrelada às mulheres e aos *gays* passivos, em oposição ao pênis e aos membros superiores nos homens heterossexuais e *gays* ativos. Em um território repleto de barrigas, peitorais, virilhas e de paleta de cores monocromáticas, uma foto não frontal em que se usa uma sunga estampada e colorida se destaca. De cabeça erguida e com o corpo molhado, a pose remete à elegância e à graça, como se esse instante fosse belo. Embora de costas, o olhar oferecido pelo texto sugere que o homem se exhibe discretamente para o espectador, que é convidado a apreciar esteticamente a cena que vê. Em um exercício analítico, fiz o *upload* desta performance no *Google Images*⁴⁰, especificamente na ferramenta *Pesquisar por imagem*, a fim de encontrar quais outros textos visuais na *web* se assemelhariam a este. A maioria das fotos que apareceram são de mulheres e dentre elas encontrei as duas a seguir:

⁴⁰ Este procedimento não torna a foto pública ou vista por outras pessoas; logo, não representada perigo à integridade e privacidade do usuário em questão.

Figura 15: Kim Kardashian à beira da piscina



Fonte: CONNECTIN CELEBRITY, 2011

Figura 16: Paris Hilton à beira da piscina



Fonte: DAILYMAIL, 2016

Kim Kardashian e Paris Hilton são famosas *socialites*, conhecidas por levarem um estilo de vida glamoroso e ostentativo. Donas de contas bancárias milionárias e aclamadas massivamente como divas, ambas frequentemente postam fotos em suas redes sociais digitais em momentos de lazer, como os textos visuais apontados anteriormente. A performance do perfil 8 é similar à das celebridades em vários pontos: todos estão à beira da piscina, vestem roupas de banho, não olham para a câmera, ficam na ponta de um dos pés e deixam as mãos relaxadas. As expressões de gênero que o usuário do *Grindr* ativa em sua autoconstrução ligam-se à feminilidade, à sutileza e à sedução, de tal maneira que se afasta da normativa figura do macho.

Escolher que elementos colocar na autoconstrução é uma ação estratégica que permite filtrar usuários e possíveis parceiros. Textos verbo-visuais revelam personalidades, exigências, interesses afetivo-sexuais e expressões de gênero. Tal escolha pode ser conformadora ou transgressora com relação ao sistema gênero-sexualidade, estando o perfil 9 e o seu texto visual inclinados à segunda opção.

Figura 17: Perfil 9



Fonte: Arquivo próprio

Ele usa colar, laço de cabelo estampado e colorido, brinco e batom, textos culturalmente tidos pertencentes à expressão do gênero feminino, que fazem parte do ramo da moda e dos cosméticos. Nesse contexto, o consumo masculino é tradicionalmente ainda conectado à aquisição de bens básicos e poucos diferenciáveis (BARREIROS, 2012). O usuário retratado provocaria, desse modo, rachaduras nas fronteiras de gênero. Quando um usuário homem, em um espaço normativo, desenvolve expressões de gênero consideradas femininas, o eixo gênero-sexualidade é questionado. Logo, como uma performance expressiva e até mesmo burlesca, a performance deste perfil soa como uma provocação ao imperativo do macho no *Grindr*.

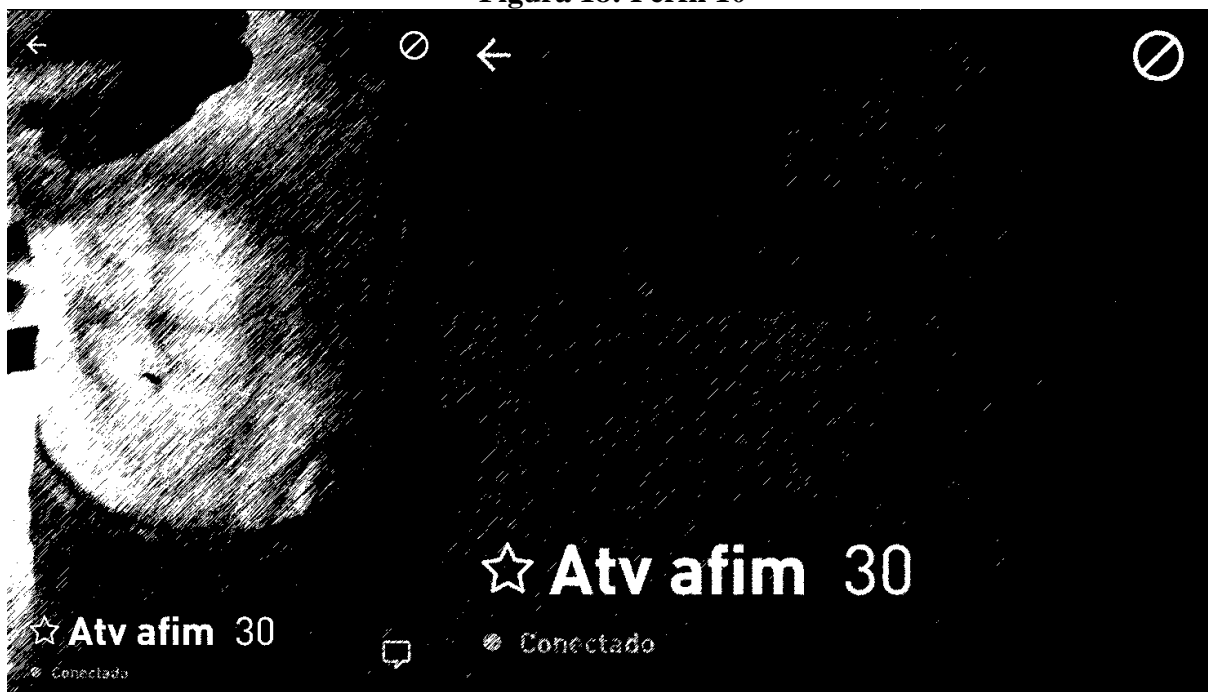
5.2 Corporeidade

Uma das questões que mais atravessam as performances de si no *Grindr* é a da corporeidade. Por dar intenso destaque para os textos visuais, o aplicativo oferece certa fruição de materialidades corporais, um processo em que dedos tocam fotos de corporeidades dispostas em telas e aguçam imaginações. Também por ser um ambiente a partir do qual relações afetivo-sexuais se estabelecem, a dimensão do sensível, do toque, do sinestésico entra em ação, o que em muitas vezes é transmitido por meio de visualidades de peitorais, axilas, virilhas, costas ou braços despídos de roupas. O ato de construir-se visualmente no

aplicativo, incluindo o olhar oferecido na foto de exibição, possibilita um dar-se a ver que estimula prazeres e gera curiosidade: como seria estar diante deste corpo que se apresenta? Qual sua textura e seu cheiro? Em que medida haveria satisfação a partir do contato? Nesse sentido, a superfície da pele, em exibição, é constituidora de destaque das dinâmicas do *Grindr*.

Nos exercícios de autocriação, os usuários do aplicativo desenvolvem técnicas e estratégias para mostrar uma versão de si que seja interessante ao olhar alheio, o que aumenta suas chances de se firmarem enquanto corpos atrativos. Inclui, nestes procedimentos, o uso de tecnologias, ângulos e poses que permitem aprimoramentos de corporeidades, como dentes mais brancos, peles mais lisas, rostos mais finos, músculos mais rijos, barrigas mais achatadas. No perfil 10, nota-se o uso de uma ferramenta de edição de imagens para que a região do abdômen se transforme: o usuário valeu-se provavelmente de uma foto de si sem camiseta e acrescentou uma nova barriga. É possível perceber isso a partir da diferença de graduação de cores entre a foto inteira e a parte da foto adicionada, havendo um descompasso visual que gera a compreensão de retoque.

Figura 18: Perfil 10



Fonte: Arquivo próprio

Este caso ilustra como performances são criativas e podem envolver relações com contextos socioculturais normativos. Mesmo não possuindo uma barriga “de tanque” em sua corporeidade face a face, o usuário faz uma construção de si por meio da tecnologia em que

lhe confere características vistas como atributos no contexto do *Grindr*: um abdômen musculoso. Atualmente vivemos uma moral da boa forma (SIBILIA, 2004), em que a organicidade e as adiposidades do corpo material são negadas, criticadas, reparadas ou disfarçadas, seja por meio de visitas constantes a academias, ingestão de suplementos alimentares, escolha de determinadas roupas e, ainda, edições de fotos que recriem a corporeidade. Exibir-se enquanto corpo que se enquadra em certas expectativas é, pois, um possível caminho de obter maior valor e excitabilidade no aplicativo. Ou não, já que o reparo visual evidente pode surtir um efeito de falta de autenticidade.

A barriga, quando muscular, demonstra ocupar um lugar de importância nas performances visuais de si no *Grindr*, já que apareceu recorrentemente nos perfis que compõem o corpo desta pesquisa. A escolha desta parte da corporeidade para autocaracterizar-se parece ter apoio em algumas explicações. A primeira delas é que o aplicativo veta a aparição de pênis e nádegas diretamente, de forma que outras áreas devem ser priorizadas para aparição na foto de exibição. Outro ponto é que a região abdominal, se muscular, ostenta um estilo de vida pautado na moral da boa forma, o que ganha contornos adicionais em corpos de HRH. Nas décadas de 70 e 80, quando a *Aids* foi reconhecida enquanto epidemia e passou a ser ligada direta e preconceituosamente às práticas homossexuais, corpos *gays* adoeciam e tornavam-se magros. Como não havia um tratamento eficiente, a solução proposta por profissionais da saúde foi a do uso de esteroides e estímulo à musculação, assim a aparência do soropositivo seria diferente. A valorização da corporeidade sarada entre HRH possui associação com essa época e seu discurso médico, o que reflete nas exigências e expectativas estéticas cobradas de HRH, as quais influenciam as visualidades que encontrei. Mostrar uma corporeidade sarada no *Grindr* aparece como sinônimo de saúde e de boa gestão de si, cujo ponto forte aparenta estar na barriga, uma área da corporeidade em que é possível imaginar o nível de adiposidade de uma pessoa.

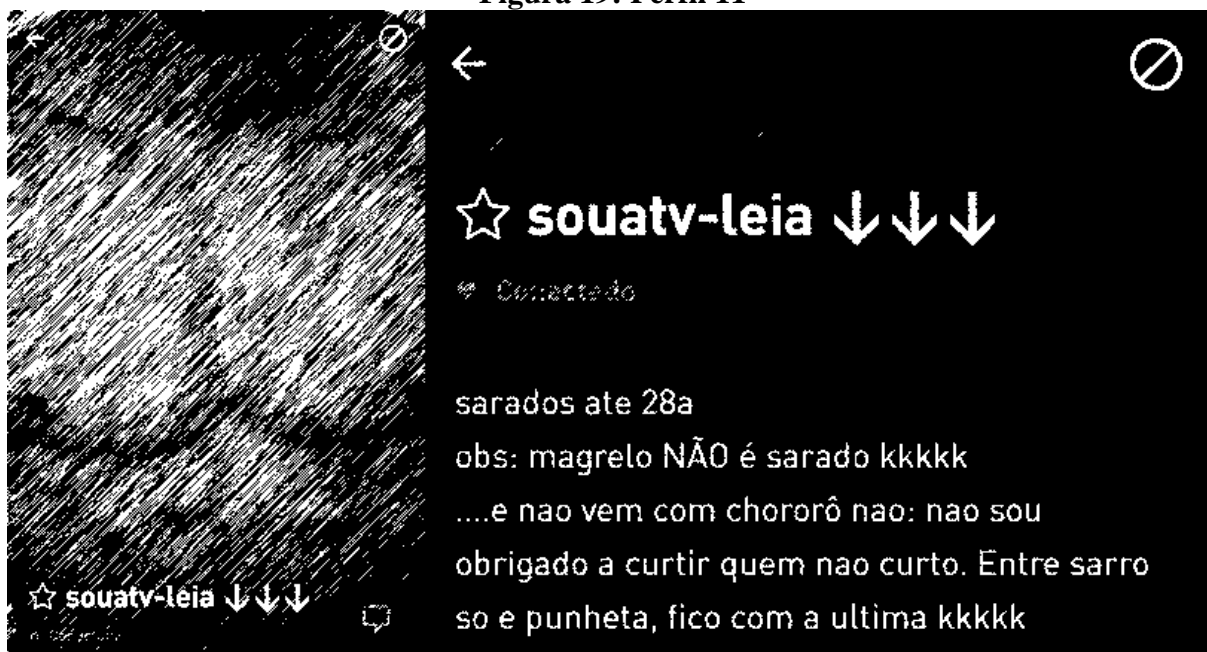
Ademais, o corpo “sarado”, exibido através do abdômen, emerge também como um sinal de virilidade. A masculinidade hegemônica, tendo como um de seus elementos a força física, pode ser exposta a partir de músculos, os quais se associam em alguma medida à potência sexual. Especificamente sobre os HRH, a exigência por uma corporeidade esculpida em academias demonstra ser mais intensa. A prática/orientação sexual vista como desviante teria como atenuador uma corporeidade ideal que resguardaria a virilidade de um homem, mesmo sendo ele um HRH. Esta lógica é perceptível em uma frase que muitos homens com práticas *gays* ouvem de mulheres heterossexuais: “Você é um desperdício”, como se ser esteticamente atraente e não ser heterossexual fosse algo negativo. Certamente esta sentença

pode ser dita de modo desprezioso, mas evidencia certa heteronormatividade. Assim como o imperativo do macho, o enaltecimento da corporeidade sarada – desenhada em barrigas, peitorais ou braços – daria hegemonicamente mais valor a um homem com práticas *gays* por se firmar em ideias dominantes de masculinidade.

Enquadramentos contemporâneos estabelecem que corpos com baixas taxas de gordura têm vidas mais valiosas que pessoas gordas, as quais teriam sido irresponsáveis na gestão de si por não levarem um estilo de vida tido como saudável pelas ciências da saúde. Logo, ser “malhado” é um dos pontos predominantemente definidores sobre se alguém será ou não afetivo-sexualmente interessante. A modelagem de certas corporeidades como ideais estrutura o apagamento de questões subjetivas e individuais, a qual poucas pessoas conseguem alcançar integralmente, sejam por questões financeiras, genéticas e/ou etárias. Há, pois, a negação da organicidade corporal, como se fosse a todos possível, por meio de muito esforço realizar a manutenção de uma corporeidade sem adiposidades, altamente valorada.

No meio de HRH e no Grindr, este contexto delinea-se em inúmeros perfis cujos textos verbais definem a si próprios como sarados, malhados, musculosos e fortes, adjetivos que devem constar no outro para que ele se torne um possível parceiro. É o que se manifesta no perfil 11, cuja visualidade exhibe seu peitoral e parte de seu abdômen, ambos musculosos. Um requisito que este usuário apresenta objetivamente em seu texto verbal é que procura homem que tenha até 28 anos e seja sarado, atravessamento entre corporeidade e faixa etária, categorias que são diretamente proporcionais. Uma distinção interessante que o perfil comenta é que “magro”/“magrelo” não é o mesmo que “sarado”, de maneira que afirma que basta não somente ter baixas taxas de gordura, mas também possuir altos índices de massa muscular. A lógica do espelho do tipo sarado *versus* sarado desponta como um enquadramento de masculinidade, em que magros ou gordos não têm vez.

Figura 19: Perfil 11



Fonte: Arquivo próprio

Em alguns perfis, a corporeidade sarada aparece vinculada à prática atlética. Como explica Connell (2003), a arena esportiva é grandemente atrelada à masculinidade hegemônica, sobretudo quando envolve modalidades que se firmaram como “coisas de homens” e/ou expressam certas ações violentas, como o futebol, o boxe e o *rugby*. O espírito agressivamente competitivo e o corpo em ação muscular seriam qualidades inerentemente masculinas pelo raciocínio do dualismo de gênero, o que também remete à virilidade e potência física, seja em sua dimensão de força (ser forte) ou estética (ser malhado). Em alguns perfis, encontrei textos verbais que explicitavam o prestígio a pessoas que desenvolvem atividades esportivas – como futebol, natação e luta – e operavam pela lógica do espelho, dentre eles “fit2fit”, expressão que designa uma relação afetivo-sexual que se dá apenas entre duas pessoas que possuem estilo de vida *fitness*. Não à toa certos usuários colocam como foto de exibição fotos em vestiários de academias/clubes ou em academias.

Figura 20: Perfil 12



Fonte: Arquivo próprio

O perfil 12 apresenta texto visual em que parte de seu peitoral e de sua barriga se dão a ver, por meio dos quais é possível entender que a corporeidade em questão é magra. O cenário exposto parece ser de um banheiro, à medida que há uma toalha de corpo pendurada em uma parede com azulejos azuis. A união entre os dois planos da fotografia sugerem que o usuário está em um momento privativo: sem camiseta e em um banheiro, é transmitida a ideia de banho. Neste ambiente, muitas práticas gays ocorrem devido à vivência subterrânea de sexualidade e também por conta de ser um ponto de encontro íntimo entre homens, se é um *toilet* compartilhado. Tais textos visuais, em união com verbais como “futebol”, “corrida” e “trilhas” gera significações de corporeidade “limpa” e “higienizada” pela perspectiva da moral da boa forma, em que saúde é sinônimo de atividades físicas ostentadas em músculos e poucas adiposidades.

Ao especificar que não tem interesse em “gordos e/ou coroas”, o usuário diz de si e das demandas que possui para relacionar-se com alguém. No imaginário social, um corpo gordo e/ou idoso não teria o mesmo vigor sexual e, de tal forma, sua virilidade seria colocada em xeque. Mais que isso, não seria um corpo que fez/possui uma boa gestão de si e, pois, não seria atraente. Nesse sentido, o enquadramento de corporeidade musculosa opera consideravelmente nos perfis verbo-visuais dos usuários do *Grindr*, ainda que se rompa. Diferentemente das críticas feitas ao enquadramento de expressão de gênero, ainda pouco

numerosas no aplicativo, movimentos de oposição ao imperativo sarado se mostram de forma mais intensa, sejam eles sutis ou não, o que pode ser analisado nos dois perfis seguintes.

Figura 21: Perfil 13



Fonte: Arquivo próprio

O perfil 13 tem como visualidade sua corporeidade, sendo ela quase totalmente exibida, já que está apenas de sunga. O olhar contido no texto visual permite que o espectador visualize o usuário dos ombros aos calcanhares, de maneira que é possível notar diretamente os seus contornos adiposos. Este corpo situa sua existência verbo-visualmente e desenvolve, mesmo que não exiba seu rosto, uma postura de dar-se a ver que desestabiliza vários dos enquadramentos do aplicativo: este usuário é negro, gordo, passivo e apresenta tais características explicitamente. Seu nome próprio está acompanhado do substantivo “tonelada”, que funciona neste perfil mais como um adjetivo para dizer que a corporeidade em questão não é nada magra. A significação em “Se é isso o que vc curte, vamos conversar...”, que poderia ser vista enquanto defensiva, aparenta em realidade ser uma ação de posicionamento seguro, um gesto de precisar que aquele corpo está, sim, aberto às formas de querer. Em meio a tantas performances de si alinhadas às normas, esta mostra em alguma instância traços subversivos.

Uma reflexão similar pode ser feita sobre o perfil 14, que literalmente enaltece barrigas grandes, tanto na sua própria construção quanto como um atributo no outro. Vários são os textos verbo-visuais que reforçam a atração por abdomens que não são sarados: a camiseta levantada com a finalidade de exibir a barriga, a mão segurando a área abaixo do

umbigo remetendo ao amor maternal, os adjetivos “redondinhas” e “durinhas” usados de maneira apreciativa, as expressões “as melhores” e “tudo de bom” que são exaltadoras. Em um ambiente em que inúmeros usuários possuem fotos com olhares que recortam exclusivamente suas barrigas magras/lisas/musculosas e afirmam sua aversão às adiposidades, desenvolver uma performance de si como esta rompe com o enquadramento de corporeidade do *Grindr* e demonstra que as formas de querer possuem brechas perante a norma.

Figura 22: Perfil 14



Fonte: Arquivo próprio

Além da região abdominal, o pênis também emerge como elemento de corporeidade relevante nas performances de si no *Grindr*, precisamente o tamanho deste órgão. Inúmeros foram os perfis com que tive contato que expressavam verbalmente o comprimento de seus pênis, sendo quase unânime a divulgação de medidas iguais ou maiores que 18 centímetros, vistos como grandes no imaginário social. A ausência de perfis que declaravam ter membros menores do que esta dimensão evidencia o que é ou não reconhecido como atributo no aplicativo. Uma vez que não é permitido fotos de exibição que mostrem sem roupagem a região da virilha, a metragem é enunciada em fotos via *chat* ou nas descrições e, em muitos casos, nos nomes dos usuários. Por vezes, o tamanho avantajado do pênis aparece nos perfis como condição para a realização do ato afetivo-sexual, como se manifesta no perfil abaixo.

Figura 23: Perfil 15



Fonte: Arquivo próprio

Dotado, cuja abreviação é dot, é um adjetivo que caracteriza uma pessoa com pênis grande, usualmente em comprimento e perímetro. No perfil 15, o texto verbal “Dot x Dot” significa que o usuário em questão possui pênis avantajado e espera que seu parceiro tenha a mesma característica, exigência repetida em “Somente para dotados”. “20 cm” e kctetudo” ratificam, de certa forma exagerada, que a medida do órgão tem grande relevância para o usuário, assim como “GROSSO” e “Cavalão”. O uso da primeira expressão remete ao equino, cujo porte físico é robusto, conhecido por ter um órgão peniano volumoso. Já a utilização da segunda tem sentido duplo, à medida que “bigode grosso” é um termo que define alguém que faz ações eficientemente, enquanto grosso faz alusão à espessura do pênis. Juntos, tais textos verbais geram a interpretação de que o usuário em questão é bem sucedido em atos sexuais.

A palavra “credencial” além de apontar para o membro peniano em si também possibilita uma significação literal. Credencial é um documento que autoriza a entrada em algum lugar ou execução de uma ação; logo, é algo que nem todas as pessoas têm privilégio de alcançar. Nesse sentido, “mostrar a credencial” neste perfil também revela de certas garantias que um homem possui por ser dotado: ter acesso afetivo-sexual ao usuário de nome “Bigode GROSSO”. De forma metafórica, dispor de uma credencial é poder relacionar-se com um grupo seletivo de homens, cujos pênis são tidos como acima da média. No perfil 16, esta ideia de confraria se forma: ele divulga um grupo de WhatsApp em que todos os integrantes devem ter membros maiores que 20 centímetros, medida que é balizadora para

incluir ou excluir pessoas. O texto visual parece servir como exemplificação de que corporeidades detêm aval para se juntarem à irmandade para além das medidas penianas: são aceitáveis homens musculosos, jovens e bonitos. De modo simbólico, este perfil atesta que entre HRH a masculinidade hegemônica continua a operar seguramente, unindo apenas homens com performances de gênero e corporeidades similares entre si.

Figura 24: Perfil 16



Fonte: Arquivo próprio

Expressando-se contra este enquadramento, há usuários que, embora em pequena quantidade no corpus deste trabalho, deslocam as normas e defendem que o tamanho do pênis não é uma corporeidade que deve ser levada em conta na escolha de um parceiro, uma vez que existem outros elementos que importam mais. “O tamanho do documento n me interessa, e sim o tamanho da sua mente” é uma frase que encontrei na descrição de um perfil, a qual ilustra outros textos verbais que visualizei na minha inserção no aplicativo. Esta reivindicação de que a corporeidade (“tamanho do documento”) é menos significativa que o capital intelectual (“tamanho da sua mente”) aparece pouco nas performances de no *Grindr*, o que explicita que há hierarquias entre as categorias analisadas nesta dissertação. Entre polarizações, as medidas corporais transitam entre pouco e muito valoradas, sendo indicadoras de que homens grandes em músculos e pênis e pequenos em adiposidades tendem a ter mais chances de receberem investidas afetivo-sexuais.

5.3 Posição sexual

Dentre as inúmeras formas de vivenciar práticas sexuais, algumas maneiras convencionadas se delinearão. No meio de HRH e no *Grindr*, as posições sexuais mais recorrentes são passivo, versátil e ativo, sendo o *gouinie* uma figura cuja aparição tem se intensificado e colocado em xeque normas que determinam que o corpo erótico localiza-se apenas nas genitais. Nas três primeiras categorias, a penetrabilidade é importante elemento que categoriza as posições sexuais, a qual possui certo apoio na noção de sexo reprodutivo. Historicamente, valoraram-se relações heterossexuais com intuito procriativo, ideia difundida e fundamentada principalmente por religiões cristãs e, posteriormente, por instituições médicas e estatais (FONE, 2000). Por essa lógica, o coito deveria ser realizado de tal modo que o homem fosse penetrador e doador de seu sêmen, enquanto a mulher, penetrada e recebedora do material de seu parceiro, teria como função a gestação da prole. O prazer, nesse sentido, não seria o foco do ato. Tal modelo mostrou e mostra sua influência também nas relações *gays*, não à toa a penetrabilidade, ainda que anal, seja destacável operador na conjugação de preferências sexuais entre HRH.

Ainda que os versáteis ocupem certa lógica de negociação no *Grindr*, já que tendem a ter posturas mais flexíveis na escolha de seus parceiros e nas vivências de suas práticas sexuais, alguns usuários apresentam suas preferências em seus perfis afirmando que querem somente passivos ou somente ativos. Nesses casos, demarca-se certa polarização, em que ativos só podem se relacionar com passivos e vice-versa. A ação de penetrar ou a ação de ser penetrado emergem como requisitos para que um encontro se desenrole, um *modus operandi* dicotômico e cingido pelo sistema gênero-sexualidade.

Certamente as pessoas desenvolvem subjetividades de modo não planejado e são atravessadas por experiências e expectativas que acabam por fundamentar seus anseios sexuais. Logo, não acredito que haja uma livre escolha de que posição sexual ocupar. O que defendo aqui é que vivências e formas de querer estão ligadas a contextos socioculturais que são normativos e, pois, condicionadores. Interpeladas por certas lógicas dominantes do sistema heteronormativo e reprodutivo, é como se sexo só pudesse ser consumado com a ocorrência de penetração e com lugares definidos para o penetrador e o penetrado. Sobre isso, encontrei em alguns perfis a seguinte frase pejorativa: “Quem gosta de sarro é sapatão”, demonstrando que o contato sem penetração e/ou preliminar (sarro) só deveria ocorrer a partir da ausência de um pênis, ou seja, entre mulheres lésbicas cis, o que não se manifestaria entre homens *gays* cis.

É também notável certa equivalência entre mulher/passividade/submissão e homem/atividade/dominação (FONE, 2000). Nesse sentido, o dualismo de gênero mantém sua atuação, mesmo que o gênero das pessoas em questão seja masculino. O ativo seria, por esta óptica, mais alinhado à masculinidade hegemônica do que o passivo, que por ser penetrado se aproximaria da figura feminina e, assim, se afastaria da masculina. Enquanto penetradores, homens ativos seriam mais viris e dominadores. Explico novamente que minha intenção não é realizar uma crítica a práticas sexuais que envolvam dominação, já que elas podem, sim, envolver jogos de submissão aceitas pelas partes envolvidas e potencializar prazeres. Meu ponto é expor como algumas hierarquias, emprestadas do sistema gênero-sexual de base heteronormativa, interpelam os HRH e estabelecem valor a algumas masculinidades em detrimento de outras, o que acaba por gerar discriminações e desigualdades.

No *Grindr*, a figura do ativo é por vezes enaltecida. Há, inclusive, homens com quem conversei que demonstraram que o valor de um homem ativo é maior do que o de um passivo, já que seus comportamentos seriam mais viris. Ser penetrado é atrelado, no imaginário social, a entregar-se, deixar-se ser submetido. Considerada uma postura feminina pela lógica heteronormativa, a passividade de um homem lhe coloca em uma posição de inferioridade em comparação a outros homens. Ter práticas passivas em uma relação *gay* seria um indicador maior de homossexualidade do que ter práticas ativas (BORRILLO, 2010), embora uma dependa da outra pra existir.

No *Grindr*, esta valorização do ativo também se faz presente em perfis de usuários que se definem como ativos e que buscam também outros ativos para sexo. Usualmente estes perfis vêm acompanhados de textos verbais que pedem sigilo, discrição e macheza, alguns dos quais são de homens monogamicamente engajados com mulheres. É como se, entre ativos, homens desenvolvessem práticas menos categorizadas como homossexuais e mantivessem comportamentos que pouco colocariam em xeque sua conexão com a masculinidade hegemônica e com a heterossexualidade. A ausência de penetrabilidade os resguardaria, pois, de um possível lugar de subordinação.

Figura 25: Perfil 17



Fonte: Arquivo próprio

No perfil 17, o usuário afirma procurar um macho como ele e, além disso, explica possuir interesse em desenvolver práticas sexuais com ativos, as quais seriam formuladas sem penetração: forma-se a lógica do espelho. A união de textos verbais como “sigilo total”, “macho”, “entre ativos” produz o entendimento que homens afeminados e declaradamente *gays* não são bem-vindos. Nesse sentido, ser ativo aparece neste perfil não somente como uma posição sexual, mas também como uma forma de ser homem circundada pela masculinidade hegemônica e, por isso, predominantemente bem vista no *Grindr*.

Seguindo este raciocínio, um interlocutor com quem dialoguei expôs que não gostava de manter relações sexuais com homens exclusivamente passivos, embora ele fosse versátil-ativo, como ilustrado abaixo. É possível compreender com esta fala que o homem passivo por vezes é visto como inferior, não só pela sua posição, mas também pelo que ela representa: nunca ser penetrador, ocupar um lugar de submetido, aproximar-se do feminino e, assim, de uma masculinidade subordinada.

*O Ativo que eu consigo comer eu gosto
Então ativo eu não curto
E o cara só passivo sem chance
Apesar que na maioria das vezes eu fico mais Ativo
Mas me dá mais Teseo de comer um cara Ativo ou Versatil
Do que pegar um só passivo*

Outro aspecto interessante de ser observado na fala deste interlocutor é da divisão que ele faz entre “ativo” e “ativão”. Neste caso, o primeiro termo representaria um homem que é ativo, mas aceita ser penetrado por meio de negociação; enquanto o segundo, um homem que somente penetra, não importa a situação. Como expõe gostar de “ativo” (que aceita ser passivo) e não curte “ativão” (que não flexibiliza sua posição sexual), o interlocutor elucida que a esfera sexual entre ativos pode ser um jogo de tensão entre masculinidades, um campo de disputa para ver quem consegue ser o penetrador e, por isso, superior. Com um “ativão” não haveria chance de penetrar, de forma que não se conseguiria fazer com que o homem se submetesse à posição de passivo. Alcançar tal feito seria uma façanha e comprovaria certo sucesso ancorado na masculinidade hegemônica: conseguir penetrar alguém impenetrável. Contrariamente, não encontrei em minha experiência em campo passivos que buscavam se relacionar afetivo-sexualmente com outros passivos, o diz do tipo de homem que tem mais chances no aplicativo e das conexões entre masculinidades buscadas.

Em alguns perfis, a caracterização do ativo chega a ser hiperbólica, o que não se manifestou em autoconstruções de passivos, versáteis ou *gouinies* que faziam parte do corpus da pesquisa. Tive contato com textos verbais de usuários ativos que quantificavam a sua posição sexual em porcentagem: 100%, 101%, 110% ativo. Tais números, não escolhidos sem motivo, sugerem que não há flexibilidade quanto a ser penetrado e dizem da masculinidade que se deseja transmitir. Vista enquanto atributo, ser ativo pode configurar um modo de ser homem viril.

Estas produções textuais que conferem superioridade ao ativo também têm imbricamentos inversos, de maneira que a força e a potência associadas a ele podem também ser constituidoras de sua vulnerabilidade. Assim como ter performances concatenadas à masculinidade hegemônica, firmar-se enquanto superior por ser ativo pode exigir o cumprimento de certos requisitos, como o desenvolvimento de uma corporeidade muscular e a ostentação constante de virilidade e força sexual. Este imaginário social que associa diretamente posição sexual a expressão/performance de gênero é relatado por um interlocutor com quem conversei:

*Acham que sou dominador, que sou ativo fudedor
Pq acham que todo grandão é pauzudo
Que todos são ativos
[Quando mando minhas fotos] Alguns falam que não curtem afeminado e
outros blok [bloqueiam-no no Grindr]*

Se já opera em alguma instância o imperativo do macho sobre os passivos, tal cobrança parece ser maior aos ativos. O interlocutor ativo citado anteriormente, ao apresentar-se como tal, é interpelado por convenções: outros usuários esperam dele performances de si que acionem textos verbo-visuais de virilidade. Durante nossa conversa, ele me mostrou as fotos que enviava aos homens que conhecia no *Grindr* e, inclusive, apontou-me em quais dessas fotos costumavam vê-lo como afeminado, o que acarretava reações negativas. Eram fotos em que seu rosto aparecia, sua cabeça estava alinhada com a altura da câmera, ele sorria e exibia uma postura relaxada, como se estivesse em um momento cotidiano de sua vida. Uma única foto não havia passado por críticas, a qual possuía diferenças em comparação às demais. Nesta, em que o olhar mostrava seu rosto, seu sorriso era mais discreto e de canto de boca, enquanto sua cabeça estava inclinada para cima, o que sugeria superioridade e aumentava o seu maxilar, coberto por barba. Por meio do relato deste interlocutor é possível refletir sobre como performances de si no *Grindr* podem ser escolhidas para que atendam ou não a determinadas masculinidades e, assim, à efetivação de possíveis encontros. Embora ele tenha me dito mandar todas as fotos, ele reconheceu que uma delas tinha maior aceitação que as demais por ser vista como mais masculina.

Se em alguma medida as experiências de homens ativos no aplicativo são atravessadas por enquadramentos que condicionam suas performances, a falta de reconhecimento por que homens passivos passam é significativa e repercute no modo como são vistos. Em um ambiente em que afinar-se a práticas, visualidades e comportamentos tidos como femininos é majoritariamente percebido como negativo, ocupar a posição sexual de passivo pode ser relacionado a deixar-se submeter pela penetração como uma mulher o faria.

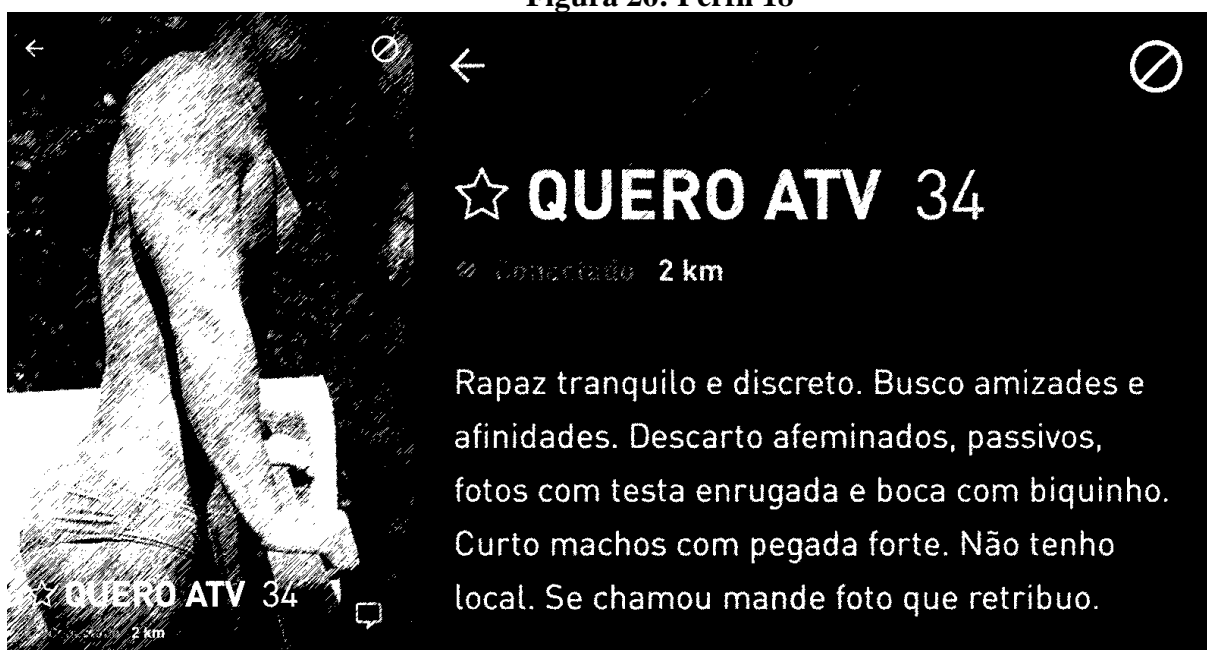
[Há preconceitos aqui] *Do tipo que acha que afeminado é passivo, tem que ser puta, tem que ser tratado como inferior, tem que aguentar humilhação e por aí vai*

Na fala deste interlocutor, vê-se que no *Grindr* manifestam-se o dualismo de gênero e o sexismo. Em nível majoritário, subversões de gênero-sexualidade não tomam forma nas construções de si, o que reforça hierarquias entre masculinidades, verticalização que desqualifica passivos. A associação do passivo com a “puta”, no feminino, que “tem que aguentar humilhação”, possui apoio na ideologia de que mulheres são seres inferiores que devem atender exclusivamente aos anseios de homens, não importam quais sejam. Esta visão desmerecedora, estabelecida dentre outras razões pela penetrabilidade e pela submissão, alcança homens passivos nas relações entre HRH.

Tal contexto interfere nos modos como passivos se constroem no aplicativo. Enquanto inúmeros ativos expõem em suas fotos olhares que emolduram sua região pélvica, já que no sistema de gênero-sexualidade o órgão atrelado à atividade e à ação de penetrar é o pênis, a presença de olhares que mostrem nádegas em perfis de homens passivos é muito baixa. Performar-se a si mesmo tendo como visualidade os glúteos parece ser uma estratégia pouco promissora por evidenciar uma posição sexual tida como inferior no *Grindr*, ainda que via *chat nudes* traseiros sejam negociados, como percebi durante minhas conversas.

No perfil 18, as nádegas ocupam parte de destaque no texto visual, principalmente em conjunto com o texto verbal “QUERO ATV”, que afunila a significação daquele corpo, colocando-o como passivo. Embora ocupe uma posição sexual que sofre discriminação, o usuário aciona textos verbais de masculinidade hegemônica em sua descrição, firmando-se enquanto homem discreto que procura um parceiro com características similares. Nesse sentido, o preconceito à passividade possui menos chances de se desenrolar porque o corpo em questão aproxima-se ou diz aproximar-se de certos ideais de virilidade.

Figura 26: Perfil 18



Fonte: Arquivo próprio

Verbo-visualmente, performar-se enquanto passivo e/ou parecer um homem passivo é uma autoconstrução que extrapola o enquadramento normativo de masculinidade hegemônica, o que pode ser atenuado por meio de textos que se associem a masculinidades exemplares. Ao fazerem performances de si afastando-se da afeminação, submissão ou indiscrição, usuários possuem maiores probabilidades de serem aceitos e conseguirem possíveis parceiros.

5.4 Faixa etária

Idade é uma questão que interpela boa parte do desenvolvimento de subjetividades e relações na contemporaneidade. Vivemos atualmente uma celebração da juventude, não à toa empresas mercadológicas como a Box1824 elegem a faixa etária de 18 a 24 anos como a grande influenciadora e modeladora das práticas culturais e de consumo de outras faixas etárias. Certo culto a um estilo de vida despojado e agitado bem como a um corpo ainda pouco envolto pelo incontornável ato de padecer revela a expectativa social de que sejamos produtivos em todas as nossas práticas, sejam elas ligadas a trabalho, consumo ou sexo (SIBILIA, 2004).

Pensando nas relações afetivo-sexuais que se estabelecem entre pessoas heterossexuais, a diferença de idade entre parceiros é um fator que segue certos enquadramentos. Pelas molduras normativas, atravessadas pelo patriarcado, é aceitável que um homem se relacione com uma mulher mais nova, desde que a distinção não seja muito grande, ultrapassando 10 ou 15 anos. Cunhou-se, por exemplo, o termo “novinha”, bastante divulgado em canções de *funk* e sites pornô heterossexuais, demonstrando certas formas de querer que homens nutrem por mulheres jovens e até mesmo adolescentes, questão por vezes revertida em ações machistas abusivas e pedófilas. Contrariamente, não é socialmente bem visto a união de uma mulher com um homem mais novo. Tal divergência de gênero tem apoio em um ideal de família nuclear heterossexual, cujo homem é provedor do lar, de sua esposa e de seus filhos (ARILHA, 2010). Sendo mais velho e mais experiente que sua esposa, um homem teria mais chances de ser um bom e honrado patriarca, de modo que geriria bem suas propriedades.

Situados em um sistema heterocentrado, este contexto vivenciado nas relações heterossexuais também chega às homossexuais. No meio entre HRH, emerge a figura do *daddy*, que significa papai em inglês e é uma das tribos do *Grindr*. O *daddy* é um homem maduro com ares parentais que se relaciona com homens mais jovens. Esta categoria, presente na cultura *gay*, é não unicamente associada à faixa etária, uma vez que tem operações em nível de posição sexual e hierarquia relacional. Sobre isso, muitos dos papais são sexualmente ativos, características que encontrei em boa parte dos perfis que se enunciavam como tal. Esta questão se alinha ao debate feito anteriormente, em que, em uma relação heterossexual, o homem é mais velho e a mulher, mais nova. Por esta mesma lógica, o homem é tradicionalmente o cuidador e o penetrador e a mulher, a cuidadora e a penetrada. O heterocentrismo mostra, pois, seus modos de regramento nas relações afetivo-sexuais entre

homens: o *daddy* seria o ativo e dominador da relação enquanto o *twink*, que na cultura *gay* significa um homem efebo e pueril, o passivo e o dominado.

Embora circundadas pela atuação do heterocentrismo, as práticas entre HRH e as masculinidades homossexuais podem romper certos enquadramentos e entrarem em desacordo com algumas conformidades. Só de haver dois homens se relacionando entre si e com faixas etárias diferentes já há certo marcador transgressivo. Mais que isso papais podem ser passivos, papais podem se relacionar entre si ou, ainda, a idade e a própria categoria *daddy* podem não fazer sentido nenhum para alguns casais, casos que não encontrei em meu trabalho em campo.

No perfil abaixo, o usuário se autodenomina paizão, categoria da cultura *gay* que é reforçada em outros textos presentes. Verbalmente o homem expressa que tem 56 anos e é ativo; visualmente ele exibe um queixo com barba grisalha e parte do pescoço em que é possível visualizar linhas de expressão demarcadas pela idade. A construção textual que ele faz de si ganha ainda mais dimensões de potência quando ele usa o aumentativo em “paizão” e expressa que seu porte físico é “grande”. A figura do *daddy*, além de ser associada à posição sexual ativa, também define um lugar de poder, em que uma postura paternal e cuidadora é também vinculada a controle e autoridade. Nesse sentido, apresentar-se enquanto *daddy* é diferente de posicionar-se como velho: a primeira expressão guarda ligação sociocultural com potência e a segunda, com vulnerabilidade. Podemos atrelar isso ao uso do texto verbal “mas me cuida”, que parece apontar para uma ressalva: apesar de ter 56 anos, ele se cuida; logo, ele não é “descuidado” por conta de sua idade. No imaginário social, ser velho liga-se à impotência, principalmente à sexual, o que no *Grindr* é uma característica negativa.

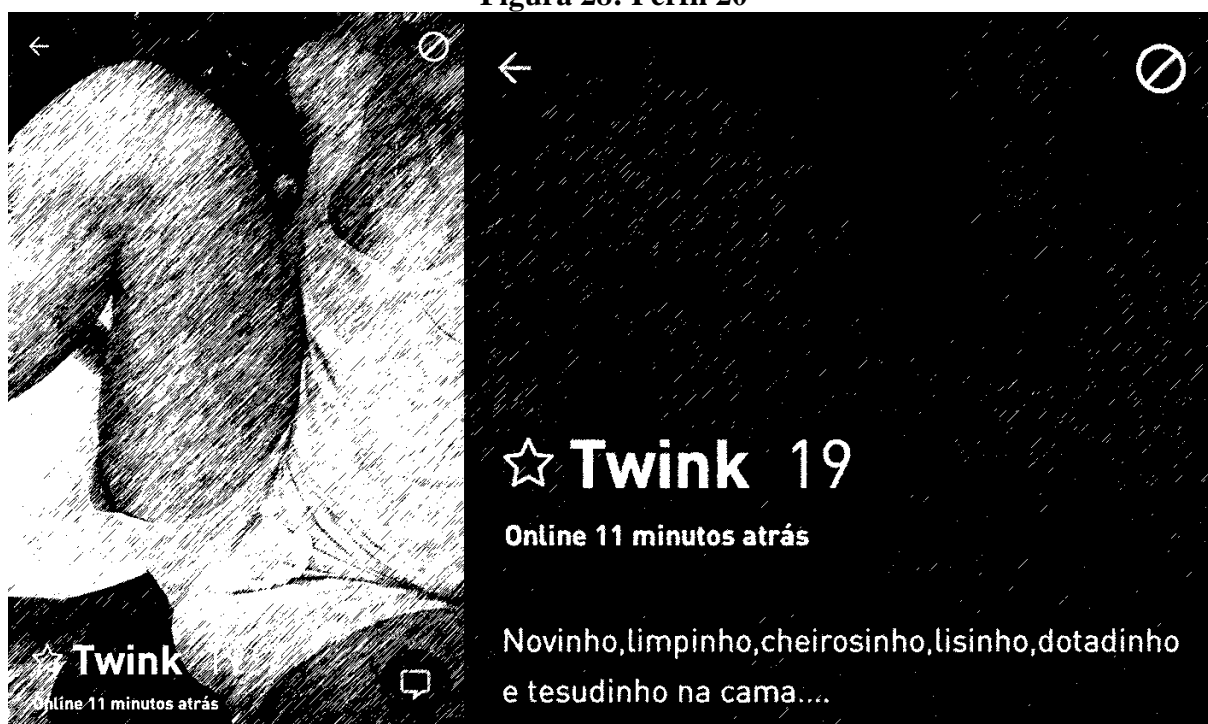
Figura 27: Perfil 19



Fonte: Arquivo próprio

Fazendo uma performance de si acionando textos opostos aos do usuário anterior, o perfil 19 se caracteriza enquanto *twink*. Com 19 anos, ele vale-se do diminutivo para descrever-se, o que usualmente se liga a alguém pequeno ou em posição de subordinação. Os textos verbais “novinho” e “lisinho” reforçam os traços de efebo que o homem traz visualmente, já que exhibe um corpo sem pelos ou barba. O olhar que há na foto orienta a visão para o usuário, que está com as coxas à mostra, de pernas para cima e abertas, em uma posição que faz com que o espectador fique por cima. Tais textos sugerem que o usuário em questão é um *gay* passivo. Além disso, a masculinidade a que ele se associa se mostra distinta daquela que vimos no perfil anterior: este é *twink/jovem/passivo/liso*, aquele é *daddy/velho/ativo/peludo*, características que operam dentro de uma lógica dicotômica e dominante de gênero-sexualidade.

Figura 28: Perfil 20



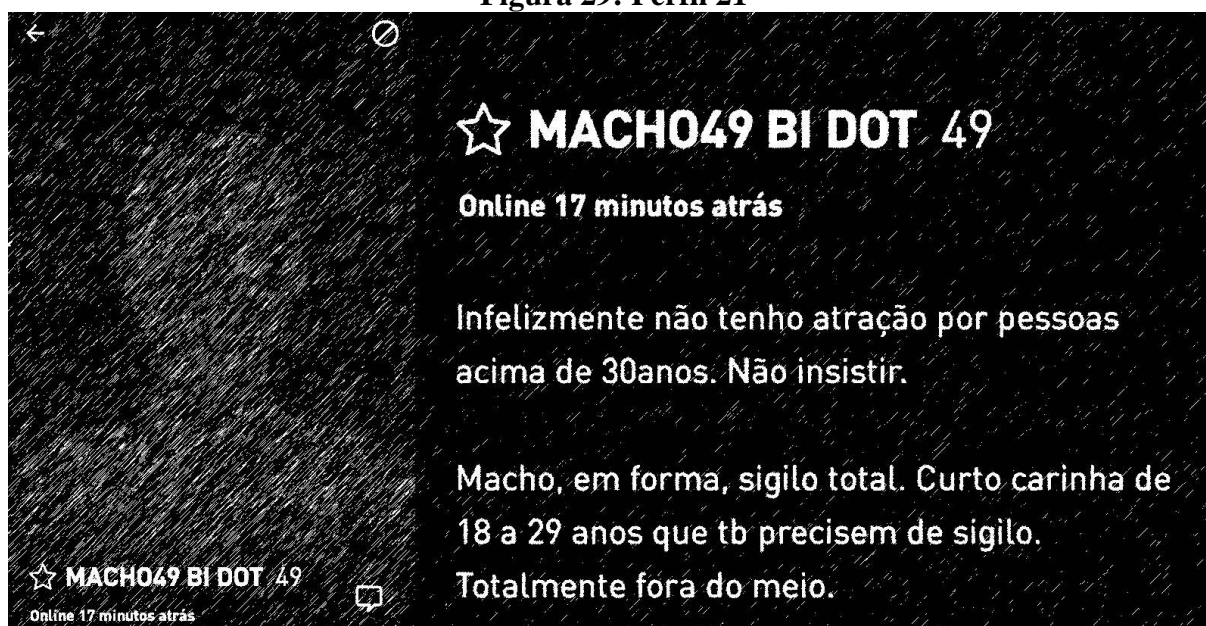
Fonte: Arquivo próprio

Mais que isso, o usuário *twink* está em uma academia e se exercita, o que pode ser percebido pelo contorno de sua corporeidade púbere. Esse tipo de corporeidade, magra e/ou musculosa e jovem, é muito valorizada, sobretudo porque ela está usualmente atrelada a um corpo que ainda não passou pelas ações do tempo, um corpo que inevitavelmente padecerá a partir dos ideais estéticos, mas ainda não o fez. Nesse sentido, a celebração da juventude

adentra a carnalidade, repercutindo na constante busca pela negação da organicidade e da manutenção de uma corporeidade pouco adiposa (SIBILIA, 2004).

No *Grindr*, este cenário é ilustrado em diversos perfis que estipulam a faixa etária das pessoas que são aceitáveis para interação, como no perfil abaixo. Por vezes é seguida uma lógica de conjunto matemático, em que se usam sinais de maior (>) e menor (<), como neste exemplo: >18 e <25 anos. Raramente vi textos verbais que demonstrassem haver interesse por homens maiores de 40 anos, o que ocorreu para a busca de homens de até 28 anos com certa frequência. O perfil abaixo exhibe seus requisitos etários na busca de possíveis parceiros, embora ele próprio tenha 49 anos. Desse modo, as mesmas regras que ele aplica para os outros acabam recaindo sobre ele, sendo sua própria idade um impeditivo de que outros homens sintam atração por ele, se levarmos em conta os enquadramentos etários que se formam no *Grindr*.

Figura 29: Perfil 21



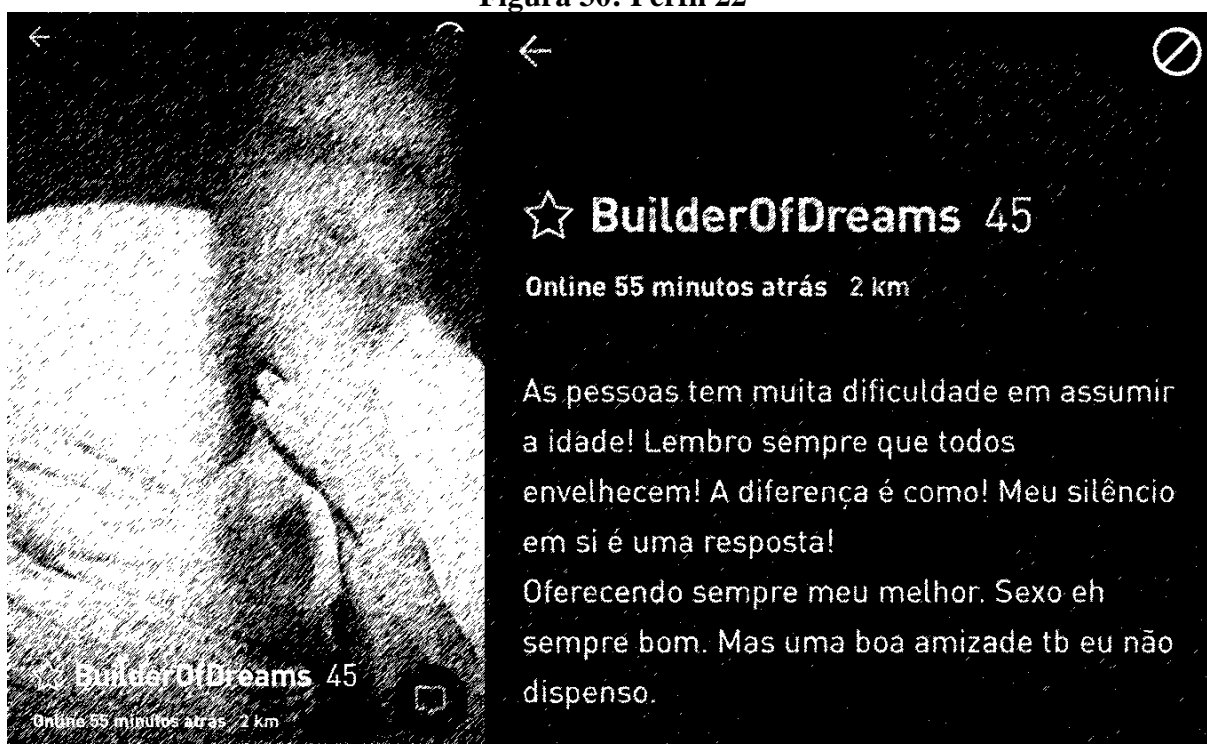
Fonte: Arquivo próprio

A celebração da juventude permeia a masculinidade hegemônica, que tem como um de seus modelos homens que não são idosos. Embora o perfil 21 acione vários textos verbais para construir sua potência e se mostre cúmplice da masculinidade hegemônica, como ser macho, dotado e fora do meio, sua idade se firma – em comparação a masculinidades jovens – em um local de subordinação social. Desse modo, há sobreposição de masculinidades e a negociação entre elas. Ao expressar também que está “em forma”, este usuário parece

demarcar um lugar que o tira de um patamar inferior, como se seu corpo seguisse certos regramentos estéticos mais visualizados em corporeidades de pessoas abaixo de 30 anos.

Os textos verbais “mas me cuida” no perfil 19 e “em forma” no perfil 21 aparentam evidenciar uma atributo diante de suas idades, o “cuidado corporal” para consigo. Isso também se dá no perfil 22. Em sua descrição, este usuário de 45 anos declara que há pessoas com dificuldade de dizerem sua idade, de modo que elucida certos preconceitos sociais. Mais que isso, ele lembra constantemente que o envelhecimento é um processo natural, fazendo a ressalva de que “diferente é como” se envelhece. Nesse sentido, gera-se a compreensão de que é possível envelhecer sem necessariamente parecer velho ou vincular-se a estéticas e práticas majoritariamente vivenciadas por pessoas que não são jovens. O medo da impotência, tão presente na constituição de masculinidades hegemônica e cúmplice, emerge aqui novamente. Esses três homens acima dos 40 anos, apesar de assumirem em suas performances verbo-visuais suas idades, indicam em alguma instância que continuam sendo corpos que importam, corpos que são disponíveis e dispostos ao prazer, corpos que se cuidam.

Figura 30: Perfil 22



Fonte: Arquivo próprio

Midiática e atualmente, têm circulado reportagens que enaltecem pessoas que, apesar de estarem em faixas etárias consideradas acima da meia idade, aparecem como corpos jovens, “enganando” os demais por sua beleza. O conhecido portal *Catraca Livre* é um

exemplo, que divulgou notícia com o seguinte título: “9 ‘vovôs’ que vão mudar sua opinião sobre homens mais velhos” (CATRACA LIVRE, 2017). Entre os homens representados nas fotos, está Anthony Varrecchia, modelo de 52 anos que evidencia de quem a produção jornalística trata: homens viris, musculosos e/ou aparentando ser mais novos.

Figura 31: Anthony Varrecchia, modelo de 52 anos



Fonte: Catraca Livre, 2017

O perfil 22 poderia ser um desses “vovôs” que o portal aborda. Visualmente, o usuário aparente ter um corpo magro que condiz com o porte físico “musculoso” assinalado no *Grindr*. Sua fotografia também mostra um rosto sem rugas, ainda que sua barba e seus cabelos grisalhos transmitam a idade que ele tenha, textos ora vistos como sinal de charme. De tal forma, seria aceitável a idade de um corpo superior àquela estimada como ideal desde que o objeto de prazer continue ancorado em características de juventude, como potência sexual e rigidez física. Faixas etárias abaixo dos 30 anos demonstram ser, pois, mais valorizadas no *Grindr*, relacionadas à potência sexual.

5.5 Orientação sexual

O *Grindr*, como já abordado anteriormente, é um ambiente majoritariamente formado por HRH. Tal característica não faz, no entanto, com que todos os homens ali presentes sejam *gays*. Cabe lembrar nesta seção, pois, que práticas sexuais *gays* não são essencialmente definidoras de orientação sexual. Há usuários que se posicionam como bissexuais ou

heterossexuais, o que pode se dar tanto pela sua identificação com estas orientações sexuais quanto por não desejarem ser associados à homossexualidade, ainda vista como desviante na atualidade. Nesse contexto, enquadramentos de sexualidade excluem de suas molduras normativas todos aqueles cuja orientação sexual não é heterossexual, cingida por uma histórica lógica de que sexo somente pode ser considerado como tal se tiver fins reprodutivos (FONE, 2000).

Declarar-se enquanto gay é de certo modo aproximar-se de uma identidade estabelecida linguisticamente, cujo imaginário social é atrelado a afeminação, promiscuidade, descuido, doença, quebra de dualismo de gênero, pecado. Logo, algo visto como negativo. Declarar-se enquanto gay é, assim, assumir um lugar de fala, afirmar-se pertencente a um grupo que sofre discriminações e renunciar a certos privilégios sociais, como ter uma vida que é tida como valiosa. Em uma sociedade heterocentrada, homens *gays* por vezes são vistos como um grupo homogêneo de bichas, afetadas e escandalosas, o que fere os preceitos da masculinidade hegemônica. Nesse sentido, ser reconhecido como membro desta comunidade nem sempre é desejado, de forma que há homens que não se denominam homossexuais apesar de terem práticas *gays* ou que, mesmo se definindo enquanto homossexuais, ostentam um estilo de vida e comportamentos heterossexuais, não sofrendo prováveis retaliações homofóbicas.

Escolher agir a partir de uma masculinidade heterossexual em práticas sociais cotidianas passa por acionar ou deixar de acionar vários elementos estéticos, políticos e comunicacionais nas performances de si. No *Grindr*, construir-se dessa forma é hegemonicamente valorizado, inclusive sexualmente, não à toa exista uma expressão utilizada no aplicativo e na cultura HRH chamada *straight-acting*. Do inglês, agir como heterossexual é parecer heterossexual e alinhar-se à masculinidade hegemônica, não deixando evidente orientação ou prática sexual *gay*.

Figura 32: Perfil 23



Fonte: Arquivo próprio

O perfil 23 usa esta expressão para se descrever e para marcar que tipo de parceiro procura. Vários de seus textos orientam a busca por um tipo de relação em que ambas as partes devem se comportar como heterossexuais, ainda que as suas práticas afetivo-sexuais não o sejam. De tal modo, o usuário rechaça a homossexualidade enquanto identidade e demonstra que não faz parte dessa cultura, cujo estereótipo se ancora na ideia de feminilidade. O texto verbal “masculino” aparece no perfil 3 vezes e, junto de “*straight-acting*”, “100%” e “fora do meio GLS⁴¹”, reitera intensamente não apenas a não aderência às masculinidades homossexuais, mas também certa repulsa. O próprio texto visual do perfil demonstra operar no regime de invisibilidade, à medida que nenhum traço de sua personalidade é mostrado: apenas uma parte de sua mão é vista, segurando um coco em uma praia o que torna impossível que sua identidade seja descoberta. Por vezes, a prática afetivo-sexual *gay* é aceita desde que os corpos que a execute estejam significativamente afinados à masculinidade hegemônica, que pressupõe heterossexualidade. Em alguma instância, isso atenuaria o desvio de gênero-sexualidade perpetrado.

Em nível vocabular também é possível notar tal contexto. Alguns interlocutores disseram-me que usuários com comportamentos heteronormativos tendem a valer-se de um vocabulário similar ao de homens heterossexuais, como nesta fala: “Padrão [no *Grindr*] é o branco, forte, (heteronormativo) [...] e sempre malhado. O tipo ‘top⁴² fraga⁴³ fera⁴⁴’.”. As três

⁴¹ Antiga sigla que detona um segmento de mercado de consumo formado por *gays*, lésbicas e simpatizantes.

⁴² “*Top*” é uma palavra em inglês que significa topo e tem sido largamente utilizada, sobretudo na cultura

últimas palavras são frequentemente utilizadas na cultura heterossexual, sobretudo masculina, e são textos acionados nas autoperformances do *Grindr* para dizer das masculinidades dos usuários. Para ilustrar a diferença linguística que existe entre homens com práticas apenas heterossexuais e homens com práticas homossexuais, o portal de conteúdo *BuzzFeed* fez uma publicação com o título “Finalmente explicaram direitinho as gírias hétero para os gays”. Nessa postagem, há referência a fotos da página do *Facebook Bucetown* que criam uma espécie de dicionário hétero-gay. No exemplo a seguir, a expressão *top* e suas equivalências são traduzidas para a rede semântica de “lacre”, gíria amplamente difundida na cultura *gay*.

Figura 33: Cópia digital da publicação *Finalmente explicaram direitinho as gírias hétero para os gays* no portal de conteúdo *BuzzFeed*

A história segue construindo o primeiro dicionário ilustrado hetero-gay.



Fonte: BUZZFEED, 2016

Portanto, diferentes modos de ser homem são atravessados por distintas maneiras verbais de se comunicar, códigos que se firmam culturalmente em grupos. Pude também perceber em campo que homens que se filiam a performances de masculinidade hegemônica

heterossexual, para designar algo muito interessante ou grandioso. Exemplo: Esta música é top demais. A palavra tem sido incorporada humoristicamente na cultura LGBTQI como deboche, como se falar tal palavra fosse sinônimo de não parecer/ser não heterossexual.

⁴³ “Fraga” é uma expressão mineira que tem sentido similar ao verbo entender conjugado. Exemplo: A Parada LGBTQI deste ano foi maravilhosa, fraga (entende)?

⁴⁴ “Fera” é uma palavra com significação parecida com a de *brother* ou cara. Utilizada em grande escala na cultura heterossexual, principalmente masculina, o signo verbal serve para referir-se a alguém do gênero masculino. Exemplo: Fera (cara), que horas são?

tendem a iniciar uma conversa com “E aí” ou “beleza?”, diferentemente dos homens que se aproximam de masculinidade subordinadas, que costumam principiar a interação com “Olá”, “Oi” ou “tudo bem?”. Os diálogos verbais, nesse sentido, são performáticos e insinuam os comportamentos masculinos dos homens que teclam e quais masculinidades são ativadas.

Por ser um ambiente majoritariamente experimentado por HRH, a relevância da orientação sexual delinea-se de modo menos significativo que a expressão de gênero. Valoriza-se, então, a manutenção das fronteiras de gênero e de masculinidades predominantemente exemplares. Ser heterossexual não é tão importante, diferentemente de parecer heterossexual ou ter práticas heterossexuais, o que inclui desde ser viril, ativo e másculo até manter relações afetivo-sexuais com mulheres. Ilustram tal contexto os dois trechos a seguir, de conversas que tive com interlocutores no *Grindr*:

*O cara que fiquei que me deu mais tesão faz o tipo 'hétero', que gosta de futebol, é que fala que namora menina...
Hehehee, até vergonha de escrever...
Mas lá no imaginário...
Existe um certo fetiche de 'comer um hétero'*

*Gosto de imaginar que caras mais velhos são casados. E isso me deixa com tesão
Me dá tesão saber que um cara vai trocar uma mulher por outro homem*

Interessar-se sexualmente por um homem do “tipo hétero” aponta para como as formas de querer são interpeladas por molduras normativas. Ser ou parecer heterossexual estrutura um modo ideal de ser homem, cuja propagação se dá em inúmeras esferas da vida cotidiana, inclusive a midiática – passando desde a virilidade de atores de publicidades e magazines até a postura conquistadora de galãs em filmes e novelas. Certamente não é sobre apenas ser ou parecer heterossexual, mas ser ou parecer determinado tipo de heterossexual: sexualmente ativo, jovem, musculoso e magro, características que Bonfante (2016) explica pertencerem à figura do gay-macho no meio HRH.

No imaginário social, relacionar-se afetivo-sexualmente com uma mulher sugere que uma pessoa continua alicerçando suas práticas em torno da masculinidade hegemônica, de modo que não negaria os privilégios tidos como inerentemente masculinos. Tal pessoa, assim, não seria tão *gay* e não ocuparia um lugar de inferioridade em uma hierarquia de masculinidades. As formas de querer que fazem com que homens “tipo héteros” sejam valorizados podem ser pensadas por duas perspectivas: 1) excitação pela virilidade do outro; 2) comprovação da virilidade própria. O “fetiche” e o “tesão” que os interlocutores

mencionam em suas falas elucidam que homens que são ou parecem héteros são excitantes, demarcando uma característica normativa desejada no outro: a virilidade. Por outro lado, “comer um cara hétero” ou ficar com um “cara que vai trocar uma mulher por outro homem” são textos verbais que aparentam também dizer de quem cria vínculos com este homem. Conquistar relações sexuais com um homem “tipo hétero” seria um indicador de sua própria masculinidade e de seus comportamentos, que passariam publicamente por heterossexuais. É como se fosse tão sexualmente interessante a ponto de o homem preferir outro homem do que uma mulher. Ou, ainda, é como se fosse tão predominantemente masculino que seria capaz de em um contato entre HRH ocupar a posição de penetrador, hegemonicamente vista como superior.

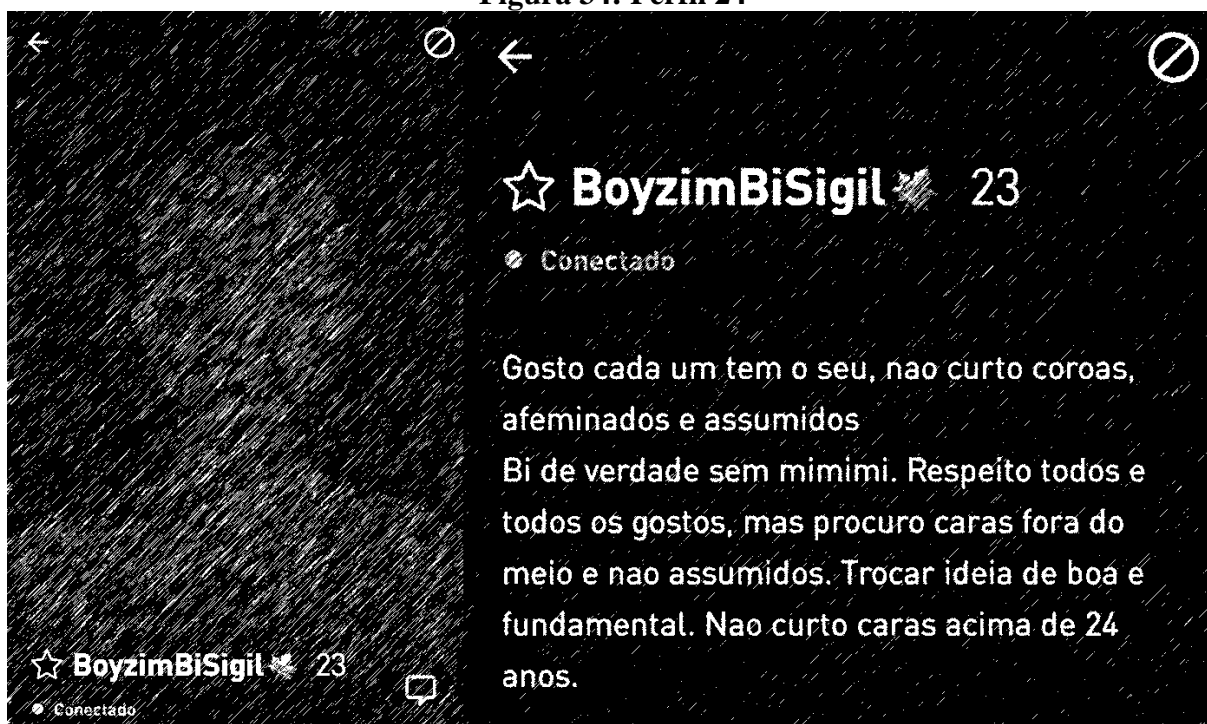
Durante meu trabalho em campo, também me deparei mais com perfis que se posicionavam enquanto bissexuais do que como heterossexuais, muitos dos quais especificavam que têm relações duradouras com mulheres. A bissexualidade deve ser reconhecida como uma orientação sexual assim como as demais; mais que isso, não deve ser entendida enquanto indecisão ou uma fase provisória, visão preconceituosa por que este grupo de pessoas passa. Nesse sentido, há no *Grindr* usuários que vivem esta orientação sexual plenamente, tendo consciência de seus prazeres e identificações afetivo-sexuais. Por outro lado, parece haver usuários que se afirmam enquanto bissexuais para refugiar-se das discriminações contra a homossexualidade, uma maneira de expressar seus prazeres por homens sem deixar de lado características hegemonicamente masculinas, à medida que mantêm práticas afetivo-sexuais com mulheres. Forma-se, portanto, certa negociação de masculinidade quando um homem expressa ser bissexual: ele não é homossexual; logo, supostamente não seria afeminado ou pouco viril. Em meu corpus, diversos foram os perfis de pessoas bissexuais que acionaram textos de uma masculinidade hegemônica: sigiloso, discreto, fora do meio, comprometido com mulher. Por esta lógica dominante, ser ou dizer ser bissexual agrega certa exemplaridade no modo de ser homem e pode atribuir maior valor a um perfil, performance de si que pode estar enquadrada em normas de gênero-sexualidade. Sobre isso, opinou um interlocutor da pesquisa:

*Cara, esse negócio de bi por aqui... sei não
Acredito na bissexualidade, mas acho que o número de gays que se relaciona
com mulheres por pressão social é grande*

O interlocutor considera que há homens que se colocam como bissexuais no aplicativo e mantêm relações afetivo-sexuais com mulheres. Contudo, defende que alguns deles o fazem

menos por vontade própria e mais pela pressão social heteronormativa, que estabelece que homens devem ter mulheres como parceiras. Especificamente sobre este ponto, foco em um texto verbal apresentado no perfil 24: “Bi de verdade sem mimimi”. Para o usuário não basta, pois, designar-se enquanto bissexual, à medida que é necessário defender que esta é *realmente* a sua orientação (“de verdade”). Tal defesa é dupla quando ele vale-se de “sem mimimi”, gíria pejorativa que demonstra que ele não está mentindo ou enganando ninguém.

Figura 34: Perfil 24



Fonte: Arquivo próprio

Há também neste perfil o desinteresse pelo homem afeminado, um dos pontos que mais encontrei nos perfis que coletei, que aparenta ter apoio não na negação do feminino, mas na negação do feminino em homens, já que isso quebraria o dualismo de gênero. Associado à orientação sexual homossexual, o homem afeminado personificaria uma má gestão da masculinidade, primeiro porque seria *gay* e segundo porque não seria viril. Não à toa no *Grindr* são cobrados comportamentos tidos como heterossexuais. Sobre isso, um interlocutor disse-me que “um dia desses veio um fala[n]do pra pessoas aqui serem menos viados. Menos viados? existe isso?”. Exigem-se performances heterossexuais até mesmo entre HRH.

Se operassem integralmente pela lógica dominante, todos os perfis seriam compostos por textos relacionados à masculinidade hegemônica, de modo que seriam heterocentros e reprovavam sinais de feminilidade. No entanto, o enquadramento de gênero-sexualidade está sujeito à ruptura e, ao mesmo que se reproduz, abre espaço para mudanças e questionamentos,

como se passa no perfil 25. Tal usuário faz uma performance visual de si em que apresenta apenas o rosto, sem exibir qualquer outra parte do corpo. A face é uma visualidade que mostra aos interlocutores sinais de particularidade e personalidade. Caso alguém veja tal usuário na rua, será possível identifica-lo. O olhar do texto visual também diz da postura que este perfil possui no aplicativo: é como se o leitor estivesse frente a frente com ele, rosto a rosto, com a possibilidade de desenvolver um diálogo. Dar-se a ver pelo rosto é deixar sua identidade visível e, em alguma medida, declarar abertamente sua orientação e/ou prática sexual.

Figura 35: Perfil 25⁴⁵



Fonte: Arquivo próprio

Em seu texto verbal, o usuário vale-se de ironia, como em “por incrível que pareça” e nos *emojis* de riso, para repreender a ambiência heteronormativa do *Grindr*. É como se expressasse que, uma vez que a maioria dos usuários do aplicativo é homo ou bissexuais, não deveria haver discriminações. A expressão “ter vergonha” utilizada revela a prática de “não se mostrar” no aplicativo, seja por medo, insegurança e/ou manutenção de uma vida *gay* anônima. Este usuário parece criticar o modo como as práticas homossexuais, a fim de ser

⁴⁵ Este é o único perfil do corpus que segue estética da antiga versão do *Grindr*, a qual foi substituída no início da inserção em campo pela atualização mais recente. Por esta razão, os elementos do perfil aparecem em disposição distinta daquela já conhecida nos demais perfis aqui apresentados.

preservada uma suposta heterossexualidade, são exclusivamente consumadas em ambientes privados, longe dos olhares da família, dos amigos e dos colegas de trabalho.

5.6 Raça

O Brasil extinguiu constitucionalmente a escravidão há pouco mais de um século, o que explica o seu racismo latente, que se manifesta em diversas formas de violência. Algumas estatísticas ilustram este cenário: a população brasileira negra representa a maioria (78,9%) dos 10% de pessoas com mais chances de serem assassinadas, bem como ganhava, em 2015, a metade do que trabalhadores brancos, conforme dados coletados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (OLIVEIRA, 2017). Em nível simbólico, expressões recorrentes no vocabulário nacional como “a coisa está preta”, “denegrir”, “mercado negro”, “inveja branca” e “amanhã é dia de branco” evidenciam que a cor negra é utilizada com conotações negativas, enquanto a branca, com conotações positivas. Em nível linguístico, tais textos verbais estão social e culturalmente localizados e seus usos não estão desprovidos de atravessamentos discriminatórios, ainda mais em uma nação em que, por mais de 300 anos, corpos negros eram tidos como propriedade. Nesse sentido, vivencia-se no Brasil um racismo velado, atenuado por um falacioso título de diversidade que o país ostenta. O enquadramento racial continua a emoldurar apenas pessoas cuja aparência se aproxima do fenótipo europeu-colonizador, deixando para fora do campo de visão mulheres e homens negros.

Levantando uma discussão sobre masculinidades, a lógica de hierarquia racial preserva suas operações: homens brancos estão associados à masculinidade hegemônica e, por isso, seriam mais bonitos, mais honestos e vidas que valem mais. Contrariamente, no imaginário social, homens negros são costumeiramente vistos como deselegantes, malandros, criminosos, preguiçosos e pouco dignos de reconhecimento e confiança. No meio de HRH e no *Grindr*, o racismo também se apresenta veladamente, de maneira que homens negros são alvo de discriminações menos diretas e mais sofisticadas. A ausência de interesse afetivo-sexual por eles é por vezes travestida de “gosto pessoal”, como um usuário negro relatou a mim no trecho abaixo:

*De certa forma [há racismo] velado, mas sim
Ah ja ouvi: nao curto negros. Nao é por preconceito, mas questao de gosto.
Qndo se deparam com a foto ja disseram: poxa cara prefiro pessoas mais
claras
Pois se baseia numa falsa questao de gosto
Qndo na vdd é um puro preconceito maquiado*

Para mim isso configura um preconceito velado maquiado em um gosto pessoal

A “questão de gosto”, que já apareceu em outras categorias do decorrer da dissertação, exemplifica como esta é uma justificativa dada como um fim em si mesmo. Preferências guardam conexão com enquadramentos e firmam-se em normas que estabelecem social, cultural, histórica e midiaticamente qual tipo de homem é valorizado em detrimento de outros. “Prefiro pessoas mais claras” aponta como a gradação da cor da pele de uma pessoa é um medidor que define se alguém é ou não um possível parceiro afetivo-sexual. Como expressou outro interlocutor, “padrão [No *Grindr*] é o branco, forte, (heteronormativo) pode ser moreno TBM, mas nunca negro”. Nesse sentido, Embora possa ser lido enquanto “gosto pessoal”, o interesse exclusivo por homens brancos ou “mais claros” abre espaço para refletir sobre preconceitos enraizados.

Não encontrei declarações similares às trazidas por estes interlocutores em nenhum perfil coletado, do mesmo modo que não me deparei com qualquer racismo direto nas autoconstruções verbo-visuais no aplicativo. Logo, esta discussão, ao menos em meu corpus, se mostrou velada e nesta seção não constam cópias digitais de perfis. A questão racial emergiu como categoria a partir das conversas que mantive com usuários do *Grindr* que se afirmavam enquanto negros, os quais, apesar de poucos, ofereceram-me relatos interessantes sobre preconceitos vivenciados.

Por estarmos dialogando com o uso do *Grindr*, que medeia práticas do prazer, cabe também abordar o estereótipo sexual que circunda o homem negro. No imaginário social, sua sexualidade é vista como intensa e descontrolada, como se encarnasse um instinto predatório (CONNELL, 2003). A hipersexualização atrelada à raça negra embasa a ideia de potência sexual insaciável, o que faz com que seu corpo seja objetificado. É o que demonstra outro interlocutor com quem dialoguei: “[p]or ser negro eles associam que todos, sem excecao, devem.ser ativos, dotados e transar como animais”. Espera-se, pois, que homens negros sejam viris, ativos e dominadores, como se fosse esta a sua natureza. Tais características, tão ancoradas na masculinidade hegemônica, apareceriam hiperbolicamente neste grupo de homens, atingindo certo nível animalesco. Neste processo, a materialidade entra em destaque, de forma que atributos corporais são esperados: músculos e pênis grandes. Sobre este último ponto, um interlocutor expressa sobre o questionamento com que o interpelam recorrentemente no *Grindr*:

[O homem procurado no aplicativo é do tipo] *Corpo perfeito (fitness) + rosto bonito + brancos... Quando olham para os negros perguntam se são dotados. Sempre perguntam se sou dotado*

Ter um pênis grande surge como um atributo nato aos homens negros ou, ao menos, como uma expectativa. Embora o tamanho deste órgão seja constantemente indagado aos usuários do *Grindr*, principalmente aos homens ativos, a associação negro/dotado se dá de forma mais intensificada. Reduzir os homens negros aos seus órgãos genitais é concebê-los apenas enquanto seres sexuais penetradores, excluindo suas personalidades, humanidade e subjetividades.

Entre a exclusão, a hipersexualização e o exotismo, usuários negros sofrem discriminações, por vezes veladas e em sua maioria em conversas via *chat*. Diferentemente de especificar no que só se buscam homens machos e/ou sarados para interação, exigências que são recorrentes no *Grindr*, desenvolver autoconstruções que mostrem preferências por homens não negros parece ser visto como eticamente questionável no aplicativo. Por esta razão, não há no corpus desta pesquisa a presença de textos verbo-visuais em perfis que tratem da questão, embora ela esteja presente no serviço tecnológico consumido por HRH, em que os enquadramentos normativos estabelecem um valor superior aos usuários brancos.

5.7 Status de relacionamento buscado/vivido

Há diferentes razões pelas quais os usuários criam perfis no *Grindr*. Em meu trabalho em campo, vi perfis e conversei com interlocutores que afirmaram buscar sexo casual, namoro sério, amizade e até mesmo colecionar *nudes*, sem qualquer intenção de conhecer outro homem face a face. A utilização mais recorrente se mostrou a procura por encontros sexuais furtivos, o que se evidencia em muitas dos diálogos que tive que começavam por “o que você procura” (suas intenções são sexuais ou não?) e “o que você curte?” (qual sua posição na cama?). Esta consideração foi feita quase de maneira unânime pelos homens com quem conversei no aplicativo, como no caso a seguir:

*aqui é um ponto fácil de sexo
quer transar? baixa o Grindr
ainda tem aqueles que insistem em querer arrumar namorado por aqui. acho complicado.
nao impossível
acho q aqui tbm tem uma questao social do preconceito tbm. ta cheio de homem casado pedindo sigilo*

Este interlocutor aborda duas questões que eu gostaria de discutir: no *Grindr* há usuários que procuram um namorado e outros que são casados, valendo-se do aplicativo como tecnologia para desenvolver relações extraconjugais. Sobre o primeiro ponto, embora os perfis que descrevam sua intenção em arranjar parceiros para relação amorosa estável sejam numericamente inferiores aos que procuram sexo casual, aqueles não foram raramente vistos no corpus desta pesquisa. Tais usuários fazem majoritariamente performances de si acionando como visualidade seu próprio rosto ou, ainda, trazendo textos visuais em que homens aparecerem realizando algum ato afetivo: abraçando-se, beijando-se ou dando as mãos. Esses perfis sobressaltaram minha atenção por conta de terem fotografias distintas das que predominantemente compõem o *Grindr*.

Pelo enquadramento do dualismo de gênero e da heteronormatividade, homens não seriam seres emocionais e, logo, não demonstrariam seus afetos positivos aos demais, sobretudo a outros homens. Ambas as ações os aproximariam das mulheres e colocariam em xeque sua associação à masculinidade hegemônica e à superioridade de seu gênero. Por esta lógica, homens seriam essencialmente sexuais e brutos, o que também atravessa a criação e as vivências de HRH, que são iniciados no meio masculino a partir de aprendizados de manutenção da racionalidade e insensibilidade. É esperado que os HRH, sobretudo se *gays*, passem por certa “higienização” que os façam se relacionar entre si de maneira ativa, máscula e discreta (BAUBÉROT, 2013). Assim, mesmo quando há uma orientação/prática sexual “desviante”, tece-se afetuosidade discreta entre homens, que mais reflete uma relação de amizade do que de amor romântico, prática refletida na expressão *bromance*. O texto verbal, encontrado em alguns perfis no *Grindr*, é a união entre *brothers* (irmãos) e romance. Tais questões demonstram que por vezes o problema é menos uma orientação sexual distinta da heterossexual do que o desvio das fronteiras de gênero, que estabelecem que o contato entre homens não deve ser carinhoso.

Em minha inserção no *Grindr*, percebi que muitos HRH experimentam suas relações unicamente pela dimensão sexual, evidenciando tal postura em seus textos verbo-visuais. Não à toa perfis em que há o interesse por namoro passam por certos preconceitos ou têm suas intenções desacreditadas. É o que aparenta demonstrar o perfil 26 que, apesar de “talvez não seja lugar certo”, está no *Grindr* para conhecer alguém para além de eventos “a base de sexo momentâneo”.

Figura 36: Perfil 26



Fonte: Arquivo próprio

O texto visual do perfil é composto por um casal *gay* em um momento de afetuosidade e felicidade, o que é possível compreender por sorrirem e se tocarem com afagos. O olhar exhibe os rostos e partes dos braços dos dois homens, que estão vestindo camisetas. A dimensão carinhosa se destaca em detrimento de uma sexual. O texto verbal que há na fotografia, “Abraça o que te faz sorrir”, afunila a significação do texto visual, remetendo à ideia de romance e amor, o que é reforçado pelo nome de exibição e pela descrição do usuário. Vários textos com qualidade sensível são trazidos na performance verbo-visual de si: o beijo, o abraço, o “namoro”, o “relacionamento sério e duradouro”, o “companheirismo” e a “lealdade”. Essas características se afastam de tipos de homens vistos como clássicos: o ogro, o bruto, o malandro, o cafajeste. A masculinidade hegemônica, tendo como um de seus elementos a potência sexual, orienta que homens devem ser descompromissados em suas relações amorosas.

Esta é uma das razões por que perfis como este aparentam não ser valorizados no *Grindr*. Tal contexto também encontra possível explicação no fato de que, em alguma instância, ser um homem que namora outro homem passa por se reconhecer enquanto *gay* ou bissexual e, portanto, abandonar a aceitável heterossexualidade. Além disso, ter uma relação amorosa *gay* também dificulta a manutenção de um estilo de vida público que é heterossexual, ou seja, adotar postura de sigilo se torna mais complexa. Nesse sentido, um relacionamento

estável entre HRH representa a adoção de características românticas e afetuosas, o que na atualidade ainda é hegemonicamente visto como inaceitável entre homens.

Nesta categoria, tratei até este ponto do tipo de relação afetivo-sexual que os usuários buscam ao se conectarem ao aplicativo. Abordarei nos próximos parágrafos o estado civil e/ou *status* de relacionamento que os usuários ativam em suas autoconstruções. Retomarei, portanto, o segundo ponto que o interlocutor citado no início desta seção trouxe em sua fala: o uso do *Grindr* por homens comprometidos, sejam com mulheres ou homens.

Durante meu trabalho em campo, conversei com pessoas e vi perfis que se posicionavam enquanto casados, namorando, solteiros, em um relacionamento aberto e enrolados. Não considerei analisar a dimensão de *status* de relacionamento desses perfis citados porque seus textos não apontavam dizer de modo significativo das masculinidades performadas, com exceção dos usuários que viviam relações monogâmicas de casamento e namoro e, portanto, dispostos à infidelidade por meio do *Grindr*. Meu interesse não é entrar em uma discussão moral sobre ser ou não aceitável suas posturas, tampouco refletir epistemologicamente sobre o que é ou não considerado traição. A intenção é de entender como os textos desses homens podem atrelar-se à masculinidade hegemônica.

Figura 37: Perfil 27



Fonte: Arquivo próprio

No perfil 27, o homem faz uma construção visual de si exibindo seu peitoral, performance recorrente no aplicativo e já discutida anteriormente. Uma vez que o *Grindr* proíbe que fotos de pênis e nádegas sejam exibidas, um dos modos de firmar-se enquanto ser

disponível sexualmente é sem a camiseta, por meio da exposição da parte frontal do tronco. De tal maneira, é possível visualizar grau de músculos, magreza e pelos, indicadores que podem demonstrar se um corpo é ou não atraente a partir de certas normas. Mais que isso, esta é uma parte do corpo que difere da anatomia tida como biologicamente feminina, à medida que os seios são órgãos que definem o que é ser mulher.

Para a pesquisa, os textos mais relevantes deste perfil são os verbais, que tensionam as fronteiras de gênero e, assim, masculinidades. Embora o uso *Grindr* seja consideravelmente conformista com o sistema de gênero-sexualidade, ele também abre brechas para que formas de querer vistas como desviantes sejam expressas e vivenciadas fora do ambiente digital. Em sua descrição o usuário faz uma performance de si em que explica sua excitação por agir e ser tratado como uma mulher, a partir do imaginário social de que mulheres são seres que são penetrados, submissos e objetos sexuais. Ao mesmo tempo que acentua o lugar do passivo/ativo e homem/mulher, o usuário também embaralha essas categorias, exatamente porque ele é um homem que se coloca no feminino e mostra-se disponível ao sexo *gay*. Tal postura não parece ser, contudo, transgressora, à medida que ela ocorre apenas em instância privada, enquanto uma relação heterossexual é mantida perante a sociedade.

Como expõe Perlongher (2008), por vezes práticas homossexuais se costumam subterrânea e secretamente, paralelas às convenções de gênero-sexualidade. Tão grande é a expectativa de que corpos sejam heterossexuais que homens se casam com mulheres para preservar certa fachada, enquanto mantêm relações sexuais com outros homens. Transitando sigilosamente entre o permitido e o interdito, esses homens conseguem atender ao mesmo tempo às demandas normativas e aos seus anseios de prazer. O usuário especifica isso quando afirma que é discreto apenas na rua (ambiente público), enquanto que entre quatro paredes ele “vira mocinha com outro H[omem]”. Ou seja, aos olhos da sociedade, ele é um homem hétero, enquanto que privadamente ele vive experiências *gays* e ocupa a posição sexual tida como feminina.

Figura 38: Perfil 28



Fonte: Arquivo próprio

No perfil 28, elementos similares aparecem. Opera nele o regime de invisibilidade, à medida que o usuário não coloca qualquer foto principal. Isso parece se manifestar por conta da infidelidade declarada em seu texto verbal, bem como no esclarecimento de que não fornece *Whatsapp*, vulgo zap, formas que mostram a necessidade de discrição. Neste perfil, é evidenciado que ter uma relação extraconjugal requer alguns procedimentos de segurança para que o usuário não seja descoberto em sua ação. No imaginário social, há a ideia de que a infidelidade realizada por homens é justificada pela insaciabilidade masculina, como se homens tivesse uma pré-disposição sexual por vezes incontrolável e irracional. Uma leitura possível dos textos deste perfil é que, mesmo firmando um pacto de fidelidade com um homem ou uma mulher, o usuário não dá conta de seu lado predador, o que demanda sua volta à caça. Além de não vincular sua identidade visual publicamente no *Grindr* ou fazer o envio de seu número celular, suas exigências por homens específicos sugerem que, caso ele seja visto com alguém do aplicativo, outras pessoas não desconfiem de seu caso.

Nesse sentido, o texto verbal do perfil assegura que o usuário descarta homens “afeminados” e “bichinhas”, além de opinar que “cabelo alisado tbm é treva”. A vaidade, o interesse pela indústria da estética e o cuidado com a saúde ainda são tabus quando praticados por homens, uma vez que este campo seria integralmente feminino. Culturalmente, em oposição à dama, a figura do macho foi fundada no desleixo e na rudeza. Embora tenha

surgido nas últimas décadas a classificação “metrossexual”, estilo de homem urbano que se preocupa com a aparência e investe em cosméticos e roupas da moda, tal postura é ainda vista como frescura e “coisa de mulher”. Está incluso nesse contexto a crítica a homens com cabelos compridos, alisados, tingidos e/ou cortados delicadamente, o que chega para o usuário 28 a ser considerado algo trevoso, ou seja, tenebroso. Treva é um vocábulo que compõe a vocabulário da cultura *gay*, escolha verbal curiosa para um usuário que se alinha tanto a ideais dominantes de masculinidade. Por isso, a expressão falada e/ou escrita, desde que não sincronizada com registros corporais de afeminação (como o cabelo alisado), parece não ser um problema.

No *Grindr*, homens que desenvolvem textos apresentando-se como casados e comprometidos tendem a levar a postura de discrição e sigilo de forma mais intensificada, à medida que não é apenas a sua própria imagem enquanto homem que poderia ser colocada em xeque, mas sua honra enquanto provedor de uma família e/ou sexo superior em uma relação heterossexual. No imaginário social, seria vergonhoso que um homem comprometido com uma mulher fosse descoberto em relação afetivo-sexual com outro homem. Resguardando certa ação emocional às esposas, noivas ou namoradas, demonstração afetuosa masculina tolerada na ambiência heterossexual, tais homens teriam nas suas interações mediadas pelo *Grindr* uma finalidade mais sexual. Em diálogo com este contexto, a busca por parceiros afinada apenas com intenções sexuais, mesmo por HRH solteiros ou com uniões não monogâmicas, compõe uma lógica dominante em que homens não devem ser carinhosos uns com os outros, o que denunciaria sua virilidade. O envolvimento furtivo e carnal seria, pois, assegurador de certos limites entre masculinidades, em que as subordinadas estariam distanciadas. Experienciadas no ambiente privado e em condição de segredo, as práticas sexuais infiéis e homossexuais desses homens seriam vividas subterraneamente sem julgamento alheio.

5.8 Capitais financeiro e intelectual

Corpos com altos capitais financeiros e intelectuais são considerados mais valiosos que aqueles com características inversas. Potencial aquisitivo e instrução educacional estão bastante alinhados e, por vezes, operam em uma lógica diretamente proporcional e retroalimentativa: se rico, tem mais chances de ter acesso a boas escolas e universidades; se formado nessas instituições, maiores são as probabilidades de ser rico. Enquadramentos estabelecem que pessoas ricas e/ou cultas tenham sua precariedade mais reconhecida, logo tendem a ter acesso a celas individuais se cometem um crime, ascender a funções de altos

patamares em instituições mercadológicas e a possuir condições dignas vitais, como alimentação, saúde e moradia.

Pessoas com altos capitais financeiros e intelectuais costumam trabalhar e consumir, fazendo com que a economia mantenha-se girando no ritmo desejado. No imaginário social, os homens, a quem são atribuídos o provimento do lar e a atuação no ambiente privado, devem alçar carreiras de sucesso, sucesso este bastante interligado a receber um grande montante de dinheiro e desenvolver uma postura no mercado agressiva, em que metas e conquistas são frequentemente alcançadas. O universo empresarial é ainda bastante relacionado à masculinidade hegemônica, não à toa sejam eles a ocupar boa parte os cargos de direção em organogramas (CONNELL, 2003).

Esta lógica também guarda semelhança com o ideal de corpo produtivo, explicitado anteriormente, que é inalcançável. Nesse sentido, esta potência de corporeidade exigida de homens também pode gerar sua fraqueza, já que é impossível fazer a manutenção deste e tantos elementos que compõem a masculinidade hegemônica. Há certa incoerência nas normas que reconhecem que corpos devem ser jovens e sexualmente ativos enquanto são ao mesmo tempo cultos e ricos. É pouco esperado, por exemplo, que um jovem de 22 anos esteja graduado, com um MBA concluído e tenha um cargo de direção em uma multinacional. Tal incoerência elucida de que maneira as práticas de masculinidades se sobrepõem em uma só pessoa, deixando evidente como a vulnerabilidade é algo que atinge a todos em alguma instância. Embora aquele jovem possa estar associado à masculinidade hegemônica em suas práticas sexuais e físicas, o mesmo não se dará quanto à sua carreira profissional, educacional e monetária. A masculinidade hegemônica e o ideal de corpo produtivo são projetos irrealizáveis.

Figura 39: Perfil 29

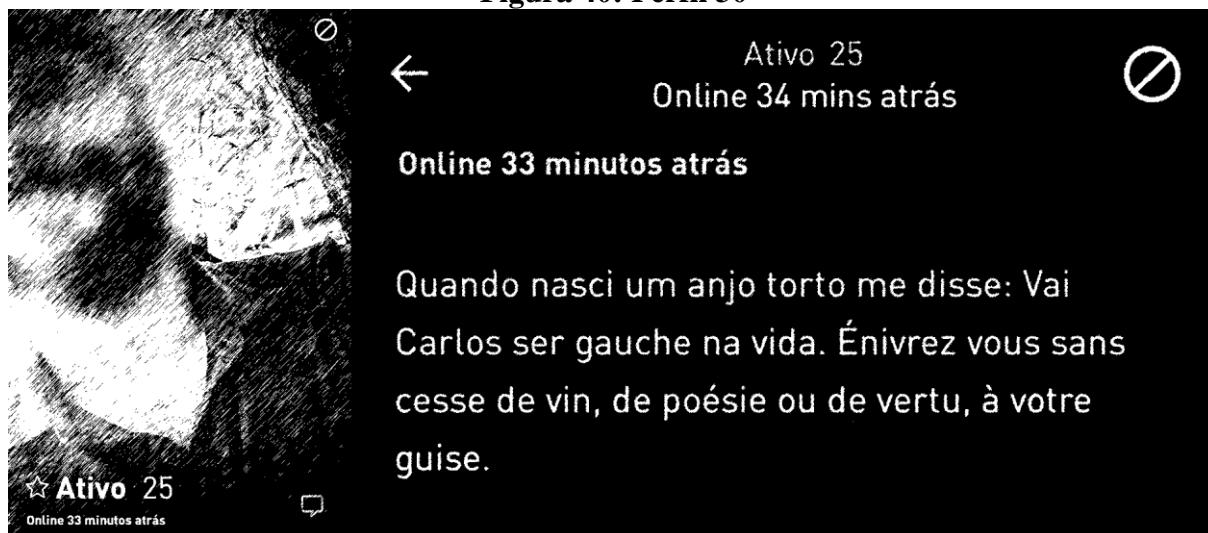


Fonte: Arquivo próprio

Embora este cenário se apresente de modo menos aparente no *Grindr*, alguns perfis o abordam diretamente ao buscarem parceiros com determinados capitais intelectual e/ou monetário. No perfil 29, o usuário descreve verbalmente que está procurando alguém para namorar que seja resolvido financeiramente, ou seja, alguém que seja independente e tenha um estilo de vida em que compras variáveis são possíveis. Frisa também que uma meta para o amor é viajar, o que requer certos investimentos. Este atributo vem acompanhado de outros requisitos que um parceiro deve seguir: ter mais de 1,80 metros de altura e ser passivo e malhado. Opera neste perfil a lógica do espelho, à medida que o usuário parece desejar como namorado um homem com uma corporeidade similar à que mostra no texto visual, bem como alguém que possua *status social*. A política de espelho é montada sobre o anseio de que o “outro” seja “eu”. Entre tantas exigências do tipo “sou X e procuro X” ou “busco semelhantes”, ocorre o apagamento daquele “outro” que, em tese, não possui as mesmas características que “eu”, gerando um espaço de hierarquias. Logo, a atualização de si é construída menos de forma introspectiva e mais de maneira alterdirigida. No perfil em questão, é ostentado certo tipo de masculinidade ancorado em ideais hegemônicos, um molde no qual raramente é possível se encaixar perfeitamente. Na busca pelo outro, o usuário aparenta na realidade estar procurando a si próprio e o seu valor enquanto corpo que ainda não encontrou um parceiro monogâmico, outra expectativa social.

Em diálogo com um interlocutor, foi-me descrita uma conversa que ele teve com outro usuário, o qual estipulava diversas características que um homem deveria ter para se tornar um parceiro válido: “Ele queria escolher até a formação acadêmica. Tipo só curto cara branco, sarado, alto, médico ou engenheiro. Com cheiro, voz e atitude de macho. Quase dei pra ele uma impressora 3D”. O tipo de formação acadêmica e a carreira seguida fazem com que uma pessoa seja mais valorizada em detrimento de outras. A profissão médica é bastante aclamada na cultura brasileira, o que percebi no *Grindr* em textos visuais que alguns médicos desenvolveram de si, vestindo jaleco e/ou portando estetoscópio . Além dos garotos de programa, não encontrei outros usuários que se construíssem visualmente no aplicativo acionando textos de sua profissão, a não ser médicos. Tal performance de si parece dar-lhes contornos de prestígio, o que também pode ocorrer quando um usuário afirma ser engenheiro, profissão que é também reconhecidamente vislumbrada como positiva. No imaginário social, essas carreiras são atreladas não somente a altos salários, mas também à masculinidade hegemônica. Ainda que tal contexto venha mudando, os cursos de engenharia possuem mais homens em sua constituição no Brasil, conforme pesquisa do Censo da Educação Superior (ALMEIDA E ZANLORENSSI, 2017), que por vezes desemboca em práticas sexistas e machistas.

Figura 40: Perfil 30



Fonte: Arquivo próprio

Em outras performances verbo-visuais, o capital intelectual é mostrado indiretamente como principal atributo e aparece como a posicionar aquele usuário como interessante. No perfil 30, seu texto visual corta seu rosto ao meio, sendo difícil analisar se sua aparência corresponde a uma norma estética de beleza. O ato de dar-se a ver aparante se formular,

assim, mais em seu texto verbal, onde consta uma famosa frase de Carlos Drummond de Andrade, um dos poetas modernistas brasileiros mais reconhecidos nacionalmente. A parte da poesia sugere que o usuário não se encaixa dentro de expectativas sociais, sendo, pois “gauche (=esquerdo)” ao invés de “droid (=direito)”. Em seguida, há um trecho em francês de Baudelaire, cuja tradução é “Embriague-se sem parar, de vinho, de poesia ou de virtude, como quiser”. O ato de trazer a produção de dois pensadores e artistas célebres expressa a forma como o usuário quer se apresentar ao público, como um homem culto e interessado em saberes clássicos, sobretudo quando processa um texto verbal em outro idioma.

Ter uma descrição em língua estrangeira foi um modo de performar-se que encontrei em alguns textos verbais. Nessas descrições, a escolha idiomática não parecia ter sido feita para gerar algum jogo de palavras que existia em outra língua e, por isso, uma tradução literal poderia ser facilmente feita sem que houvesse ambiguidade. Nesse sentido, este modo de falar de si desponta como uma forma de selecionar quem lê aquele texto, uma vez que o uso de outro idioma, não compreendido por todos os usuários, afunila parceiros com um grau determinado de capital intelectual. Ademais, é um ato de construir-se que confere atributos de inteligência e capacidade mental, principalmente se outras características daquela pessoa não estiverem alinhadas com as expectativas sociais de masculinidade hegemônica. Sobre isso, conversei com dois usuários que expressaram não terem corpos esteticamente valorizados na cultura de HRH.

*Essa [a capacidade intelectual] é a ferramenta que utilizo para conquistar.
Afinal eu não estou no padrão de beleza exigido pela sociedade como um
todo!
Estou acima do meu peso, sou calvo. Logo uso o que tenho de melhor. A
inteligência.*

*Você tenta ser engraçado
Divertido
Piadinhas
Que ai a pessoa pensa
'Ah... Ele não é taaaaaa bonito mas me faz rir'
E se demonstra interessado
Funciona
Mas tem tanto tempo que eu faço isso
Que eu já não sei se eu que sou assim
Ou me tornei assim
Hahaha*

Em um espaço que interpela seus usuários a serem magros, musculosos, jovens e sexualmente ativos, não ter um desses valorizados atributos pode ser um entrave para

conseguir relacionar-se afetivo-sexualmente com outros homens. Por tal razão, performar-se acionando inteligência e bom humor delineia-se como uma forma de mostrar-se enquanto corpo que importa em alguma medida.

Figura 41: Perfil 31



Fonte: Arquivo próprio

A descrição do perfil 31 é grande em número de caracteres, prática pouco usual no aplicativo. E é não só longa, mas também feita a partir de uma escolha lexical específica, em que foram utilizadas palavras rebuscadas, raramente vistas em textos verbais do aplicativo, como “interação”, “sutil”, “refinamento cultural”, “radicalismo” e “experimentação”. A presença de tais textos diz do usuário que performa, o qual se posiciona como um homem maduro e com um capital intelectual elevado. A própria vestimenta que ele apresenta em seu texto visual é significativa na formulação de si: um *blaser* é costumeiramente usado por homens mais velhos e remete a elegância, seriedade e experiência. A *hashtag* sapiosexual também revela deste homem, já que tal texto verbal é um adjetivo que designa a atração sexual por inteligência.

Os perfis acima, que acionam a busca e a autocaracterização por determinados capitais intelectual e financeiro, têm em comum performances menos voltadas para a procura de sexo casual. Não que todos demonstrem interesse em desenvolver relações duradouras, românticas e/ou estáveis, mas seus textos verbo-visuais sugerem uma expectativa de relacionamento que exceda eventos furtivos. No *Grindr*, em que a lógica sexual é predominantemente mais

perceptível nos perfis, a força física, a potência na cama e a macheza aparecem como atributos mais significativos que a inteligência e a capacidade monetária, já que tais pontos não aparentam interferir, por lógicas hegemônicas, nas práticas do prazer.

Os capitais intelectual e financeiro são, sim, componentes da masculinidade hegemônica na atualidade, como foi ilustrado acima. Todavia, sua insurgência é mais contemporânea se comparada à ideia conservadora, antiga e clássica do que é ser um homem de verdade, que passa por virilidade, atividade, capacidades musculares e sexuais e, até mesmo, certas ignorância e rudeza. Aqui se vê como a própria masculinidade hegemônica é mutante e, por vezes, contraditória nas características que demanda de homens. A sua potência, no entanto, não é questionada, advenha esta da mente ou da corporeidade.

6 ALGUMAS NOTAS À GUIZA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

As notas aqui expressas retomam as discussões que emergiram durante a dissertação, as quais estimularam que considerações se tramassem e gerassem reflexões a respeito da mídia digital *Grindr* e as conformações/subversões de gênero-sexualidade que ali se manifestam em sua ligação com a masculinidade hegemônica. Tais notas apontam sinteticamente, pois, para um período de descobertas e ensaiam para novas facetas investigativas envolvendo os aplicativos de encontro *gay*. Estudos acadêmicos futuros, sobretudo comunicacionais, podem ter certa linha de partida por meio das questões levantadas neste trabalho.

Os modos por meio dos quais os usuários do *Grindr* se dão a ver evidenciam normas de gênero-sexualidade, as quais estabelecem valor a algumas vidas em detrimento de outras. Nesse sentido, a precariedade e a vulnerabilidade de alguns corpos são reconhecidas, enquanto as de outros são atenuadas ou apagadas (BUTLER, 2015). Em nível metafórico, o preconceito e a homofobia entre os próprios HRH, que policiam fronteiras de gênero de maneira pouco pluralista, podem ser pensados enquanto guerra. Tal afirmação tem apoio no fato de as discriminações e as violências que se manifestam no aplicativo afetarem a autoestima e as subjetividades dos homens ali presentes, constantemente hierarquizados em corpos aceitáveis ou não ao prazer. Ao mesmo tempo em que se reproduzem, esses enquadramentos também passam por rupturas, à medida que há brechas nos modos de ser e querer homem que escapam ao controle de gênero-sexualidade.

Por esta lógica, homens que desenvolvem construções de si mais alinhadas à masculinidade hegemônica possuem maiores chances de serem reconhecidos como corpos que importam, o que se delinea de maneira inversa àqueles cujas práticas se atrelam a masculinidades subordinadas. Todos os usuários presentes no *Grindr* ocupam um lugar de subordinação em alguma instância, uma vez que possuem práticas/orientações sexuais *gays*. Como um dos pressupostos da masculinidade hegemônica é a heterossexualidade, parte significativa do corpus desta investigação parece, pois, ter ações vinculadas a masculinidades cúmplices. Isso se dá porque estamos tratando, em sua maioria, de HRH que se conformam às convenções de gênero-sexualidade.

Tais convenções aparecem em performances de si que guardam relação com modos predominantemente valorados de ser homem, comportamentos revividos que reforçam normas de masculinidades. Embora haja autoconstruções subversivas, que marcam a existência de masculinidades subordinadas, são abundantes os perfis que restauram ações de gênero já consagradas socioculturalmente. Esta repetição performática da norma por vezes é

redundante, de forma que textos verbo-visuais com significações similares aglomeram-se em um só perfil. Conhecedores da valorização da masculinidade hegemônica, muitos são os usuários se exibem como corpos viris, sexualmente potentes, fisicamente fortes, mesmo que face a face estes textos não se façam presentes. É perceptível, pois, que o ambiente digital do *Grindr*, que autoriza confidencialidade, anonimato e/ou renovadas estratégias criativas de si, flexibiliza maneiras de caracterizar-se e possibilita que elementos de masculinidades subordinadas sejam disfarçados. Logo, esta mídia abre espaço para que exercícios inventivos de constituir-se e dar-se a ver sejam explorados, os quais hegemonicamente reforçam enquadramentos.

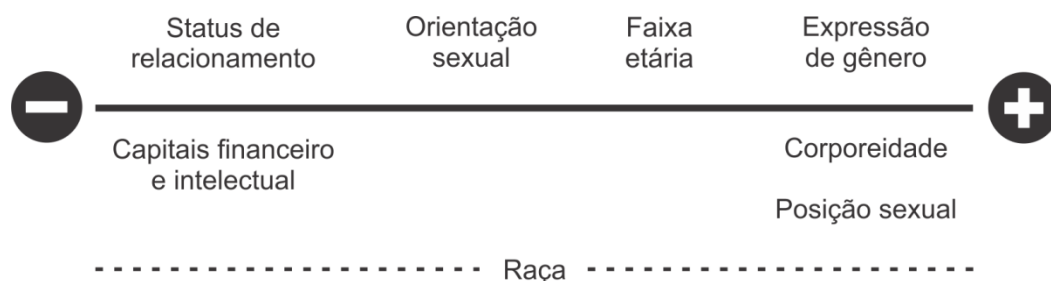
Escolher que parte da corporeidade será colocada para o olhar do outro, especificar qual atributo melhor lhe define, selecionar quais palavras comporão a apresentação de si são práticas recorrentes no *Grindr*, as quais são distintas das levadas face a face em decorrência da temporalidade. No ambiente digital, mesmo dinâmico e rápido, há mais espaços de tempo para fazer uma aparição aprimorada de si, o que pode incluir desde a edição de fotos até o teste de quais poses e palavras geram maior interação. Com contornos alterdirigidos, as personalidades evidenciam sua existência menos pela introspecção e mais pela exibição por meio das mídias digitais, o que demarca certa presença frequente tida como necessária na contemporaneidade (SIBILIA, 2008).

No *Grindr*, a exibição de si toma forma a partir de textos verbo-visuais, os quais estão localizados em um espaço e um tempo. Além de suas qualidades essencialmente estéticas e lexicais, tais textos também dizem de uma dimensão política e versam sobre o futuro. Ligados a convenções representativas, textos verbo-visuais, ao priorizarem o que revelam à visão, também decidem o que é excluído do olhar. Por isso, naturalizam normativamente certas questões enquanto subtraem outras, hierarquizam o que merece ou não ser visto e costuram formas de agir e comportar-se (ABRIL, 2013). Em um processo de retroalimentação, os textos do aplicativo, em nível microssociológico, reforçam grandes estruturas e vice-versa, mediando sistemas de crenças e valores de gênero-sexualidade.

Minha inserção exploratória e experimental no *Grindr* se desenhou com a finalidade de perceber, de modo fluido e livre, como esses textos verbo-visuais reforçam ou não a masculinidade hegemônica. As categorias a que cheguei emergiram a partir do grau de intensidade com que determinados aspectos de masculinidades apareciam em textos verbo-visuais de perfis e diálogos, os quais estão envoltos em hierarquizações e valorações. Sobre isso, foi possível notar que algumas categorias ocupam lugares mais importantes na escolha de possíveis parceiros e na performance de si, gradação que está ilustrada na figura abaixo.

Quanto mais próxima está uma categoria do sinal positivo, mais ela desponta como relevante para os usuários; quando mais próxima ela está do sinal negativo, o inverso.

Figura 42: Linha de categorias a partir do valor atribuído a elas no *Grindr*



Fonte: Elaboração minha

Já a figura 43, desenvolvida a partir da perspectiva de masculinidades de Connell (2003), mostra as figuras que, em cada categoria, emergiram a partir dos textos verbo-visuais coletados, vinculando-se mais à masculinidade hegemônica (MH) ou às masculinidades subordinadas (MS). Como aplicativo opera consideravelmente pela lógica da sexualidade, polarizações se estruturam em torno dos modos de ser homem. Os pontos da extremidade da linha abaixo pontuam, assim, práticas e características pouco estimadas à esquerda e muito apreciadas à direita.

Figura 43: Características por categoria e seu grau de associação às masculinidades subordinadas ou à masculinidade hegemônica

	MS				MH
Expressão de gênero	Afeminado				Macho
Corporeidade	Gordo	Mediano	Magro		Musculoso
Posição sexual	Passivo		Versátil		Ativo
Faixa etária	Idoso		Daddy		Jovem
Orientação sexual	Gay		Bissexual		Heterossexual
Raça	Negro		Moreno		Branco
Status de relacionamento	Relação aberta/Solteiro/Relação monogâmica				
Capitais financeiro e intelectual	Baixos capitais		Altos capitais		

Fonte: Elaboração minha

As categorias de expressão de gênero, corporeidade e posição sexual demonstram ocupar um lugar de destaque no aplicativo. O enquadramento de gênero e a força da masculinidade hegemônica estão ilustrados no *Grindr* pela alta frequência com que textos verbo-visuais associados à macheza e à ausência de afeminação aparecem. Por ser um ambiente formado essencialmente por homens, os quais estão inseridos em uma cultura em

que ser/parecer uma mulher é tido como inferioridade, ser viril e relacionar-se com um homem semelhante é de certa forma não negar o privilégio do macho e rebaixar-se em uma escala de valor. Logo, ainda que haja prática/orientação sexual *gay* entre HRH, a preservação das fronteiras de gênero não desencadearia desvantagens. Também por se viver em uma sociedade intensamente heteronormativa, manter/estimular expressões de gênero classicamente masculinas em si e no parceiro resguardaria que a masculinidade desses homens fosse colocada em xeque, à medida que não dariam a ver identidades e ações julgadas como moralmente desviantes. Entre a discrição e o sigilo, subterraneamente, o regramento de gênero e o reconhecimento destes homens não se romperiam.

Ademais, ser um “homem de verdade” possui grande relação com a ideia de potência, incluindo a sexual. Embora alguns usuários expressem seu interesse em desenvolver relações amorosas e duradouras, uma parte considerável das pessoas no *Grindr* buscam encontros furtivos e sexo casual. Para a efetivação desses eventos, entram em jogo formas de querer, as quais são atravessadas por normas, e imaginários sobre quais características ou não são indícios de boa performance sexual. A virilidade nesta arena, elemento tradicional da expressão de gênero masculino, importa. Na corporeidade, este atributo aparece em forma de pênis grandes, tidos como mais eficientes no ato penetrativo, e músculos, sinônimos de força. Corpos malhados/sarados seriam produtivos em vários requisitos: no sexo, na saúde, na estética, no cuidado de si. Mais que isso, à medida que o *Grindr* é um espaço de fruição visual, por meio do qual atos sexuais se desenrolam, a dimensão do toque/tato encontra-se carnalmente na corporeidade. Logo, altas taxas de adiposidade e pênis considerados pequenos teriam elos com masculinidades subordinadas.

Já a posição sexual se estrutura como uma categoria relevante porque opera no aplicativo menos a lógica do corpo erótico em sua totalidade do que o foco de excitação em áreas tidas como sexuais, sobretudo o ânus e o pênis. Ainda atravessadas por um sistema heteronormativo que estima o sexo para fins reprodutivo, as práticas sexuais entre HRH têm considerável apoio na ação de penetrar e/ou ser penetrado. Assim, para que parceiros possam efetivar um encontro, é significativo que suas posições sexuais se encaixem. Vale ressaltar, contudo, que a dupla ativo *versus* ativo goza de certo privilégio, pois em alguns perfis estabelece-se que um contato só pode ser estabelecido entre as partes com a condição ambas ocupem esta posição sexual, o que não foi visto com relação a pares passivos ou versáteis. Homens passivos, aliás, são supostamente correspondentes às mulheres no imaginário social, cuja aceitação em ser penetrado gera ideias de submissão e inferioridade, razão pela qual vivenciam por vezes práticas direcionadas às masculinidades subordinadas.

A raça irrompe como uma questão velada, que pouco emergiu nos textos verbo-visuais de perfis, motivo pelo qual esta categoria encontra-se disposta em linha tracejada nas figuras anteriores. Ainda assim, a partir de falas de interlocutores negros, percebi que, travestido de “gosto pessoal”, o racismo se mostra e deixa para fora do enquadramento corpos negros. Pessoas “mais claras” são mais reconhecidas. Ora vistos como corpos que não merecem a atração alheia, os homens negros do *Grindr* também podem ser reduzidos a características estereotipadas: seriam todos dotados, fariam sexo agressivo e ocupariam eficientemente a posição de ativos. Nesse sentido, a linha da categoria de raça na figura 42 abrange desde o sinal de negativo até o de positivo: corpos negros podem ser cruamente descartados pela sua raça como podem ser altamente valorizados pela visão hipersexualizada que lhe atingem, o que é limitador e, em alguma instância, um pré-conceito.

A categoria de faixa etária é mediana em grau de importância. Alguns usuários estabelecem em suas descrições a idade que alguém deve possuir para que seja visto como possível parceiro, mas flexibilizações desenham-se. Certamente vivemos em uma sociedade que valoriza a juventude, época da vida atrelada à produtividade e à potência corporal; contudo, como sugerem textos verbo-visuais analisados, outros elementos podem compensar uma visão negativa percebida em uma idade tida como avançada. É o caso de carnalidade ainda ancorada em visualidades jovens, boa performance sexual e posição de atividade, que afastariam um corpo da associação com masculinidade subordinadas. A própria figura do *daddy* carrega elementos de masculinidade hegemônica, que lhe conferem determinados prestígios viris de autoridade e controle.

A orientação sexual não é intensamente valorizada enquanto categoria, até porque, sendo homo, bi ou heterossexuais, os usuários do *Grindr* têm práticas afetivo-sexuais *gays*. O que se revela como importante é assemelhar-se a um heterossexual, performance que se liga mais à expressão de gênero em si do que à orientação sexual. Em meio a polarizações entre ser/parecer *gay* e ser/parecer heterossexual, firmar-se enquanto bissexual, seja autenticamente ou não, pode servir como uma maneira de preservar certa conexão com a masculinidade hegemônica. Apesar de ser HRH, um homem bissexual manteria certos privilégios de gênero-sexualidade ao se relacionar com uma mulher e sua virilidade teria menos possibilidades de ser questionada. Sobre outro aspecto, nem todos os usuários aceitam, como parceiros, *gays* que têm sua orientação sexual publicamente declarada, à medida que a noção de sigilo poderia se dismantelar e um vínculo às masculinidades subordinadas se estreitar. Todavia, tal questão também parece deter mais vínculo com a expressão de gênero em si do que a identificação com esta ou aquela orientação sexual.

O status de relacionamento e os capitais financeiro e intelectual demonstraram ser menos relevantes na busca de um parceiro no *Grindr*. Por ser ele um ambiente usado em grande escala para que encontros furtivos ocorram, parece contar pouco se uma pessoa é solteira ou não ou se ela é rica ou não: essas características não são definidoras da ocorrência de sexo casual, bem como de aquele homem ter maior valor. A valia dessas categorias se evidenciou mais em perfis de usuários que procuravam um relacionamento sério e duradouro. Por tal motivo não há polarizações entre MH e MS nesta categoria na figura 43.

Adicionalmente, a geolocalização do aplicativo filtra, de certa forma, os bairros que aparecerão para um usuário, recorte geográfico que também guarda relação com capitais financeiro e intelectual. Se um usuário está no Belvedere, por exemplo, bairro nobre localizado a sul de Belo Horizonte, pouco contato ele terá com usuários de Venda Nova, distrito de classe popular disposto a norte da capital mineira. De tal maneira, já se estrutura determinada separação entre classes a partir do grau de proximidade oferecido pela tecnologia de GPS.

Em nível de status de relacionamento, não tive contato com perfis ou interlocutores que expusessem desinteresse por homens monogamicamente comprometidos, seja com mulheres ou outros homens. Em alguns perfis, inversamente, homens casados especificavam sua preferência por parceiros na mesma condição, o que poderia assegurar contatos entre HRH mais sigilosas. A manutenção de uma fachada familiar heterossexual é por vezes preservada, enquanto subterraneamente práticas tidas como desviantes são levadas a fio. Operações secretas de sexualidades afastariam homens monogamicamente engajados com mulheres de supostas retaliações homofóbicas e, logo, de preconceitos vividos quando se filia a práticas de masculinidades subordinadas.

Como masculinidades são ações e não personalidades fixas (CONNELL, 2003), os usuários do *Grindr* transitam entre masculinidades em seus textos verbo-visuais, cuja análise culminou na emergência das categorias apresentadas e de sua gradação. Logo, a autoconstrução de um homem pode estar relacionada a um elemento da masculinidade hegemônica em uma categoria, mas distanciar-se dela em outra categoria. Embora divididas para fins didáticos nesta dissertação, categorias se interceptam e colocam em atrito masculinidades hegemônicas e subordinadas a partir dos textos que acionam, processo que pendula entre ter mais ou menos valor entre os demais perfis. Esta atribuição de valor entre masculinidades passa não apenas por enquadramentos diretos de gênero-sexualidade, mas é também atravessada por molduras de estética, raça, classe social, capacidades intelectual e financeira. Negociando entre tensões e tesões, os textos verbo-visuais do *Grindr* estimulam

e/ou atenuam práticas de masculinidades: as ações sociais de HRH em aplicativos de encontro *gay* retroalimentam e reconfiguram o sistema de gênero-sexualidade.

REFERÊNCIAS

ABRIL, G. *Análisis crítico de textos verbodivisuales*. Madrid: Editorial Sintesis, 2007.

_____. *Cultura visual: de la semiótica a la política*. Madrid: Plaza y Valdés, 2013.

ALMEIDA, R.; ZANLORENSSI, G. *Gênero e raça de estudantes do ensino superior no Brasil por curso e área*. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2017/12/13/G%C3%AAnero-e-ra%C3%A7a-de-estudantes-do-ensino-superior-no-Brasil-por-curso-e-%C3%A1rea>>. Acesso em 20. Dez. 2017.

ADORO CINEMA. *Legalmente loira 2*. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-46404/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

ARILHA, Margareth. *Nações Unidas, população e gênero: homens em perspectiva*. Jundiaí: Editora In House, 2010.

BARREIROS, M. Homem: quem é ele e qual seu papel no mercado de consumo na sociedade pós moderna. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35, 2012, Fortaleza. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2012. p. 1-14.

BAUBÉROT, A. Não se nasce viril, torna-se viril. In: COURTINE, J. et al (Org.). *História da virilidade: a virilidade em crise?* Petrópolis: Editora Vozes, 2013. p. 189-220.

BONFANTE, G. *Erótica dos signos em aplicativos de pegação: performances íntimo-espetaculares de si*. Rio de Janeiro: Luminária Academia, 2016.

BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BUTLER, J. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUZZFEED. *Finalmente explicaram direitinho as gírias hétero para os gays*. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/clarissapassos/primeiro-dicionario-ilustrado-de-hetero-gay?utm_term=.wipQAdv39#.pgZq4ylgL>. Acesso em: 15 jun. 2017.

CAPARICA, M. *Jornalista tenta tirar atletas do armário usando Grindr na Vila Olímpica*. Disponível em: <<http://ladobi.uol.com.br/2016/08/jornalista-grindr-vila-olimpica/>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

CATRACA LIVRE. 9 "vovôs" que vão mudar sua opinião sobre homens mais velhos. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/comportamento/indicacao/9-vovos-que-vaomudar-sua-opinioao-sobre-homens-mais-velhos/>>. Acesso em: 01 dez. 2017

CONNECTIN CELEBRITY. *Kim Kardashian Hot Hubs 2011*. Disponível em: <<http://connectincelebrityblogs.blogspot.com.br/2011/07/kim-kardashian-hot-hubs-2011.html>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

CONNELL, R. *Masculinidades*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

CONNELL, R; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, nº 1, p. 241-82, 2013.

COURTINE, J. Impossível Virilidade. In: CORBIN, A; COURTINE, J; VIGARELLO, G (Orgs.). *História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013.

DAILYMAIL. 'Life is beautiful!': Paris Hilton shows off her bathing suit body as she enjoys yet another exotic Holiday. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/tvshowbiz/article-3614455/Paris-Hilton-shows-bathing-suit-body-enjoys-exotic-holiday.html#ixzz4kn6FEeLD>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

FABRÍCIO, M. Prefácio. In: BONFANTE, G. *Erótica dos signos em aplicativos de pegação: performances íntimo-espectaculares de si*. Rio de Janeiro: Luminária Academia, 2016.

FÉRAL, J. Performance e performatividade: o que são os estudos performáticos? In: MOSTAÇO, E. *et al.* (Orgs.). *Sobre performatividade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009.

FONE, B. *Homofobia: uma historia*. México: Editorial Océano de Mexico, 2000.

FORTH, C. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In: CORBIN, A; COURTINE, J; VIGARELLO, G (Orgs.). *História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013.

GONÇALVES, E. *Match de araque: criminosos descobrem o Tinder; conheça os golpes*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/tecnologia/match-de-araque-criminosos-descobrem-o-tinder-conheca-os-golpes/>>. Acesso em 10 set. 2017.

GRINDR. *Grindr fact sheet 2017*. Disponível em: <<https://www.grindr.com/press/>>. Acesso em mai. 2017.

HAROCHE, C. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: CORBIN, A; COURTINE, J; VIGARELLO, G (Orgs.). *História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013.

J'ADOREI FASHION. *How to Dress Like Blair Waldorf*. Disponível em: <<http://jadore-fashionlove.blogspot.com.br/2011/12/how-to-dress-like-blair-waldorf.html>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

LASHER, M. *The Story Behind the Most Popular Lesbian Dating App*. Disponível em: <<http://motto.time.com/4655865/her-lesbian-dating-app/>>. Acesso em 10 set. 2017.

MAIGRET, E. *Sociologia da comunicação e das mídias*. São Paulo: Ed. SENAC, 2015.

MEDEIROS, E; MENDONÇA, C. “Não aos afeminados”: um estudo sobre o enquadramento normativo de masculinidade no aplicativo de relacionamento Grindr. In: Simpósio de Estudos de Gênero e Diversidade Sexual, 2, 2016, Sorocaba. *Anais...* Sorocaba: Universidade Federal de São Carlos, 2016.

MISKOLCI, R. “Discreto e fora do meio” – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu*, Campinas, vol. 1, n. 44, p. 61-90, 2015.

MISKOLCI, R; PELÚCIO, L. Prefácio. In: PERLONGHER, N. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

MODA SEM CENSURA. *Editorial: Renan Oliveira*. Disponível em: <<http://modasemcensura.com/editorial-renan-oliveira/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

MOSTAÇO, E. Fazendo a cena: a performatividade. In: MOSTAÇO, E. *et al.* (Orgs.). *Sobre performatividade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009.

OLIVEIRA, T. *Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil*. Disponível: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

PEREIRA, D; MATOS, O. Chapeuzinho Vermelho e mamãe trouxe um lobo para casa: uma aproximação. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 2, n. 3, p. 147-159, 2009.

PERLONGHER, N. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PRADO, M. In: BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PRECIADO, P. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

_____. *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa, 2008.

QUEERFEED. *Polícia do Egito usa Grindr para prender homens gays*. Disponível em: <<http://www.queerfeed.com.br/policia-egipcia-usa-grindr-para-pegar-homens-gays>>. Acesso em: 08 de nov. 2016.

REIS, R. Entre beijos, gritos e insultos: a pauta LGBT entra em campo na Copa do Mundo de 2014. In: CIRINO, J; BRAGA, C (Orgs.). *Tópicos em mídia e cidadania*. Goiânia: PPGCOM/FIC/UFG, 2016, p. 185-213.

SCHECHNER, R. *Performance e antropologia de Richard Schechner*. RJ: Mauad X, 2012.

_____. *Performance studies: an introduction*. London: Routledge, 2006.

SIBILIA, P. *La intimidad como espectáculo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

SIBILIA, P. *O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 25, p. 68-84, dez. 2004.

SILVA, S. Performances de masculinidade, práticas de subversão: o consumo de telefones celulares entre jovens de camadas populares. *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, v. 9, n. 26 p. 61-82, 2012.

SODRÉ, M. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.

STERN, M. *This Daily Beast Grindr Stunt Is Sleazy, Dangerous, and Wildly Unethical*. Disponível em: <http://www.slate.com/blogs/future_tense/2016/08/11/the_daily_beast_s_olympics_grindr_stunt_is_dangerous_and_unethical.html>. Acesso em: 08 de nov. 2016.

TAMAGNE, F. Mutações Homossexuais. In: CORBIN, A; COURTINE, J; VIGARELLO, G (Orgs.). *História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013.

WARNER, M. *Fear of a Queer Planet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993

WEEKS, J. *Sexualidad*. México: Paidós-UnaM- PUEG, 1998.